

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS LINGÜÍSTICA

O PORTUGUÊS FALADO POR ADOLESCENTES E ADULTOS POUCO ESCOLARIZADOS DE 05 COMUNIDADES DE FLORIANÓPOLIS E POSSÍVEIS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PADRAO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

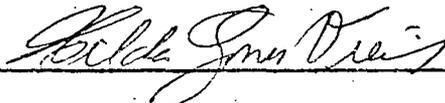
MARIA CLÁUDIA DE SENA ABRAHÃO

FLORIANÓPOLIS - 1989

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do
título

Mestre em Lingüística

Área de Concentração: Lingüística Aplicada, pelo Programa
de Pós-Graduação



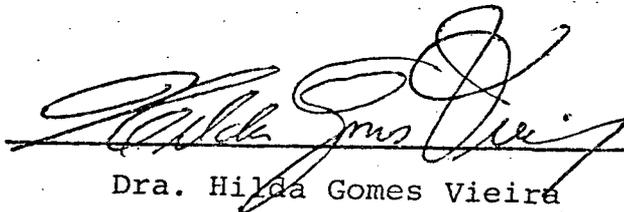
Orientadora: Dra. Hilda Gomes Vieira



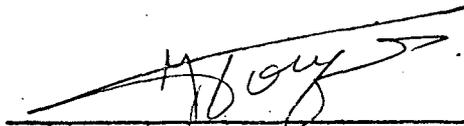
Coordenadora do Curso de

Pós-Graduação: Maria Marta Furlanetto

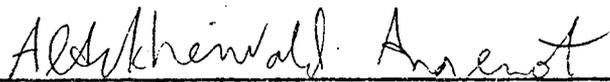
BANCA EXAMINADORA:



Dra. Hilda Gomes Vieira



Dr. Jean-Pierre Angenot



Dra. Alexandra Aikhenvald-Angenot

A todos os profissionais da área
de educação que se interessam
pela alfabetização de adultos.

AGRADECIMENTOS

A todos quantos, de uma ou de outra forma, colaboraram para que esta pesquisa chegasse a bom termo, e em especial:

- Ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras da UFSC - S.C., professores e colegas de curso, pelo apoio e estímulo.

- Ao Departamento de Letras da UFU - M.G., pela confiança, apoio e estímulo.

- À Doutora Hilda Gomes Vieira por sua dedicação e gentileza de suas sugestões tão valiosas.

- Ao Departamento de Computação da UFSC - NPD - pela assessoria na parte de computação e estatística.

- Aos meus pais pelo apoio e estímulo.

- Ao meu namorado e companheiro pela compreensão das longas horas distante de seu convívio, apoio e estímulo.

- Às pessoas entrevistadas: que passaram a ser os informantes desta pesquisa.

Adaptações do Alfabeto Fonético Internacional para a
transcrição fonética;

/ = S (maiúsculo)

Λ=Z (maiúsculo)

' = apóstrofe (marcador da sílaba tônica)

e = é

ɔ = ó

X = I

n = ñ

- = para mostrar a nasalidade das vogais

RESUMO

Neste trabalho apresentam-se as palavras da fala espontânea de adolescentes-adultos na faixa entre 15 a 28 anos, analfabetos ou com pouca escolaridade, de 05 comunidades de Florianópolis, em ordem crescente de frequência e distribuídas entre 12 classes de palavras que são o substantivo, o adjetivo, o pronome, artigo, verbo, advérbio, numeral, preposição, conjunção, contração, interjeição, palavra explicativa.

são ressaltados alguns aspectos fonológicos de cada categoria e algumas relações entre sons e letras dos nomes, que podem dificultar a aprendizagem da escrita, oferecendo-se dados estatísticos dos resultados obtidos.

Pretende-se fornecer subsídios para a confecção de material didático à alfabetização de adultos, partindo da realidade sociolingüística do aprendiz.

A fundamentação teórica regente é a variação lingüística de Willian Labov e de acordo com ela tenta-se ressaltar algumas diferenças entre a fala dos informantes e a da língua padrão normalmente ensinada na escola.

A hipótese base é de que existem diferenças significativas entre a fala do alfabetizando adulto e a referida língua padrão capazes de dificultar a aprendizagem da modalidade escrita e levar o aprendiz a cometer erros pelo apoio de sua linguagem oral.

ABSTRACT

This research aims at presenting the spontaneous speech of teenagers and young adults from 15 to 28 years, either illiterate or semi-illiterate. They were picked out from five communities of Florianópolis. The words were listed according to their occurrence, graduated according to frequency, and distributed in twelve categories, which are: noun, adjective, pronoun, determinant (article), verb, adverb, numeral, preposition, conjunction, abbreviation, exclamation and fill in words'.

Some phonological aspects of each category are singled out, and with regard to noun, whose learning in the written form is somehow difficult, some connections between sounds and letters were focused. -Survey data froiri the findings are likewise c

The work intends, furthermore, to provide some insights towards the elaboration of materiais to teach adult illiterates, taking into account their sociolinguistic setting.

The leading theoretical principle is W. Labov's language variation model, which also helps explain the differences between informants' and standard language*

The basic hypothesis is that the gap between adult learner's spoken language and the standard written form hinders the acquisition of the latter, Thus reliance on speech accounts for learner's errors.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1.1. Justificativa	3
1.2. Metodologia	7
1.2.1. As Variantes Estabelecidas	8
1.2.2. As Entrevistas	10
1.2.3. A Busca do Informante	10
1.3. Fundamentação Teórica	11
1.4. Dialeto-Padrão, o que foi Considerado.....	14
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO DE ADULTOS	16
2.1. Educação Popular	16
2.2. Educação de Adultos	26
2.3. Justificativa	38
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE PO CORPUS	40
3.1. Listagem por Classe de Palavra.....	43
3.1.1. Substantivos	43
3.1.2. Adjetivos	64
3.1.3. Pronomes	72
3.1.4. verbos	76
3.1.5. Advérbios	85
3.1.6. Numerais	91
3.1.7. Artigos	93
3.1.8. Preposições	94
3.1.9. Contrações	95
3.1.10. Conjunções	96
3.1.11. Interjeições	99
3.1.12. Palavra Explicativa	100

CAPÍTULO IV - ASPECTOS FONOLÓGICOS E RELAÇÕES ENTRE SONS	
E LETRAS.....	101
4.1. Aspectos Fonológicos	102
4.1.1. A Síncope nas Proparaxítonas.....	102
4.1.2. Redução de Ditongos	104
4.1.3. Perda de r final	109
4.2. Relações-entre Sons e Letras	115
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	130

LISTA DE QUADROS

1 - Censo publicado pela S.E.E. sobre os evadidos do ensino regular de 19 grau do Estado - 1980-1987	6
2 - Frequência e porcentagem dos substantivos concretos e abstratos	54
3 - Frequência dos substantivos resultantes da derivação regressiva	55
4 - Frequência das palavras compostas por justaposição .	55
5 - Frequência de prefixos derivacionais de substantivos e adjetivos	58
6 - Frequência dos sufixos derivacionais de substantivos	59
7 - Frequência de sufixos denotadores de substantivos abstratos	60
8 - Frequência da flexão de gênero nos substantivos	52
9 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos substantivos	63
10 - Frequência de prefixos e sufixos dos adjetivos	68
11 - Frequência e porcentagem da flexão de gênero nos adjetivos	71
12 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos adjetivos	71
13 - Frequência, e porcentagem dos pronomes	74
14 - Frequência e porcentagem da flexão de gênero nos pronomes	75
15 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos pronomes	76

16 -	Frequência e porcentagem dos modos verbais	81
17 -	Frequência e porcentagem dos tempos verbais	82
18 -	Frequência e porcentagem de verbos auxiliares e prin:- cipais	83
19 -	Frequência e porcentagem da flexão de número nos verbos	85
20 -	Frequência e porcentagem dos advérbios	89
21 -	Frequência e porcentagem das conjunções	97
22 -	síncope na palavra ônibus	103
23 -	Ditongo 10 - IA	104
24 -	Ditongo EI	106
25 -	Ditongo AI	107
26 -	Ditongo Oü	107
27 -	Ditongo AU	108
28 -	Ditongos que não sofreram redução	108
29 -	Substantivos que sofreram a perda do - r final	no
30 -	Substantivos que não sofreram a perda do - r final .	H2
31 -	Perda do - r em final de sílaba e em grupos conso- nantais , . ^ ,	113
32 -	Letras que representam diferentes sons, segundo a posição.....	116
33 -	Som representado por diferentes letras, segundo a posição -.....	117
34 -	Letras que representam fones idênticos em contextos idênticos	118

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho é dirigido às pessoas que se interessaram pelo ensino de adultos. Sabemos que a arte de ensinar adultos é uma arte flexível e bastante diferenciada cujos princípios podem ser aplicados e adaptados a uma extensa variedade de situações de ensino.

As investigações neste domínio são ainda hoje infelizmente escassas em quantidade e qualidade, sendo que o Brasil apresenta um alto índice de analfabetismo.

Este estudo é o resultado de uma análise fonológica de um corpus de 12.001 ocorrências vocabulares, distribuídas entre 12 classes de palavras.

O objetivo é descrever e analisar alguns aspectos fonológicos existentes na fala do adulto[^] alfabetizando e comparar com a língua padrão brasileira, para detectar possíveis dificuldades que serão esbarradas no processo ensino-aprendizagem ao longo dos cursos.

Acredito ser possível, através de vuna análise lingüística, obter um elenco de diferenças fonológicas significativas que dificultem o aprendizado da língua escrita.

A amostra está constituída por 10 adolescentes-adultos na faixa etária entre 15 a 20 anos, analfabetos ou com baixa escolaridade pertencentes às comunidades de Barra do Sambaqui, Rationes, Barra da Lagoa, Freguesia do Ribeirão, Canto da Lagoa.

O primeiro capítulo é a introdução deste trabalho, onde se encontra o objetivo, as hipóteses, a justificativa, a metodologia, a fundamentação teórica que nortearam esta pesquisa.

O segundo capítulo trata resumidamente das origens, da evolução e das funções das idéias, das leis e das tentativas de implantação da educação de adultos no Brasil e especificamente em Santa Catarina.

O terceiro capítulo trata da descrição e análise dos dados. Procura listar as palavras de acordo com as classes de palavras a que pertencem e em comentar alguns aspectos fonológicos,

O quarto capítulo apresenta alguns aspectos fonológicos e algumas relações entre sons e letras frequentes na fala e que podan dificultar a aprendizagem de língua padrão. Foi analisado apenas os substantivos

O quinto capítulo trata da conclusão dos aspectos analisados numa perspectiva lingüística e pedagógica.

No final, são apresentadas algumas entrevistas feitas com os informantes, escolhidos, o questionário aplicado e a carta de apresentação enviada a cada Associação de Bairro, quando existia, a título de ilustração do trabalho.

Não se pretende aqui discutir sobre métodos ou técnicas de ensino, mas sim contribuir com os educadores da área fornecendo subsídios para montar material didático adequado a alfabetização de adultos, já que se tem consciência de que o problema de dificuldade de aprendizagem não é o método. Claro que não existe métodos e técnicas infalíveis, mas, quando bem escolhidos e aplicados parecem ser eficientes.

1.1. Justificativa

O campo de pesquisa que se preocupa com os problemas de estudo da linguagem e os problemas da educação (alfabetização e ensino de segunda língua) é a lingüística aplicada à educação, ou Lingüística Educacional.

O desenvolvimento dos estudos de lingüística é muito recente (posterior à década de 60), no Brasil, e mais recentes ainda são os projetos de investigação que exploram o espaço interdisciplinar da Lingüística e da Educação.

Por este motivo e por outros de natureza econômica e política, poucos são os trabalhos e pesquisas desenvolvidas na área de educação, especificadamente, da alfabetização de adultos. A maioria dos trabalhos e pesquisas feitas foram na área de alfabetização de crianças.

Assim sendo, o desenvolvimento deste trabalho foi o desejo de contribuir, cooperar e fornecer subsídios, mesmo que parcialmente, aos educadores envolvidos na alfabetização de adultos para se obter um maior conhecimento de seu instrumento de trabalho; a língua falada em situação informal, natural e frequente de comunicação.

Parte-se do pressuposto de que as diferenças fonológicas existentes entre a fala do alfabetizando adulto e a língua padrão brasileira que vai ser ensinada na escola dificulta a compreensão do sistema lingüístico na aprendizagem e faz com que o aluno enfrente uma série de dificuldades ao tentar escrever. Se ele não for levado a compreender esta diferença, provavelmente, irá produzir uma escrita de forma inadequada, por se deixar levar pelo apoio oral. Mas antes de pensarmos um método de fazê-lo compreender as diferenças é preciso que se conheça quais são estas diferenças e quais podem trazer problemas realmente.

Um dado importante é que um censo publicado pela Secretaria de Estado da Educação de Florianópolis, em julho de 1988, mostrando a quantidade de alunos evadidos do ensino regular de 19 grau do Estado entre 1980 a 1987, diz que em 1980 o total de evadidos foram 77.399; em 1981, 68.905; em 1982, 72.713; em 1983, 76.367; em 1984, 72.284; em 1985, 47.744; em 1986/ 52.400; em 1987, 48.226 alunos, isto corresponde apenas a rede Estadual.

Sabe-se que os motivos de evasão da escola pública são muitos, e não se propõe, discuti-los aqui, mas diante de um censo como este, a pergunta é automática: Será que todos ou a maioria destes indivíduos voltaram para a escola e conseguiram se alfabetizar?

Muito pretenciosamente, respondo que não. Alguns poucos certamente conseguiram voltar, mas a maioria não. Então o número de pessoas analfabetas ou com baixa escolaridade ainda é muito grande. Só em Florianópolis, de acordo com um levantamento feito pela própria Secretaria de Educação e Fundação Educar,

em 1987, existiam 12.000 analfabetos.

Agora o que é ser analfabeto e alfabetizado?

No Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Hollanda, diz que; Alfabetização - Ação de alfabetizar, de propagar o ensino da leitura; Alfabetizado - Que, ou o que sabe ler.

Parece-me que são conceitos muito vagos e incompletos. A ação de alfabetizar vai além do simples ensinar a reconhecer letras, sons, sílabas e palavras ou saber desenhar o próprio nome. É ensinar o indivíduo a pensar sobre si mesmo, sobre o seu mundo e o mundo que o rodeia, a expressar suas idéias, seus desejos, suas necessidades, seus sentimentos de forma clara e objetiva tanto oralmente como na escrita. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo cresça intelectualmente e tome consciência de sua própria língua. Um indivíduo alfabetizado é aquele que sabe pensar, interpretar, criticar, discutir idéias, fatos, acontecimentos; sabe se expressar oralmente e através da escrita.

A alfabetização é um processo a longo prazo e, não se consegue em 1 mês e nem em 1 ano.

Alguns profissionais da área afirmam alfabetizar um indivíduo em menos de um ano. Acredito que alfabetizar neste caso se limita a ler e escrever poucas palavras e frases.

A maioria dos informantes que proporcionaram esta pesquisa fizeram até 4º ano primário completo. Eles foram considerados, já que o conceito de alfabetização adotado é mais amplo do que o convencional.

QUADRO 1 - Evadidos do ensino regular de 1º grau do Estado - 1980 a 1987.

ANO	SÉRIES ■								TOTAL
	1º	2^	3º	4^	5^	6º	7^	8º	
1980	18.849	11.027	9.115	9.692	8.155	6.472	5.925	7.804	77.899
1981	18.088	9.844	8.323	9.018	7.464	6.011	5.310	8.852	68.905
1982	17.504	10.986	8.756	9.198	7.808	6.040	5.665	6.765	72.713
1983	16.719	11.194	9.629	9.757	8.901	6.357	5.714	8.603	76.367
1984	18.026	10.680	9.329	9.138	8.071	6.120	5.186	5.134	72.284
1985	9.785	5.246	4.475	5.492	6.876	5.365	4.717	5.908	47.744
1986	8.151	4.696	4.360	5.302	9.002	6.805	6.517	7.367	52.400
(1)1987	8.088	4.780	4.669	5.565	9.351	5.881	5.194	4.748	48.226
TOTAL	115.130	68.547	58.716	63.162	65.628	49.051	44.228	51.581	516.043

FONTE: SEE/UNINFO.

(1) Corresponde apenas a rede estadual.
Estimativa para o total do-Estado: 62.794.

O método utilizado para a pesquisa do campo foi todo norteado. pelas orientações do professor, doutor Fernando Tarallo em seu livro A Pesquisa Sociolinguística.

A pesquisa foi realizada in loco em 05 comunidades de Florianópolis, a saber: Sambaqui, Ratoles, Barra da Lagoa, Freguesia do Ribeirão, Canto da Lagoa.

Numa consulta feita no último recenseamento realizado na cidade de Florianópolis, que data de 1980, pelo I.B.G.E., verificou-se que os 10 bairros pertencentes ao município tinham um número de pessoas consideradas analfabetas ou semi-alfabetizadas, entre 04 a 15. O ideal para esta pesquisa era trabalhar com os 10 bairros, tendo no total 40 informantes. Foram feitas 40 entrevistas, mas devido a complexidade do trabalho, a grande quantidade de dados obtidos e o pouco tempo para analisá-los, decidiu-se reduzir o número de bairros e informantes. Sendo assim dentre os 10, 05 bairros foram escolhidos por terem um número razoável de analfabetos, variando de 5 a 10 pessoas, de serem de fácil acesso e para que alguns representassem o norte da Ilha (Barra do Sambaqui, Ratoles, Barra da Lagoa) e outros o sul da ilha (Freguesia do Ribeirão, Canto da Lagoa), tendo assim uma visão mais global dos elementos linguísticos da ilha do que de uma região em especial.¹

Os dados que compuseram a 'amostra' representativa basearam-se em gravações informais realizadas com os informantes

¹Consulta feita no IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980 - volume 1 - tomo - 3 - nº 19. Censo Demográfico - Dados Distritais - Santa Catarina - R.J. I.B.G.E.

encontrados e disponíveis do local. A amostra consta de 10 informantes e um total de 12.001 palavras. Para uma maior clareza e facilidade na citação dos dados exemplificativos, numeramos as páginas datilografadas, os informantes e as linhas que compõem cada página.

Os dados gravados foram transcritos com base no Alfabeto Fonético Internacional, com algumas adaptações feitas para facilitar na hora da datilografia e sem registrar as variações de alguns fonemas, como do /a/ em posição final, por acreditar que estas variações não causarão problemas para a aprendizagem da língua escrita. Fez-se também uma outra transcrição com base no sistema ortográfico convencional. As formas que diferem do nosso sistema padrão foram transcritos de maneira a retratar o mais próximo possível a pronúncia registrada. Este método de transcrição foi também adotado para facilitar a leitura das exemplificações aos leitores não especializados. A transcrição dos dados gravados foi realizada após o término de todas as entrevistas .

1.2.1. As Variantes Estabelecidas

Na escolha dos informantes foram levados em conta os seguintes fatores:

1) Idade

Dois grupos etários foram estabelecidos;

a) 15 a 21 anos,

b) 22 a 28 anos.

A escolha dos informantes nesta faixa justifica-se por acreditar que a contribuição desta pesquisa aos educadores que trabalham na área, beneficiará uma faixa que pode aproveitar mais os estudos e progressos intelectuais com a alfabetização, tanto política, social e economicamente, embora um número maior de pessoas consideradas analfabetas se encontre nas faixas etárias acima de 40 anos.

2) Escolaridade

Visando atender aos objetivos do trabalho que são, fundamentalmente, a descrição de alguns aspectos do sistema linguístico em uso efetivo pelos falantes "não-escolarizados" ou "semi-escolarizados" de algumas comunidades de Florianópolis e pela posição assumida do que é ALFABETIZAR e conseqüentemente do que é ser ALFABETIZADO, aceitou-se que os informantes poderiam ser, no máximo, escolarizados até 4ª série do 19 grau.

A maior parte dos informantes afirmou ser semi-alfabetizado.

3) Sexo

Selecionou-se dois informantes de cada comunidade, sendo sempre um homem e uma mulher, distribuídos o mais homogeneamente possível dentro das duas faixas etárias. Isto é, ao selecionar um indivíduo do sexo masculino na faixa etária entre 15 a 21, numa comunidade, tentava-se selecionar um indivíduo do sexo feminino na mesma faixa etária, numa outra comunidade obtendo-se assim 50% de indivíduos do sexo masculino numa faixa e 50% de indivíduos do sexo feminino na mesma faixa.

4) Naturalidade

O informante deveria ser pessoa nascida na comunidade em estudo ou pelo menos morar lá desde os 5 anos de idade.

1.2.2. As Entrevistas

Para as entrevistas, foi elaborado um questionário, abordando o dia-a-dia dos informantes (seus costumes, suas dificuldades, seus anseios), opiniões sobre fatos, etc. (Ver anexo 1).

A entrevistadora, a responsável por esta pesquisa, procurou na medida do possível, deixar o informante menos inibido e fluir naturalmente, sem levar em conta qualquer rigidez quanto ao tempo reservado para as respostas e quanto ao assunto das histórias contadas no final de cada entrevista.

Foi utilizado um gravador simples e manual para as gravações, marca AIKO-ATP-709.

As entrevistas foram realizadas, ou na residência do informante, ou no local de trabalho, conforme o mais conveniente no momento. Por este motivo, nem sempre conseguia-se evitar barulhos, interrupções e intervenções de familiares durante as gravações.

Antes da realização das entrevistas, foi preenchida uma ficha (ver Anexo 2) com dados básicos do informante, a fim de se controlarem as variáveis estabelecidas na escolha dos informantes. Caso não preenchessem as variáveis, as entrevistas não eram feitas.

1.2.3. A Busca do Informarce

Foi elaborado uma carta de apresentação da pesquisadora, mostrando que tipo de trabalho pretendia desenvolver, seu objetivo, as características e a quantidade ideal de informantes.

Ela foi entregue aos responsáveis pela Associação de Bairro de cada local, quando tinha. Estas pessoas é que indicavam os possíveis informantes e seus endereços. Quando não havia Associação de Bairro, pedia-se a cooperação^ou em Cartórios Eleitorais ,ou em barzinhos do lugar.

Muitas vezes indicaram pessoas com deficiência mental, ou pessoas que estiveram pouco tempo na escola, mas que mostraram ter um conhecimento razoável da escrita e da leitura. Muitos informantes não concordavam em conversar com a pesquisadora por não entender o que se pretendia, por medo, por achar uma perda de tempo ou por acreditar que a pesquisadora pertencia ao grupo do MOBREAL e afirmavam que não precisavam disso. Outras vezes, não encontrava as pessoas nos endereços indicados. Além disso, o fator tempo, às vezes muito calor, muita poeira, às vezes chuva, também dificultava o bom andamento das entrevistas.

Houve necessidade de voltar três ou quatro vezes numa mesma comunidade.

1.3. Fundamentação Teórica

Apesar dos estudos lingüísticos no Brasil estarem bastante difundidos, nota-se sua pouca influência no ensino da língua portuguesa. Martin (1975) diz que: ou a lingüística tem poucas possibilidades de traduzir-se em efeitos práticos, ou há uma grande e lamentável falta de comunicação entre, por um lado, os teóricos desta matéria e, por outro, os encarregados

2

Ver carta de apresentação no Anexo 3.

Ver algumas entrevistas no Anexo 4.

Ver adaptações feitas no Alfabeto Fonético in Símbolos.

do ensino do português.

Não tem como contestar a importância da lingüística na prática de ensino, especificamente, na Alfabetização de Adultos .

De acordo com Fishman (1971), o progresso social e nacional depende, em grande parte, da alfabetização que deve estar suficientemente adiantada e disseminada. No Brasil, ainda hoje, o índice de analfabetismo é muito alto principalmente em regiões muito pobres, nas periferias das cidades, e nas áreas rurais. A questão do analfabetismo é muito complexa e envolve uma série de problemas. Existe ainda um grande desconhecimento da realidade lingüística e pragmática da clientela a ser alfabetizada, por parte dos docentes e, principalmente, por parte dos responsáveis na elaboração do material didático destinado à alfabetização. São poucos os trabalhos de análise e descrição de dialetos, entendido aqui, como a língua falada em determinada área.

Muitas vezes o adulto tem grande dificuldade na tarefa da alfabetização por problemas exclusivamente lingüísticos, que é justamente o conflito lingüístico existente entre o código dos materiais de ensino, cartilhas por exemplo, e o código usado pelo aluno. Assim o processo de aprendizagem da escrita é enormemente retardado, quando o universo sócio-cultural veiculado pelos materiais de ensino não é o mesmo dos adultos. Vocabulários e estruturas novas devem ser introduzidos após a etapa da aprendizagem do ler e escrever, com o objetivo de ampliar o conhecimento do aluno.

É claro que para propor uma alfabetização de adultos, baseada na realidade lingüística, tem-se de buscar subsídios em

descrições lingüísticas da região ou da comunidade a ser atingida.

Assim, este trabalho pretende fazer uma descrição e análise parcial de aspectos morfológicos, fonológicos e mostrar algumas relações entre sons e letras que dificultam a aprendizagem da língua escrita, frequentes na fala, com base em uma amostra colhida de falantes não-escolarizados ou semi-escolarizados de cinco comunidades de Florianópolis. Claro que uma análise descritiva baseada numa amostra específica é bastante restrita, mas também não deixa de ser uma contribuição a estudos desta natureza.

Para a análise, buscou-se subsídios na teoria da variação lingüística, que não é nada mais que um modelo teórico-metodológico que assxime que as maneiras diferentes, duas ou mais, de se dizer a mesma coisa, variantes lingüísticas, que subsistem e coexistem, são objeto de estudo de especialistas e interessados nos fenômenos.

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada, e esta heterogeneidade deve ser sistematizada.

O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov. Foi ele quem, mais energicamente, insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua.

Desenvolveu vários trabalhos estudando o inglês falado como: o estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), de 1963; estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966) ; a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque,

e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. Outros estudos lingüísticos de outras comunidades de fala foram realizados por outros pesquisadores da área. No Brasil, exemplo de trabalho feito nesta área é o de Sebastião Votre, que trabalhou com o léxico das crianças em idade de alfabetização da cidade do Rio de Janeiro, publicado em setembro de 1980.

1,4. Dialeto-Padrão, o que foi Considerado

É difícil falar em dialeto-padrão, ou variedade-padrão falada por brasileiros. Não existe uma variedade ou dialeto conhecido como "português do Brasil".

Numa mesma região, como por exemplo, São Paulo, há um modo de falar que goza de grande prestígio e vários outros modos que, em graus diferentes, são estigmatizados, chegando-se ao dialeto caipira, que o é em maior grau. No Rio de Janeiro, há um modo de falar que é considerado de prestígio, mas que é diferente do modo de falar de prestígio de São Paulo.

Em outras regiões do país, desde o Norte até o Sul, acontece o mesmo,

Estas variedades sempre revelam, ou a origem geográfica, ou as classes sociais a que pertencem os falantes.

Sabe-se, porém, que com a entrada do rádio e mais tarde a da televisão nas casas e conseqüentemente na vida das pessoas, criou-se um novo conceito de fala de prestígio: a fala formal da televisão. Pode-se notar que locutores de rádio e televisão de regiões diferentes têm um mesmo padrão de fala, com exceção em programas regionais. Porém, esta fala formal da televisão se restringe mais a programas de entrevistas e jornal, cuja au-

diência é baixíssima se comparada a novelas e programas destinados ao povo em geral, como o do Sílvio Santos. Não se quer dizer com isso que a fala formal da televisão não chega a influenciar adultos e crianças de classes sociais diversas, mas acredita-se que seja em pequena proporção ainda.

Desta forma, para efeitos deste estudo, será considerada a língua escrita convencional, que bem se sabe, está baseada num padrão dialetal que falante algum, por erudito que seja, executa na fala, mesmo nas situações mais formais e policiadas. Cada dialeto geográfico ou social apresenta certos desvios dessa norma, que por motivos indeterminados lingüisticamente, alguns são socialmente bem aceitos e outros estigmatizam socialmente os falantes.

Deve-se reforçar aqui, como outros pesquisadores, estudiosos e profissionais da área já o fizeram, que não se pode estigmatizar um indivíduo ou os indivíduos por usarem um determinado dialeto ou mesmo desprezar este dialeto, podendo assim o professor-alfabetizador cometer grandes injustiças para com os alunos e comprometer o processo de Educação a que se propõe.

■CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

2.1. Educação Popular

As tentativas de implantação e desenvolvimento da educação elementar para todos aparecem na história das instituições educacionais brasileiras com um evidente caráter de antipação às solicitações educacionais do meio já em 1824, o artigo 179, número XXXII, da Constituição então outorgada pela Coroa, garantia "a instrução primária gratuita a todos os cidadãos". . Um pouco mais tarde, a lei de 15 de outubro de 1827 determinava a criação das "escolas de primeiras letras que fossem necessárias em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do país". A afirmação legal do direito dos cidadãos à educação elementar e as disposições quanto à criação das escolas de primeiras letras no, entanto, não criavam, por si sós, as condições imprescindíveis à implantação da instrução "popular" no país. "Os resultados, porém dessa lei de 1827 que fracassou por várias causas (econômicas, técnicas e políticas) não corresponderam aos intuitos do legislador, o governo mostrou-se incapaz

de organizar a educação popular no país, poucas, as escolas que se criaram, sobretudo as de meninas que, em todo o território, em 1832, não passavam de 20..."^

Uma nova lei geral para o ensino primário viria a surgir mais de um século após a promulgação desta lei de 1827, apesar de que o tema da educação "popular" e as iniciativas voltadas à sua implantação e desenvolvimento continuariam presentes, com maior ou menor intensidade, durante toda a evolução do Império e da República. Em fevereiro de 1854, no "Regulamento da instrução primária e secundária do Município da Corte" fixava-se, além do reconhecimento do direito dos cidadãos à instrução elementar, também a idéia de obrigatoriedade da frequência às escolas primárias. Esta idéia, porém, foi modificada após o reconhecimento da impossibilidade de sua realização prática. Após a centralização político-administrativa, posterior à Revolução de 1930, que os problemas da obrigatoriedade da frequência às escolas primárias se coloca, novamente, em termos nacionais na Constituição de 1934² é, principalmente, na Constituição de 1946, onde se encontram reafirmados os princípios da obrigatoriedade e da gratuidade do ensino primário para todos^, o legislador incluiu na Constituição de 1946, um item obrigando as empresas industriais, comerciais e agrícolas, com mais de cem trabalhadores, a manterem ensino primário para os servidores e

¹ Fernando de Azevedo. A Cultura Brasileira, tomo terceiro, "A transmissão da cultura". 3.ed, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1958. p.72

^A Constituição de 1934, em seu Capítulo II, Artigo 150, atribuía a União a competência de fixar o plano nacional de educação, que por sua vez, obedeceria às seguintes normas; a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensiva aos adultos".

^Constituição de 1946, Artigo 168.

seus dependentes ⁴. -Porém, e mais uma medida que só viria a produzir algum resultado transcorrido cerca de vinte anos^.

Ao lado das providências de cunho coercitivo, tantas vezes reafirmadas nos dispositivos legais, a instalação do maior número possível de escolas aparecia como o instrumento mais eficaz na conquista das populações para o ensino de nível primário. A expansão da rede de escolas oficiais se afigurava uma consequência necessária da adesão à obrigatoriedade. Porém, em todas as regiões do território, os esforços voltados à extensão da rede de escolas oficiais esbarravam, entre outros obstáculos, principalmente na insuficiência de recursos financeiros disponíveis para os investimentos na área da educação^.

Por causa dos poucos recursos financeiros destinados à Educação, houve a adoção de "soluções de emergência" que possibilitavam a rápida e econômica multiplicação da capacidade de matrícula da rede de escolas oficiais, no intuito de prevalecer a orientação voltada para o atendimento de todos. As "soluções de emergência" são referentes a: as normas relativas à composição das turmas, que admitem número flexível de alunos, com limites máximos bastante elevados; as denominadas "classes de emergências", criadas sempre que as classes comuns das escolas existentes já não comportam os pedidos de matrícula; o "tresdobramento" dos pedidos de matrícula; o "tresdobramento" dos períodos diários de funcionamento da escola e a improvisação de salas de aula em locais inadequados. Para as regiões rurais.

^Constituição de 1946, Artigo 168, Itens III e IV.

^Lei nº 4.440, de 27/10/64, que institui o "Salário-Educação".

®Ver, entre outros autores, Almeida Jr., E a Escola Primária? Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1959, e Heládio Cesar Gonçalves Antunha, A Reforma da Instrução Pública de 1920 no Estado de São Paulo, edição mimeografada, pp.54 e 55.

em áreas de baixa densidade populacional, a legislação previu a instalação das escolas isoladas⁷ que reúnem todos os alunos das redondezas em uma só classe de primeira, segunda e terceira séries e das classes de emergência⁸. Dessa forma, ideologicamente, tanto nas áreas urbanas quanto rurais, a rede escolar aparece dotada de recursos que respondem à solicitações da população.

O crescimento das taxas de matrícula, as mudanças observadas na orientação da política educacional do governo do Estado e as expressões dessa mudança na legislação escolar referida ao recrutamento de alunos e à oferta de vagas descrevem também as dimensões do processo de ampliação das oportunidades escolares no ensino de nível médio.

Nos grandes centros urbanos do país, após a queda do Estado Novo, e que se estende até por volta de 1962, o crescimento da rede de escolas se apresenta basicamente, como uma resposta às pressões resultantes da ampliação da procura de vagas. Esta ampliação da procura se dá principalmente por causa de alguns aspectos de mudanças que ocorreram nas condições morais e materiais de existência do homem no âmbito do processo de

⁷ "Os únicos estabelecimentos públicos destinados a ministrar o ensino primário (preliminar) eram, ao proclamar-se a República, as escolas preliminares, unidades escolares não agrupadas, em que um professor ministrava a instrução para crianças de diversas idades e de avanço escolar heterogêneo. Logo depois, particularmente quando foram criados os primeiros grupos escolares, e para deles se distinguirem, aqueles estabelecimentos passaram a denominar-se escolas isoladas, nome que conservam até hoje" (Heládio C.G. Antunha, op. cit., p.65).

⁸ As escolas de emergência se acrescentam à classificação das escolas primárias estaduais de São Paulo nos termos da lei nº 3.783, de 05/02/1957 - seriam localizadas em locais de acesso difícil, onde a matrícula não alcançasse os mínimos regulamentares ou fosse duvidosa a possibilidade de permanência desses mínimos.

"desenvolvimento social"⁹ da região como; o aumento da importância relativa das populações urbanas sobre as rurais; o aparecimento das novas profissões ligadas à vida urbana e industrial; o desenvolvimento das grandes burocracias públicas e privadas e a abertura de novas perspectivas de mobilidade social vertical, possíveis devido ao aumento relativo de profissões mais prestigiadas socialmente do que os trabalhos manuais urbanos e agrícolas,

A busca de sucesso segundo novos padrões explica, em grande parte, a crescente procura de oportunidades educacionais nos setores médio e superior do ensino. Com o "desenvolvimento social" do Estado, a escola secundária vê redefinidas as suas funções sociais e passa a representar, para as diversas camadas cidadinas, um meio de conquista de novas posições e ocupações na estrutura social em transformação[®]. Nesta época, para atender as necessidades educacionais da população, o agente político exerceu uma grande contribuição para a expansão das oportunidades educacionais. Tendo o interesse voltado para aquisição ou manutenção do poder, sua atuação variou de acordo com a maior ou a menor aproximação das campanhas eleitorais, ou seja, com o grau de dependência existente no momento entre a manutenção de posições de poder e o atendimento do eleitorado,

*

Apesar da evolução da rede de escolas secundárias tenha sido conduzida nessa fase, a partir de motivações políticas, o "ideário educacional" sofreu profundas mudanças. A escola se-

⁹FLORESTAN FERNANDES. Mudanças Sociais no Brasil, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1960.

^{^^}Celso de Rui Beisiegel. "Ação Política e Expansão da Rede Escolar", Pesquisa e Planejamento, nº 8, 1964, CRPE, São Paulo, p.189.

cundária não tinha jnais a função de formação e encaminhamento propedêutico das futuras elites do país. A escola secundária sofreu também mudanças qualitativas como: de escola seletiva, como a definia a legislação federal de 1942¹¹, passou à escola comum tendencialmente aberta a todos. Desajustado às novas funções sociais da escola, o currículo tradicional, embora ainda sem grandes alterações, estava modificado; sua revisão já estava implícita no processo de transformação da escola secundária em escola comum. A "democratização" da escola secundária implicava, também, a eliminação dos antigos ramos secundário, industrial, comercial e agrícola do ensino médio, e sua unificação em estabelecimentos de formação geral de todos.

Estas mudanças começam a encontrar expressão mais significativa na legislação escolar após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, em 1961, e a inauguração dos trabalhos do Conselho Estadual de Educação, em 19⁶³.

A legislação escolar dos últimos anos traduz fielmente a política de atendimento integral da procura de vagas no ensino de nível médio: entre as expressões dessa política na legislação, têm maior importância a reformulação dos critérios de admissão dos candidatos ao ensino secundário, a unificação dos exames de admissão da rede estadual de escolas secundárias, a reformulação dos critérios de aprovação de alunos nas várias séries do ensino secundário, as formulações do Conselho Estadual de Educação a propósito do ginásio único - pluricurricular e, finalmente a criação do grupo escolar - ginásio, como início de

¹¹Lei Orgânica do Ensino Secundário, Decreto-Lei número 4.244, de 9 de abril de 1942, em Wandick Londres da Nóbrega, Enciclopédia da Legislação do Ensino, pp.311-23.

implantação da escolaridade comum de oito anos, para toda a população infantil do Estado ¹².

Esta política orientada para o atendimento de toda a procura de vagas no ensino médio de primeiro ciclo ainda não afetou diretamente a situação de atendimento escolar nos degraus posteriores da escolaridade.

Ao mesmo tempo em que amplia a capacidade de alunos, o sistema escolar vem diversificando os serviços que proporciona à coletividade. No ensino de nível superior a diferenciação dos serviços aparece sob a forma de um progressivo desdobramento dos cursos tradicionais, ou de criação de cursos em novas áreas do conhecimento, resultando na atual multiplicidade de formações especializadas. Porém, no ensino de nível primário, a predominância das denominadas "funções homogeneizadoras" da educação limita as possibilidades de variações de conteúdo. A própria nomenclatura - Ensino Primário Fundamental - já define as expectativas associadas a este momento da escolaridade. Espera-se que a escola primária forneça a base da formação geral de todos. A sua política homogeneizadora despreza as potencialidades diferenciais da população infantil ou os diferentes estilos de vida das comunidades. .

Apesar da organização e dos conteúdos uniformes da escola primária, os serviços educacionais neste nível do ensino vêm sendo gradualmente diversificados. A diversificação dos serviços exprime a progressiva incorporação de setores especiais da

¹² Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, que institui a Reforma do Ensino de 19 e 29 graus. Parece que esta reforma somente havia conseguido implantar-se no Estado de São Paulo, porque já havia sido realizada entre 1967 e 1969.

população ao sistema escolar. Incluem-se, neste processo, a criação das "classes de recuperação" para as crianças "atrasadas" na aprendizagem, o desenvolvimento do ensino de crianças excepcionais - deficientes auditivos, físicos, mentais e visuais - e o desenvolvimento de um ensino supletivo, para a educação elementar de adolescentes e adultos que não passaram pela escola primária enquanto crianças.

As idéias a respeito da educação de todos os cidadãos e as suas manifestações nos trabalhos dos constituintes em 1823, na Constituição de 1824 e, logo depois, nas discussões que resultaram na Lei de 15 de Outubro de 1827 representam a dimensão educacional das formulações liberais que prevalecem no país nesse período.

De acordo com historiadores, estes registram a penetração das idéias liberais na colônia já desde os fins do século XVIII, idéias estas importadas das nações ocidentais dominantes, principalmente França. As formulações liberais que dão expressão teórica aos movimentos sociais nos períodos da colônia e pós-independência traduzem interesses radicados na estrutura "colonial" de produção, ou seja, a conservação do trabalho escravo e a exportação de produtos complementares à economia européia, que seriam conservados. As formulações liberais que prevalecem no país se colocam a serviço da expressão, dos interesses de uma aristocracia rural dominante.

A legislação dos primeiros tempos do Império virá dar expressão aos interesses dos grupos dominantes que conduziram os movimentos da independência.

Os textos legais mais importantes produzidos foram o projeto de constituição de 1823, que não vingou, e a Constituição política do Império do Brasil, de 1824, com formulações inspi-

radas nas doutrinas liberais, quando não copiadas das constituições "liberais" de outros países como Portugal e Espanha. O Brasil inicia a sua história de nação independente, sob uma Constituição que respondia às principais conquistas liberais das constituições da época; monarquia constitucional, garantia das liberdades e dos direitos individuais.

Na Constituição de 1823 se revela os direitos políticos dos cidadãos. Só teriam direito a vida pública, aqueles que possuísem propriedades e rendimentos considerados satisfatórios. Só teriam direito de voto aqueles que tivessem uma propriedade a representar. Não se considerava cidadão ativo os criados, os jornaleiros, os caixeiros das casas comerciais, cidadãos com rendimentos líquidos anuais inferiores ao valor de 150 alqueires de farinha de mandioca, ou seja, a população trabalhadora do país, inclusive os escravos. Assim, a Constituição garantia liberdade e igualdade de todos perante a lei, mas a maioria era escrava; garantia o direito de propriedade, mas 99% da população ou era escrava ou moradores em terras alheias; garantia a segurança individual, mas matava-se impunemente; garantia-se a instrução primária gratuita a todos os cidadãos, mas a maioria era e permaneceria inculta por muito tempo ainda.

Na Constituição de 1824, continua-se a sustentar a necessidade de educação para todos garantindo a gratuidade do ensino primário para todos os cidadãos.

A educação de todos era vista como meio de habilitação dos homens comuns para as novas exigências de xima nova sociedade, meio para o exercício das responsabilidades do cidadão. Nesta época, as idéias de educação popular e as tentativas de sua im-
plantação não aparecem como um produto da emergência de aspira-

ções educacionais entre os habitantes, é algo que as elites responsáveis pela evolução da sociedade se propunham levar às massas incultas do país.

Com a vinda da República, esta característica da educação popular é acentuada. A legislação que exprime as idéias a propósito da necessidade de proporcionar a instrução primária gratuita a todas as crianças, também enfatiza a necessidade de obrigar os pais, os responsáveis e os empregadores a providenciarem a matrícula dessas crianças nas escolas existentes. As medidas coercitivas deixavam claro que as populações ainda não buscavam a escola espontaneamente, que a educação primária se definia não somente como um direito de todos, mas sobretudo como uma exigência da sociedade aos seus futuros membros. Então a idéia de direito vem juntar-se a idéia de dever do futuro cidadão para com a sociedade, um dever educacional de preparar-se para o exercício das responsabilidades da cidadania. Da mesma forma, quando bem mais tarde, além de procurar assegurar ao cidadão adulto o seu direito de ter sido educado durante a infância, o poder público passou a estender também a educação do adulto que não havia freqüentado a escola primária nas idades próprias, este caráter de intervenção com vistas à realização de um determinado padrão da evolução societária que predomina sobre todos os demais aspectos desse processo educativo.

*
É preciso observar que, no Brasil, em suas diversas modalidades, a educação para o povo é um produto da atuação do poder público. Que tanto no período das lutas da independência, quanto nos primeiros tempos de república, o Brasil extrai sua organização jurídico-política de idéias e modelos institucionais importados das nações ocidentais dominantes, criando com isto uma grande defasagem entre as leis e a realidade. Assim

também foram as idéias sobre a educação para todos, era incompatível com as condições da sociedade no presente, não obstante ela se afigurava um componente indispensável à civilização que se pretendia realizar.

2.2. Educação de Adultos

A educação de adultos só começa a sua história nas últimas quatro décadas, apesar de que as idéias sobre as necessidades de proporcionar instrução aos adultos iletrados, as disposições legais sobre a questão e mesmo as primeiras classes noturnas de adultos datam desde o tempo do Império.

Referências ao ensino de adolescentes e adultos se encontram dispersas ao longo de toda a legislação escolar do Império, das Províncias e, mais tarde, dos Estados. Mas nesta época, as idéias e as medidas tomadas para a realização da educação de todos não obtiveram resultados satisfatórios. "Ao findar o Império, para \ima população de cerca de 14 milhões de habitantes, estavam matriculados em todas as escolas no País menos de 250 mil alunos"^^.

Durante a Primeira República estes dados começam a se modificar. E é principalmente após a Revolução de 30, que alguns movimentos em prol das questões de ensino são realizados em quase todos os Estados. Já havia um consenso entre as "elites cultas" do país, a noção de uma necessidade social de educação para todos os brasileiros.

¹³Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, op.cit., pp.141 e ss.

Mas é nos primeiros anos da década de 1940, que os programas de mobilização nacional era favor da educação elementar de todos os adolescentes e adultos analfabetos começam a articular-se no âmbito de uma política educacional centralizada e orientada com vistas à extensão dos serviços do ensino a segmentos desfavorecidos da população brasileira. Nesta época, postula-se que todos os brasileiros analfabetos, nas cidades ou nos campos, conscientes ou não dessa necessidade de educação, deverão ser alcançados pela escola. A administração pública se obriga a providenciar a criação de vagas para atendimento de todos e esta educação passa a ser tarefa do Estado.

Após a Revolução de 1930, o governo federal se propõe a intervir direta e globalmente na evolução da vida social, política e econômica da nação. Isto implicou mudanças na estrutura jurídica e no aparelhamento do Estado; os aparelhos existentes se reorganizam e ganham novas dimensões, criam-se outros órgãos técnicos e administrativos, nas diferentes áreas de atividades do poder público, incluindo as atividades oficiais no campo do ensino.

Assim houve a criação do Ministério da Educação e Saúde pública em 1930, a fixação da idéia de um plano nacional de educação, na Constituição de 1934, a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, no Ministério da Educação e Saúde, em 1938, os resultados do recenseamento geral do Brasil, de 1940, a instituição do Fundo Nacional de Ensino Primário, em 1942 e sua regulamentação, em 1945, a criação de um Serviço de Educação de Adultos, no Ministério da Educação e Saúde, em 1947, e a aprovação, nesse mesmo ano de um plano nacional de educação supletiva para adolescentes e adultos - analfabetos.

A União concedia pequenos auxílios financeiros e assistência técnica aos Estados, colocando assim as administrações regionais a serviço da realização dos projetos do Ministério da Educação e Saúde.

As mudanças ocorridas neste campo da educação, principalmente após a Revolução de 1930, e a inauguração de uma política oficial de extensão dos serviços educacionais a todos os adolescentes e adultos analfabetos se explicam pela emergência das chamadas "massas populares urbanas" como um dos elementos que passam a informar a atuação do Estado brasileiro nesse período.

É sabido que no primeiro período republicano, o Brasil tinha uma estrutura de poder baseada na economia agrária de exportação, cuja principal produção era de café. Com a vinda da crise na produção cafeeira, os trabalhadores assalariados que trabalhavam neste ramo, vieram contribuir para a expansão dos núcleos urbanos. Ao lado da crise no setor agrário, surgem interesses de radicar indústrias no país, com o objetivo de proporcionar emprego para esta massa trabalhadora.

No contexto onde a orientação do Estado para o desenvolvimento, mediante a diversificação da economia e, sobretudo, pela industrialização, e a política de incorporação das massas urbanas às bases de sustentação do esquema nacional de poder, a educação voltada para todos os brasileiros se apresentava como condição, como requisito ou como fator de desenvolvimento nacional. A política de educação comiam elementar de adolescentes e adultos analfabetos só bem mais tarde alcançaria a população da zona rural.

Alguns empreendimentos foram feitos no campo de adultos, mas antes de assumirem as proporções de um movimento, nacional de mobilização de recursos contra o analfabetismo, o que ocorreu em 1947, as reivindicações em prol da educação de adultos analfabetos se deslocaram, do Brasil e também de outras nações com problemas semelhantes, para o plano internacional. As reivindicações tomam maior impulso, são internacionalmente legitimadas. É criada a UNESCO, em novembro de 1945, cujo objetivo era a remoção da pobreza e da ignorância, particularmente o analfabetismo entre adultos. Também se propôs atuar com vistas ao desenvolvimento de uma consciência internacional atenta às dimensões do fenômeno da "ignorância" e os significados de sua eliminação por intermédio da "educação fundamental".

Os apelos internacionais no sentido da articulação de campanhas de educação de adultos e o quadro conceitual elaborado pela UNESCO foram rapidamente absorvidos no Brasil. A influência da Organização se revelou principalmente no caráter de movimento de mobilização nacional imprimido à Campanha de Educação de Adultos do Ministério de Educação e Saúde. É importante observar que esta influência, sem dúvida alguma muito ampla, somente emprestou maiores dimensões a um processo que já se desenvolvia no interior da administração federal brasileira.

Foi a partir de 1947 que ao conjunto de atividades realizadas no campo da educação de adultos, sob a coordenação do Ministério de Educação e Saúde, recebeu a denominação geral de Campanha de Educação de Adultos.

A evolução da campanha apresentou duas etapas distintas. A primeira, estendeu-se de 1947 a 1950, quando se deram as principais conquistas do movimento, a segunda, estendeu-se até 1954. Lentamente, os trabalhos deixaram de apresentar caracte-

rísticas de vim movimento de mobilização nacional e começaram a representar como prática regular das administrações cja União e das unidades federadas.

Os objetivos da Campanha eram de promover a criação do maior número de classes possíveis dentro das disponibilidades orçamentárias existentes para esse fim, de orientar a implantação da nova rede de escolas, de modo a tornar o ensino supletivo igualmente acessível a toda a população, independentemente das características diferenciais das localidades e da própria clientela, e de promover e desenvolver os indivíduos no sentido de melhor ajustamento social e da desmarginalização de vima grande massa da população.

Os conteúdos dos cursos ministrados para os adolescentes e adultos eram praticamente idênticos aos conteúdos do ensino primário fundamental comum destinados principalmente para crianças. Cartilhas, jornais, folhetos e textos de leitura diversos foram elaborados no Setor de Orientação Pedagógica do Serviço de Educação de Adultos e distribuídos, em grande quantidade, por todos os cursos do país. O primeiro guia de leitura seguia o método de Laubach¹⁴, sendo que os demais guias eram elaborados com a finalidade de prosseguir os estudos iniciados com o primeiro.

¹⁴Método de Laubach. Características:

1. Ensina o estudante a pronunciar as sílabas e as letras de maneira rápida, fácil e tão agradável quanto seja possível, após o que ele poderá pronunciar todas as palavras do seu próprio idioma.
2. Empregam-se três ou quatro palavras-chaves, as quais contêm as consoantes empregadas na linguagem, seguidas por uma vogal. Cada sílaba aparece cinco vezes em palavras ou frases curtas, de maneira que possa ser reconhecida cada vez que apareça.
3. Depois que os alunos tiverem aprendido os primeiros diagramas, introduz-se uma canção bem conhecida.
4. Ensina-se a um só aluno por vez.
5. Qualquer casa, árvore ou sítio ã margem do caminho pode

A Campanha não pretendia resumir o seu trabalho somente na alfabetização, aprendizagem da leitura e escrita,*ao maior número de adolescentes e adultos, mas também difundir noções relativas à saúde, à conservação das riquezas naturais, à compreensão de novas técnicas de trabalho, ao bom uso das horas de lazer e melhor atendimento da vida coletiva. Alguns esforços foram levantados para tentarem alcançar este objetivo, mas a Campanha não conseguiu harmonizar os estilos educativos diversos. Todos os esforços foram concentrados na implantação da rede de cursos de ensino supletivo.

Apesar de vários esforços, projetos e idéias que não obtiveram resultados positivos, houveram algumas conquistas da Campanha. Sucesso alcançado pelo Ministério na articulação da estrutura administrativa que deveria incumbir-se da realização dos trabalhos. Desde 19 48, todas as unidades da Federação já haviam criado e vinham mantendo em funcionamento um órgão destinado à administração do ensino supletivo^^. Aumento do

converter-se em escola em qualquer momento do dia ou da noite.

6. Todas as lições são curtas, fáceis de aprender e de ensinar .
7. Cada estudante possui sua própria série completa de lições, impressos economicamente.
8. O estudante aprende a ler e a escrever simultaneamente.
9. Cada aluno se converte em professor depois de haver aprendido a primeira lição, pois tem que ensiná-la a outros, antes de aprender a segunda.
10. Quando o estudante completou a aprendizagem do alfabeto, é estimulado a assinar um periódico e a ler todos os dias. Este periódico emprega palavras conhecidas, frases e artigos curtos e interessantes.
11. Gravam-se discos com canções, contos populares, etc. Isto ajuda o alfabetizado a apreciar sua própria literatura.

^^Especificamente no Estado de Santa Catarina, A Comissão Estadual do Serviço de Educação de Adultos foi organizada por Decreto de 14 de maio de 1948. VER DE OUTROS ESTADOS em: BEISIEGEL, Celso de Rui. Estado e Educação Popular. São Paulo, Pioneira, 1974. pp.119-120

número de cursos do ensino supletivo e conseqüentemente aumento do número de adolescentes e adultos analfabetos alcançado pela rede de escolas. Expansão da educação de adultos a todas as regiões do território nacional. Já em 1979, o ensino supletivo passou a penetrar as regiões interioranas, alcançando pequenas cidades, vilas, povoados e fazendas nas áreas rurais.

Além destes resultados positivos no plano quantitativo, observaram resultados positivos da ação social da Campanha: reações positivas da opinião pública como o maior interesse pela freqüência aos cursos, maior receptividade às novas idéias sobre a educação de base e a elevação dos índices de matrícula e freqüência no ensino primário.

Conseguiu-se também a continuidade dos trabalhos iniciados pela Campanha e diversificação do sistema escolar do país.

Por outro lado, vários foram os problemas enfrentados pela União para a implantação do ensino supletivo e alcance dos objetivos quantitativos estabelecidos. Problemas de ordem social - no início houve pouca aceitação das novas idéias; de ordem geográfica - as escolas eram construídas em lugares sem condição de bom funcionamento e distantes da população interessada; de ordem financeira - era distribuída uma pequena verba para cada unidade da federação, destinada ao ensino supletivo; de ordem humana, - pelo aumento do número de cursos e pela baixa remuneração, a maior parte dos professores recrutados não eram habilitados ao exercício do magistério oficial nos Estados. Em conseqüência disto, a qualidade dos trabalhos realizados nos cursos do ensino supletivo era muito baixa.

Problemas desta natureza são enfrentados até nos nossos dias.

As idéias sobre educação popular continuaram a se desenvolver, até que no período de 1960 a 1964, reapareceram de forma mais crítica e criativa em quase tudo. Na época, pretenderam criar um projeto político que possibilitasse superar a dominação do capital sobre o trabalho e, em decorrência, reformular tudo que dessa dominação decorre.

Movimentos de base, as universidades e outros grupos de profissionais liberais engajaram-se nestas lutas populares. No meio de um desses movimentos, nasceu o método de Paulo Freire em 1961, que foi estruturado como sistema em 1962.

Em 1963/ formaram uma Comissão Nacional de Alfabetização, a fim de elaborar o Plano Nacional de Alfabetização, da qual Paulo Freire foi convidado a participar. O Plano porém não chegou a ser executado em função do golpe de 19 64.

No período de 1970, no auge do chamado "milagre econômico", os argumentos do regime autoritário foram buscar explicações fora do campo econômico para justificar a exploração das massas. Os economistas foram buscar no campo da educação estas explicações. Os defensores da política econômica da ditadura foram buscar credibilidade da organização do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL - criado pela Lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967, dividindo-se em três níveis: MOBRAL: CENTRAL, Coordenações Estaduais e Comissões Municipais, com o objetivo de erradicar o analfabetismo.

Em Santa Catarina, os trabalhos na área de Educação de Adultos iniciaram-se na década de 70, com os programas de Alfabetização e Educação Integrada do MOBRAL e os Exames de Maturidade, previstos pela Lei de Diretrizes e Bases, autorizados pelo Conselho Federal de Educação e supervisionados pelo Con-

selho Estadual de Educação - C.E.E., A partir de 1974, os exames passaram a ser coordenados pela S.E.E.

A educação de adultos, no Estado de Santa Catarina, caracterizou-se pelo atendimento por parte da SEE à clientela de 5ª à 8ª série e 29 grau e ao MOBRAL/EDUCAR, o atendimento à clientela com mais de 14 anos a nível de 4ª séries.

Alguns programas foram criados pela SEE e o MOBRAL a fim de atender os objetivos propostos como:

- SEE:

- . 1973 - Convênio com o Serviço de Rádio-Difusão Educativa* - Projeto Minerva.
- . 1974 - Convênio com o MOBRAL para realização do programa de Educação Integrada.
 - Exames Supletivos de Educação Geral - 19 e 29 graus.
- . 1975 - Projeto de Capacitação de Recursos Humanos, em convênio com o Ministério da Educação e Cultura.
- . 1977 - Criação do Centro de Estudos Supletivos - CES - 19 grau.
 - Implantação dos Exames Supletivos Profissionais - 29 grau.
- . 1978 - Implantação do Projeto Lagos II.
- . 1983 - Criação do Núcleo de Ensino Modularizado - NEMO.
- . 1985 - Criação dos Núcleos Avançados de Ensino Supletivo - NAES.
- . 1986 - Implantação do 29 grau no CES.

- Outras Atividades Supletivas;

- . 1948 - Criação das Escolas Profissionais Femininas - EPF.
- . 1981 - Convênio com o Programa Nacional de Ações Sócio-Edu-

cativas e Culturais para o meio rural - PRONASEC -

Rural. *

- . 1982 - Convênio com a Organização Reconstrução e Trabalho -
ORT - Sistema de Educação à Distância - SAED.
- Convênio com o Programa Nacional de Ações Sócio-Edu-
cativas e Culturais às populações carentes urbanas -
PRONASEC - Urbano.
- . 1984 - Criação da Escola de Produção de Canoinhas.

- MOBREAL/EDUCAR;

- . 1970 - Programa de Alfabetização.
- . 1971 - Programa de Educação Integrada.
- . 1973 - Programa Cultural.
- . 1974 - Programa de Profissionalização.
 - Programa Diversificado de Ação Comunitária.
 - Programa de Educação para a Saúde - PES.
 - Programa de Tecnologia da Escassez.
- . 1975 - Programa de Autodidatismo.
- . 1981 - Programa de Pré-Escolar.
- . 1985 - Decreto nº 91.980 extingue MOBREAL e cria a Fundação
Educar.
- . 1986 - Programa de Educação Básica - PEB (substitui os Pro-
gramas de Alfabetização e de Educação Integral).

A SEE e o Mobreal passaram a desenvolver seu trabalho de forma independente e fragmentada, não introzando os diversos programas criados a atender uma clientela de adolescentes e adultos que não completaram sua escolaridade, tanto de 1^ª a 4^ª, quanto de 5^ª a 8^ª séries do 19 grau. Em consequência, constatou-se que o atendimento foi e é mínimo: dos 516.043 alunos evadidos do ensino regular de 1980 a 1987, foram atendidos atra-

vés dos projetos NAES, NEMO e CES da SEE 17.946 alunos e pelos exames supletivos de educação geral 17.879, representando apenas 6,95% do total de evadidos.

Com relação aos 303.996 analfabetos, registrados no Censo de 1980, o MOBRAL/EDUCAR, atendeu através de convênio até 1987, 73.312 alunos, dos quais apenas 31.161 (43%), foram alfabetizados. Dos cursos de PEB (supletivo de 1^a a 4^a séries) foram atendidos através de convênio 29.341 alunos e aprovados 9.210 (31%). O total de alunos atendidos foi de 102.653 e de aprovados 40.371, ou seja, 39% de aprovação.

Também, a tentativa de atendimento para a qualificação profissional, por parte da SEE, foi e continua sendo bastante reduzida, restringindo-se basicamente a cursos de iniciação profissional.

O corpo docente que integra a SEE, 84,2% possui habilitação em magistério e 47,4% são habilitados em curso superior, sem possuir uma formação especial para a área de educação de adultos. Porém ganham cursos de atualização e treinamento em serviço para atenuar a defasagem.

Já o critério para seleção de professores nos programas do MOBRAL é ter concluído o 2^o grau. Isto não significa que a maioria dos professores tenham habilitação em magistério. Tentam garantir aos mesmos um curso de capacitação de no mínimo 90 horas, mas nem todos passam por este processo, em consequência da grande rotatividade.

Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o Estado de Santa Catarina apresentou em 1980, uma população de 3.627.933 habitantes, dos quais 2.250.700 encontram-se na faixa etária superior a 15 anos, e

destes, 303.996 (13,5%) em condição de analfabetismo. Já na faixa etária de 14 a 49 anos existem 2.195.373 habitantes para 177.306 (9,16%) de analfabetos. A maior incidência de analfabetos ocorre na região de Araranguá, 18,24% seguida por Xanxerê, Chapecô, Lages, Laguna, Joaçaba, Ituporanga, São Miguel do Oeste, Caçador, todas com taxa superior a 10%^^.

Como em todo Brasil, também no Estado de Santa Catarina, o analfabetismo é consequência de não acesso do indivíduo à escolarização, da má qualidade do ensino, da frequência apenas parcial à escola, da evasão antes de completar o processo de alfabetização e educação básica.

Entre 1980 a 1987, evadiram-se do ensino regular do 19 grau, 516.043 alunos, sendo que a maior evasão verifica-se na 1ª série com 22,3%, até à 4ª série 59,2% decrescendo gradativamente até à 8ª série, com 9,9%.

Com relação aos cursos de suplência - NAES, NEMO e CES, desenvolvidas pela SEE, abrangendo o 19 grau, dos 17.946 atendidos, evadiram-se 4.323, correspondendo 24%.

Com relação aos cursos de suplência em alfabetização e Educação Integrada desenvolvidos pelo MOBREAL/EDUCAR, dos 102.653 atendidos, evadiram-se 62.480, correspondendo 60,89%, entre o período de 1980 a 1986.

Não é difícil supor que aos 303.996 analfabetos registrados no Censo de 1980 já se acrescentou alguns mais, consideran-

¹⁶ Num censo feito pela UCRE, em Florianópolis, na faixa etária de 14 a 29 anos, niira total de 135.375 habitantes, tem-se 6.838 analfabetos, correspondendo a 5%; na faixa de 14 a 19 anos, num total de 214.741, tem-se 15.881 analfabetos, correspondendo a 7,39%; e na faixa de 3.0 a 49 anos, num total de 79.366, tem-se 9.043 analfabetos, correspondendo a 11%.

do que 44,6%, evadêm-se antes de concluir a 4ª série do 1º grau, que é má a qualidade do ensino, e o índice de atendimento através do MOBRAL, hoje Fundação Educar, gira em torno de 10%.

Hoje, a alfabetização de adultos e a educação básica não são vistas como mera preparação do indivíduo no enquadramento dos conceitos e regras da vida social e nacional, mas também como instrumento de apropriação dos grupos populares, em sua luta pelo melhoramento das condições de vida, na participação crítica e criativa no desenvolvimento científico e tecnológico e nos processos econômicos, sociais, culturais e políticos que se processam dentro da sociedade brasileira. O ponto de partida do processo educacional passa a ser a realidade concreta dos educandos, há a valorização da cultura do indivíduo.

2.3. Justificativa

A inserção deste capítulo no trabalho tem como objetivo mostrar ao professor-alfabetizador a importância do conhecimento e compreensão do como o processo educacional foi conduzido desde o seu início, o porquê das suas transformações e alterações visando a interesses de uma minoria da sociedade que mantém o poder, em particular na Educação de Adultos.

O professor-alfabetizador deve ter consciência que só será um bom profissional, a partir do momento que inteirado dos interesses da classe que domina e direciona a educação e de sua evolução, na sua época e em épocas anteriores, pode se posicionar e direcionar o seu trabalho a fim de atingir resultados positivos. Hoje, a maioria das pessoas que trabalham na área de educação são pouco ou nada politizadas e com isso mecanizam a

educação. Não se quer dizer que o trabalho educacional deva ser politizado, mas o professor, sim, tem que entender a política que transmite a ideologia da época e conseqüentemente entender a própria ideologia e se posicionar de forma crítica e coerente adequando a sua prática à sua realidade e à do alfabetizando.

O professor deve entender que ele pode mudar muita coisa no meio em que vive, desenvolvendo uma prática consciente, com uma boa preparação cultural e política,

Além do professor, o pesquisador precisa ter consciência da política do processo educacional e da ideologia da época para desenvolver pesquisas não alienadas à realidade do alfabetizando, sem nenhuma praticidade, e para que possa nortear o professor na sua prática e na resolução de problemas que surgem ao longo do processo.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo tem por objetivo a apresentação do corpus de 12.001 ocorrências vocabulares, distribuídas entre 12 classes de palavras e suas respectivas classificações.

O levantamento de um pequeno corpus de cinco comunidades de Florianópolis fundamenta-se na crença de que o processo de aprendizagem da escrita é facilitado pelo conhecimento do vocabulário usado pela população alvo e que este vocabulário deva ser o material lingüístico para a alfabetização desta comunidade.

Os dados do corpus foram processados por meios eletrônicos no Núcleo de Processamentos de Dados/UFSC, resultando uma lista decrescente de frequência do vocabulário por categoria gramatical. Para selecionar os vocábulos/ optou-se pela redução de formas flexionais a um só tipo, representante da mesma série de flexões. Por exemplo, o substantivo, ao número singular; o adjetivo, ao masculino singular, quando havia poucas ocorrências no feminino; o verbo apenas ao infinitivo.

As classes de palavras consideradas foram as seguintes

- 1) Substantivos em concreto ou abstrato;
- 2) Adjetivos em adjetivo simples ou locução adjetiva;
- 3) Pronomes em pessoal; de tratamento; possessivo; demonstrativo; indefinido; interrogativo; relativo e locução pronominal indefinida;
- 4) Verbos em auxiliar accidental (AUXA), quando apenas formar locução verbal com outro verbo; auxiliar essencial (AUXE), verbos ter e haver, quando formar tempo composto com outro verbo no particípio passado, e principal (PRN);
- 5) Advérbios em lugar; tempo; modo; intensidade; afirmação; negação; dúvida; interrogativos; continuativos do discurso; exclusão; inclusão; locução adverbial de lugar; locução adverbial de tempo; locução adverbial de modo; locução adverbial de intensidade; locução adverbial de afirmação; locução adverbial de negação; locução adverbial de dúvida; locução adverbial de interrogação; locução adverbial de meio;
- 6) Numeral em cardinal; ordinal; fracionário; multiplicativo;
- 7) Artigo em definido e indefinido;
- 8) Preposição em preposição simples ou locução prepositiva;
- 9) Conjunção em coordenada aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e/ou explicativa, subordinada integrante, final, conformativa, comparativa, proporcional, temporal, condicional, concessiva, causal, consecutiva e locução conjuntiva temporal.

Não tem classificação as contrações, interjeições e palavra expletiva.

Foi observado o gênero e número dos substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e de algumas contrações; os modos, os tempos, as formas nominais e o número dos verbos.

Estas informações são apresentadas em quadros distintos mostrando frequência e porcentagem destes dados.

As contrações e combinações foram classificadas como contrações, por tentativa de simplificação e por estas palavras não serem analisadas com maior cuidado neste trabalho.

Analisou-se os sufixos e prefixos de substantivos, adjetivos e advérbios que possuem radicais independentes na língua contemporânea. Por exemplo; considerou-se n-te como sufixo derivacional em bandeira - n-te, mas não em inteligente - n-te.

Todo o corpus foi transcrito com base no Alfabeto Fonético Internacional, que sofreu algumas adaptações para facilitar a datilografia, mesmo correndo o risco de cometer erros de interpretação fonética da fala, falhas de percepção e interferência auditiva, por acreditar-se na importância do conhecimento do vocábulo e de sua realização na fala do alfabetizando por parte do professor-alfabetizador. A transcrição feita com base no sistema ortográfico convencional foi também adotada para facilitar a leitura das exemplificações aos leitores não especializados.

3.1. Listagem por Classe de Palavra

A listagem mantém a seguinte ordem: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, numeral, artigo, preposição, contração, conjunção, interjeição, palavra explicativa.

Após a listagem de cada classe seguem alguns comentários sobre alguns aspectos morfológicos.

3.1.1. Substantivos

Os substantivos são aqui apresentados em ordem decrescente de frequência.

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
casa	70	3,78	igreja	19	1,02
coisa	48	2,59	tempo	19	1,02
lugar	47	2,54	água	17	0,92
ano	40	2,16	mãe	17	0,92
praia	39	2,11	pai	16	0,86
pessoa	36	1,94	vida	16	0,86
dia	31	1,65	bola	15	0,81
hora	30	1,62	domingo	15	0,81
cara	28	1,51	cachorro	14	0,75
negócio	26	1,40	escola	14	0,75
festa	25	1,35	marido	14	0,75
vez	25	1,35	carro	13	0,70
criança	23	1,24	missa	12	0,64
história	23	1,24	ônibus	12	0,64
filho	22	1,19	cidade	11	0,59
vizinho	20	1,08	lagoa	10	0,54

Palavra	Fregüên- cia	Percen-- tagem	Palavra	Fregüên- cia	Percen-- tagem
aula	9	0,48	bagunça	6	0,32
banho	9	0,48	briga	6	0,32
Barra da Lagoa	9	0,48	colega	6	0,32
Casan	9	0,48	hospital	6	0,32
irmão	9	0,48	Joaquina	6	0,32
amigo	8	0,43	mês	6	0,32
casamento	8	0,43	perna	6	0,32
centro	8	0,43	primo	6	0,32
mundo	8	0,43	problema	6	0,32
novela	8	0,43	professor	6	0,32
pé	8	0,43	rio	6	0,32
Ribeirão	8	0,43	supermercado	6	0,32
rua	8	0,43	tipo	6	0,32
servente	8	0,43	banda	6	0,32
serviço	8	0,43	buraco	5	0,27
arte	7	0,37	calçamento	5	0,27
baile	7	0,37	campo	5	0,27
Campeche	7	0,37	Deus	5	0,27
creche	7	0,37	doença	5	0,27
morro	7	0,37	fel	5	0,27
pescador	7	0,37	final	5	0,27
restaurante	7	0,37	noite	5	0,27
sabão	7	0,37	pesca	5	0,27
saúde	7	0,37	poeira	5	0,27
sertão	7	0,37	ponta	5	0,27
televisão	7	0,37	rapaz	5	0,27
tia	7	0,37	rede	5	0,27
verão	7	0,37	susto	5	0,27
Armação	6	0,32	amizade	4	0,21

Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem
amor	4	0,21	atenção	3	0,16
bicibleta	4	0,21	barco	3	0,16
cabeça	4	0,21	braço	3	0,16
camarão	4	0,21	brasa	3	0,16
cano	4	0,21	canto	3	0,16
compra	4	0,21	cemitério	3	0,16
condição	4	0,21	cinema	3	0,16
fé	4	0,21	copo	3	0,16
ilha	4	0,21	dinheiro	3	0,16
lado	4	0,21	discoteca	3	0,16
lanche	4	0,21	estudo	3	0,16
luta	4	0,21	farpa	3	0,16
mão	4	0,21	firma	3	0,16
mar	4	0,21	frente	3	0,16
Massiambu	4	0,21	guri	3	0,16
matemática	4	0,21	ingleses	3	0,16
mel	4	0,21	lagarto	3	0,16
menino	4	0,21	luz	3	0,16
moto	4	0,21	mangueira	3	0,16
pedra	4	0,21	massa	3	0,16
peixe	4	0,21	mulher	3	0,16
perigo	4	0,21	Nei	3	0,16
peçoal	4	0,21	neto	3	0,16
segunda-feira	4	0,21	nome	3	0,16
sexta-feira	4	0,21	Ocásio Soseban	3	0,16
terra	4	0,21	onda	3	0,16
trabalho	4	0,21	oportunidade	3	0,16
vontade	4	0,21	palhoça	3	0,16
almoço	3	0,16	passeio	3	0,16

Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem
pedreiro	3	0,16	casal	2	0,10
roça	3	0,16	cegueira	2	0,10
roupa	3	0,16	chão	2	0,10
semana	3	0,16	Chico	2	0,10
série	3	0,16	chuva	2	0,10
sol	3	0,16	coelho	2	0,10
tecelagem	3	0,16	comida	2	0,10
Três Riachos	3	0,16	comunhão	2	0,10
trovoada	3	0,16	construção	2	0,10
acampamento	2	0,10	conversa	2	0,10
acidente	2	0,10	costeira	2	0,10
ajuda	2	0,10	coveiro	2	0,10
aluno	2	0,10	cruz	2	0,10
arroz	2	0,10	cunha	2	0,10
bar	2	0,10	dedo	2	0,10
barulho	2	0,10	discussão	2	0,10
base	2	0,10	distância	2	0,10
Bi	2	0,10	dor	2	0,10
bíblia	2	0,10	enterro	2	0,10
bicho	2	0,10	época	2	0,10
boca	2	0,10	esporte	2	0,10
boca de caixa	2	0,10	esquema	2	0,10
caçador	2	0,10	estrada	2	0,10
caçaça	2	0,10	estreito	2	0,10
Canto da Lagoa	2	0,10	excursão	2	0,10
carinho	2	0,10	exposição	2	0,10
carnaval	2	0,10	família	2	0,10
carne	2	0,10	farmácia	2	0,10
			feijão	2	0,10

Palavra	Freqüên- cia	Perccen- tagem	Palavra	Freqüên- cia	Perccen- tual
fogo	2	0,10	opinião	2	0,10
forte	2	0,10	padeiro	2	0,10
freguesia	2	0,10	paisagem	2	0,10
fruta	2	0,10	palmito	2	0,10
futebol	2	0,10	paneiro	2	0,10
galinha	2	0,10	Pântano do Sul	2	0,10
gamba	2	0,10	pão	2	0,10
gasolina	2	0,10	paralisia	2	0,10
gosto	2	0,10	pau de fita	2	0,10
infância	2	0,10	peixada	2	0,10
intendente	2	0,10	pescaria	2	0,10
inverno	2	0,10	pizzaria	2	0,10
janta	2	0,10	ponto	2	0,10
jardineiro	2	0,10	porteiro	2	0,10
jeito	2	0,10	primário	2	0,10
lama	2	0,10	rã	2	0,10
lenha	2	0,10	raio	2	0,10
limpeza	2	0,10	reclamação	2	0,10
madeirame	2	0,10	redondeza	2	0,10
maioria	2	0,10	remédio	2	0,10
médico	2	0,10	ressacada	2	0,10
medo	2	0,10	resto	2	0,10
milho	2	0,10	risco	2	0,10
mole	2	0,10	Saco dos Limões	2	0,10
morte	2	0,10	salário	2	0,10
motor	2	0,10	Sambaqui	2	0,10
música	2	0,10	São Paulo	2	0,10
Nossa Senho- ra da Lapa	2	0,10	tijolo	2	0,10
			tio	2	0,10

Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem
trevo	2	0,10	baleia	1	0,05
Trindade	2	0,10	barreira	1	0,05
trocadinho	2	0,10	barril	1	0,05
vaca	2	0,10	batelão	1	0,05
vaga	2	0,10	bebida	1	0,05
vanerão	2	0,10	Belém	1	0,05
venda	2	0,10	bife	1	0,05
vento	2	0,10	Biguaçu	1	0,05
Abraão	1	0,05	bobagem	1	0,05
açúcar	1	0,05	bocado	1	0,05
adulto	1	0,05	boi de mamão	1	0,05
Aeroporto	1	0,05	bombinha	1	0,05
Agrônômica	1	0,05	brinquedo	1	0,05
ajudante	1	0,05	Brusque	1	0,05
alcance	1	0,05	cama	1	0,05
asfalto	1	0,05	camelô	1	0,05
alguém	1	0,05	caminhão	1	0,05
alimentação	1	0,05	caminho	1	0,05
Alto Ribeirão	1	0,05	canal	1	0,05
ambiente	1	0,05	canteiro	1	0,05
Anhatomirim	1	0,05	caristia	1	0,05
animação	1	0,05	carreira	1	0,05
animal	1	0,05	caso	1	0,05
Artur	1	0,05	católica	1	0,05
aviso	1	0,05	causa	1	0,05
avô	1	0,05	Celesc	1	0,05
Azambuja	1	0,05	centímetro	1	0,05
babá	1	0,05	cervejinha	1	0,05
bala	1	0,05	chance	1	0,05

Palavra		Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
chinelos	1	0,05	doméstica	1	0,05
chute	1	0,05	eleição	1	0,05
circo	1	0,05	encruzo	1	0,05
clube	1	0,05	esgoto	1	0,05
cobra	1	0,05	exército	1	0,05
coca	1	0,05	falta	1	0,05
complicação	1	0,05	farinha	1	0,05
conselho	1	0,05	farofa	1	0,05
contrário	1	0,05	feiticeira	1	0,05
copa	1	0,05	feiticeiro	1	0,05
Coqueiros	1	0,05	ferro	1	0,05
corridinha	1	0,05	filme	1	0,05
costão	1	0,05	fim	1	0,05
costume	1	0,05	fofoca	1	0,05
cozinha	1	0,05	fogãozinho	1	0,05
criação	1	0,05	fogueira	1	0,05
crise	1	0,05	força	1	0,05
cruzado	1	0,05	fraqueza	1	0,05
cruzeiro	1	0,05	frescobol	1	0,05
Cruzeiro Dos Furacões	1	0,05	furacão	1	0,05
culto	1	0,05	gado	1	0,05
cunhada	1	0,05	garrafão	1	0,05
curativo	1	0,05	gaúcha	1	0,05
dente	1	0,05	gelo	1	0,05
desenho	1	0,05	gole	1	0,05
desligação	1	0,05	granada	1	0,05
desquite	1	0,05	graxaim	1	0,05
dia a dia	1	0,05	grupo	1	0,05
			horário	1	0,05

Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Percen- tagem
horta	1	0,05	Micharia	1	0,05
hotel	1	0,05	Miltinho	1	0,05
idéia	1	0,05	mocinha	1	0,05
Imperatriz	1	0,05	movimento	1	0,05
Ipiranga	1	0,05	muro	1	0,05
isopor	1	0,05	museu	1	0,05
joguinho	1	0,05	natureza	1	0,05
Jurerê	1	0,05	nervo	1	0,05
kilo	1	0,05	nó	1	0,05
lã	1	0,05	Nonô Correia	1	0,05
ladrão	1	0,05	ocasião	1	0,05
lambada	1	0,05	ódio	1	0,05
lança	1	0,05	oi	1	0,05
lancheira	1	0,05	óleo	1	0,05
lar	1	0,05	olhadinha	1	0,05
liberdade	1	0,05	olho	1	0,05
ligação	1	0,05	palavra	1	0,05
limite	1	0,05	papo	1	0,05
macarrão	1	0,05	parente	1	0,05
madeira	1	0,05	parque	1	0,05
maionese	1	0,05	parte	1	0,05
mandioca	1	0,05	patente	1	0,05
máquina	1	0,05	pergunta	1	0,05
mata	1	0,05	período	1	0,05
matéria	1	0,05	Pinheiros		
material	1	0,05	Altos	1	0,05
memória	1	0,05	pino	1	0,05
meningite	1	0,05	Ponta das Canas	1	0,05
merendeira	1	0,05	porco	1	0,05

Palavra		Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentual
praça	1	0,05	rock	1	0,05
prazo	1	0,05	roda	1	0,05
prédio	1	0,05	rotina	1	0,05
prefeitura	1	0,05	roubo	1	0,05
presidente	1	0,05	rumo	1	0,05
profissão	1	0,05	sala	1	0,05
programa	1	0,05	salgadinho	1	0,05
quadrilha	1	0,05	Samuka	1	0,05
quarta-feira	1	0,05	Santa	1	0,05
quintal	1	0,05	Santinho	1	0,05
Quinze	1	0,05	Santo Antônio	1	0,05
rapaziada	1	0,05	São João	1	0,05
razão	1	0,05	São Jusero	1	0,05
recepcionista	1	0,05	São Mapine	1	0,05
recreio	1	0,05	São Pedro	1	0,05
recuperação	1	0,05	São Sebastião	1	0,05
redoma	1	0,05	Sardã	1	0,05
relâmpago	1	0,05	sassaricando	1	0,05
repórter	1	0,05	segredo	1	0,05
reserva	1	0,05	serra	1	0,05
responsabilidade	1	0,05	sinal	1	0,05
retiro	1	0,05	siri	1	0,05
revista	1	0,05	sobrinho	1	0,05
ribica	1	0,05	sogra	1	0,05
rim	1	0,05	soIdado	1	0,05
Rio Grande do Sul	1	0,05	sul	1	0,05
Rio Tavares	1	0,05	surpreso	1	0,05
			Tablado	1	0,05
				1	

Palavra	Freqüên- cia	Percen- tagem	Palavra	Percen- tual
tamanduá	1	0,05		
tampa	1	0,05		
Tapera	1	0,05		
tarde	1	0,05		
terreninho	1	0,05		
Tetê	1	0,05		
Tijucas	1	0,05		
Tinho	1	0,05		
toca	1	0,05		
torneio	1	0,05		
treinamento	1	0,05		
tribunal	1	0,05		
último	1	0,05		
UTI	1	0,05		
verdade	1	0,05		
verdura	1	0,05		
verdureira	1	0,05		
vergamota	1	0,05		
viagem	1	0,05		
violência	1	0,05		
vitória	1	0,05		
vô	1	0,05		
volei	1	0,05		
voltas	1	0,05		
ZÉ Mendes	1	0,05		
Zé Pereira	1	0,05		

3.1.1.2. Primeiros 'Comentários

Os substantivos totalizam 1847 ocorrências, distribuídas por 516 palavras.

Os 30 primeiros em frequência equivalem a 40,3% do total, com 746 ocorrências. Assim, a distribuição dos substantivos é relativamente simétrica, ao contrário dos verbos, em que os 30 primeiros correspondem a 75,9% do total, com 2.173 ocorrências.

As palavras mais freqüentes foram casa com 70 ocorrências, correspondendo a 3,8% do total de substantivos; coisa, 48, corresponde a 2,6%; lugar, 47, 2,5%; ano, 40, 2,2%; praia, 39, 2,1%; pessoa, 36, 1,9%; dia, 31, 1,7%; hora, 30, 1,6%; cara, 28, 1,5%; negócio, 26, 1,4%; festa, 25, 1,3%; vez, 25, 1,3%; criança, 23, 1,2%; história, 23, 1,2%; filho, 22, 1,1% e vizinho, 20, 1%.

A porcentagem da palavra mais freqüente, que é casa, é menor do que se esperava, e observando a lista, constata-se que houve muito pouca repetição de palavras.

A maioria dos substantivos são trissílabos, dissílabos e paroxítonas com poucas formas proparoxítonas.

Os substantivos concretos¹ são a grande maioria, apesar de que entre os 30 mais freqüentes, encontramos vida no 229 lugar, com 16 ocorrências. Depois só encontraremos outros substantivos abstratos² a partir do 899 lugar, com baixo número de ocorrências. Veja o resultado no quadro 2 a seguir.

¹ Considerou-se substantivo concreto aqueles que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas.

² Considerou-se substantivo abstrato os que designam ações, estados e qualidades, considerados como seres.

QUADRO 2 - Frequência e porcentagem dos substantivos concretos e abstratos.

CLASSIFICAÇÃO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Concreto	1.709	92,5
Abstrato	138	7,5

Alguns substantivos como boca-de-caixa, boi-de-mamão, foram considerados compostos, por não se considerar correto analisar as palavras isoladamente, pois desta forma passariam a ter outro significado.

3.1.1.3. Processos de Formação dos Substantivos

1) Prefixai, Sufixai, Prefixal-Sufixal

De acordo com os processos de formação de palavras no português, constatou-se o uso da derivação prefixai através da palavra supermercado, com 06 ocorrências; da sufixai, com 176 ocorrências, distribuídas entre 23 sufixos, e a prefixai e sufixai através da palavra desligação, com 01 ocorrência. Interessante observar que a palavra desligação, não existente na língua padrão brasileira, é usada na fala popular e resultou de um processo natural de formação de palavras.

2) A derivação parassintética, que consiste, basicamente, em um processo de formação de verbos, em especial daqueles que exprimem mudança de estado, tais como engrossar, amadurecer e rejuvenescer, etc, não foi considerada neste trabalho, por razões já explicitadas. Encontram-se também, na língua, adjetivos formados por parassíntese, -mas no corpus não houve ocorrência.

3). A derivação regressiva, que consiste num processo de criação vocabular, feita pela substituição da desinência verbal do infinitivo e a vogal temática do verbo pelas vogais temáticas nominais - a, - e, - o, formando nomes abstratos de ação.

denominados deverbais, ocorre com 15 palavras niim total de 37 ocorrências, Estas estão listadas no quadro 3 a seguiii.

QUADRO 3 - Frequência dos substantivos resultantes da derivação regressiva.

NOME	FREQÜÊNCIA
briga (brigar)	06
pesca (pescar)	05
compra (comprar)	04
trabalho (trabalhar)	04
estudo (estudar)	03
ajuda (ajudar)	02
conversa (conversar)	02
gosto (gostar)	02
janta (jantar)	02
venda (vender)	02
aviso (avisar)	01
encruzo (encruzar)	01
retiro (retirar)	01
roda (rodar)	01
tampa (tampar)	01

4) A derivação imprópria, que é o processo de enriquecimento vocabular ocasionada pela mudança da classe de palavras, é, na realidade, um processo sintático-semântico e não morfológico, motivo pelo qual não o incluiremos entre os diferentes tipos de derivação.

5) Constatou-se também a composição por justaposição em 19 palavras, com um total de 56 ocorrências, listadas no quadro 4, abaixo.

QUADRO 4 - Frequência das palavras compostas por justaposição.

PALAVRAS	FREQÜÊNCIA
Lagoa da Conceição	10
Barra da Lagoa.	09
Ribeirão da Ilha	08
Segunda-feira	04
Sexta-feira	04
Três Riachos	03
Boca-de-Caixa	02
Canto da Lagoa	02
Nossa Senhora da Lapa	02
Pântano do Sul	02
Saco dos Limões	02 ■
Alto Ribeirão	01
Cruzeiro dos Furacões	01
Dia-a-dia	01
Pinheiros Altos	01
Ponta das Canas	01
Quarta-feira	01
Rio Grande do Sul	01
Rio Tavares	01

Importante ressaltar que se considerou as palavras Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha, Barra da Lagoa, Segunda-feira,

Sexta-feira, Saco dos Limões e Quarta-feira integrantes do quadro acima, apesar de que na maioria das ocorrências foi usada a primeira palavra do composto, como por exemplo Barra, 08 ocorrências. Barra da Lagoa, 01 ocorrência, por saber que o falante tem conhecimento da palavra completa.

6) A composição por aglutinação, tendo sido analisada do ponto de vista sincrônico e levando em conta o processo quando fosse possível a depreensão de dois morfemas lexicais que o falante nativo pudesse ter ou vir a ter consciência da sua existência, não ocorreu neste corpus.

7) Outros recursos

Além da derivação e composição, dois processos básicos de formação de palavras, tem-se outros recursos para incorporar palavras à língua: a abreviação, a reduplicação ou a onomatopéia e as siglas.

a) A abreviação, ocasionada por economia, isto é, pela lei do mínimo esforço, aconteceu nas palavras moto, com 04 ocorrências e kilo, com 01 ocorrência.

b.) A reduplicação ou duplicação silábica, que consiste na repetição de uma sílaba na formação de novas palavras, aconteceu com a palavra Tetê., com 01 ocorrência. A reduplicação onomatopáica, que procura reproduzir aproximadamente certos sons ou ruídos, não teve representatividade.

c) As siglas, que consistem na redução de longos títulos às letras iniciais das palavras que as compõem e passam a ser sentidas como palavras primitivas que possibilitam a formação de novas palavras, não aconteceram também. O uso das siglas CASAN, 09 ocorrências; CELESC, 01 ocorrência; UTI, 01 ocorrência, não foi enquadrado neste caso, por acreditar-se que a maioria dos falantes tem consciência que estas representam o

nome do lugar e não dão origem a novas palavras.

d) Quanto ao hibridismo^ combinação de elementos de línguas diversas como televisão (grego + português), com 07 ocorrências ; aeroporto (grego + português), com 01 ocorrência, não foi considerado um novo processo de formação vocabular, porque o falante nativo, com exceção do estudioso da língua, não depreende sincronicamente a origem da palavra. Parece mais adequado enquadrá-lo entre os casos de justaposição.

QUADRO 5 - Frequência de prefixos derivados de substantivos e adjetivos - ordem decrescente de frequência.

PREFIXO	FREQÜÊNCIA
super	06
des	02

Observação: o prefixo des foi encontrado em apenas um substantivo e um adjetivo.

QUADRO 6 ■- Frequência dos sufixos derivacionais de substantivos - ordem decrescente de frequência.

SUFIXO	FREQÜÊNCIA	SUFIXO	FREQÜÊNCIA
inha	21	ença	05
eira	17	eza	05
■ mento	16	ade	04
inho	14	agem	04
ção	12	ado	02
eiro	12	ame	02
n-te	11	aria	02
or	10	ia	02
dor	09	dade	01
ada	08	edo	01
al	08	ista	01
ão	07		
Total de ocorrências: 174 N?		de sufixos : 23	

Observações;

. Das 174 ocorrências de sufixos derivacionais presentes entre os substantivos derivados, os de maior frequência são INHA, com 21 ocorrências, isto é, 12%; EIRA, com 17 ocorrências, isto é, 9,7%, MENTO, com 16 ocorrências, isto é, 9,1% e INHO, com 14 ocorrências correspondendo, a 8%, distribuídas entre 23 sufixos;

. Do total de 1847 ocorrências de substantivos, apenas 9,4% são de palavras derivadas e dentre estas apenas 1,1% são formadas com o sufixo INHA.

São 14 sufixos denotadores só de substantivos concretos, com 113 ocorrências, 05 só de substantivos abstratos, com 35 ocorrências, e 04 de substantivos concretos e abstratos, com 26 ocorrências.

Em - dor e - sor, o sufixo é propriamente -or. As consoantes d, s pertencem ao tema do participio latino. A forma - dor é evolutiva, - sor é erudita: só ocorre em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo. Enquadram-se neste caso as palavras pescador, 07 ocorrências; caçador, 02 ocorrências; professor, 06 ocorrências, ocorridas no corpus.

QUADRO 1/- Frequência de sufixos denotadores de substantivos abstratos.

	SUFIXO	FREQUÊNCIA
<u>casamento</u>	MENTO	16
<u>construção</u>	ÇÃO	12
<u>amizade</u>	ADE	04
<u>amor</u>	OR	04
<u>limpeza</u>	EZA	03
<u>discussão</u>	AO	02
<u>pescaria</u>	ARIA	02
<u>bobagem</u>	AGEM	01
<u>responsabilidade</u>	DADE	.01
Total de ocorrências:		45

Na hierarquia derivacional ocorre às vezes a entrada inicial de - ad - em verbos da 1ª conjugação.1

<u>AD</u>	FREQUÊNCIA
pese - AD - or	07
amiz - AD - e	04
trovo - AD - á	03
caç - AD - or	02
ressac - AD - a	02
cruz - AD - o	

3.1.1.4. Flexão de Gênero

Neste trabalho não foi feito um estudo criterioso da flexão de gênero e nem a de número.

Porém observou-se que com relação à flexão de gênero obteve-se um maior número de nomes substantivos de gênero único; (a) casa; (a) coisa; (o) lugar; (o) ano; (a) praia; (a) pessoa; (o) dia; (a) hora; (o) negócio; (a) festa; (a) bola; (o) banho; (o) morro; (a) perna; (o) mar; (o) sol; (o) fogo; (a) música; (o) nervo; (o) prédio; alguns substantivos de dois gêneros com uma flexão redundante; (o) vizinho - (a) vizinha; (o) cachorro - (a) cachorra; (o) pescador - (a) pescadora; (o) tio - (a) tia; (o) gaúcho - (a) gaúcha; (o) professor - (a) professora; (o) menino - (a) menina; (o) aluno - (a) aluna; poucos nomes substantivos de dois gêneros sem flexão aparente; (o, a) colega; (o, a) ajudante; poucos casos de heteronímia dos radicais; (o) pai - (a) mãe; (o) marido - (a) mulher; (o) rapaz - (a) moça; (o) boi - (a) vaca; poucos nomes em que ocorre subtração da forma masculina; irmão - irmã; ladrão - ladra; poucos em que há alternância vocálica redundante e não redundante; sogro/ô/ - sogra/ó/; avô - avó.

Na computação destes dados, assumiu-se a posição de que o artigo e/ou outro determinante ou modificador que acompanha o substantivo é que define o gênero, visto que nem todas as palavras são marcadas flexionalmente. Assim, não se analisou os nomes substantivos de acordo com as designações de epiceno, sobrecomurti, comum de dois, usadas pela gramática tradicional.

Obteve-se o seguinte quadro, onde se constata o maior uso de substantivos de gênero feminino.

QUADRO 8 - Frequência da flexão de gênero nos substantivos.

CLASSIFICAÇÃO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
Masculino	909	49,2
Feminino	938	50,7

3.1.1.5. Flexão de Número

Com relação à flexão de número, é natural que se encontre variabilidade na regra de concordância nominal e na própria marca flexional de plural, já que se trata da fala espontânea de pessoas adultas, não ou pouco escolarizadas.

A análise superficial da aplicação da regra de concordância de número no sintagma nominal permite dizer que geralmente são os primeiros elementos do SN que variam, ou seja, o artigo ou outro determinante do nome substantivo que sofre a aplicação da regra. Por exemplo: [uSpesu'aw], [aS'minakõdi'sãw]. Se o determinante que precede o substantivo for um numeral, este não é flexionado. Exemplo: [ÜS'titra'ãnu], ['ojtu'óra].

A marca de plural é encontrada mais frequentemente no primeiro elemento do sintagma nominal do que nos demais elementos, isto constitui, provavelmente, a tentativa inconsciente do falante de eliminar a redundante; - repetição da marca de plural em todos os elementos, considerando ser suficiente apenas aplicá-la em algum ponto do SN para transmitir a idéia de plural. Exemplo: [ás'minakõdi'sãw].

Quando o contexto seguinte à marca de plural é uma vogal, o /s/ tende a realizar-se como /z/, e quando for uma consoante

surda, tende a realizar-se como /// e ³/e. Exemplo: [ümaS'kojza] ?
[aS'köpra]; [a'zotra].

A maioria dos substantivos deste corpus, aproximadamente 443, caso fosse aplicada a regra de concordância de número, receberiam apenas /s/, que é o processo morfológico elementar de formação de plural. Os 73 restantes passariam pelos processos:

1) mudança silábica forte: sertão - sertões; televisão - televisões; hospital - hospitais; exposição - exposições; pão - pães; barril - barris; 2) formas terminadas em /r/ e no plural acrescenta-se /is/: lugar - lugares; pescador - pescadores; mulher - mulheres; 3) palavras terminadas em /// e ³/e fazem o plural em /is/: vez - vezes; rapaz - rapazes; luz - luzes; 4) nomes com plural metafônico: porco - porcos; 5) nomes que têm uma só forma no singular e plural: ônibus.

Os falantes quando aplicam a regra de concordância de número nas palavras terminadas em /// e ³/e tendem a acrescentar apenas /i/: [usRapazi].

Na computação do número dos nomes substantivos, obteve-se o resultado mostrado no quadro 9.

QUADRO 9 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos substantivos.

NÚMERO	FREQUÊNCIA -	PORCENTAGEM
	134	
Singular	467	90,2
Plural	51	9,8

Observações;

. A frequência 134 refere-se a nomes classificados como singular coletivo, que apesar de estarem no singular, semanticamente indicam mais de um ser como pessoal, discoteca, mundo, maioria e os nomes próprios que não foram classificados nem no singular, nem no plural.

. É grande a frequência do uso da forma singular em comparação ao plural, primeiro porque muitas das vezes era a forma singular a realmente usada e segundo porque a regra de concordância do número não era aplicada ao substantivo, quando necessária.

3.1.2. Adjetivos

Os adjetivos estão também em ordem decrescente de frequência.

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
bom	52	12,35	meio	6	1,42
legal	16	3,80	parado	6	1,42
pequeno	12	2,85	d'água	5	1,18
igual	10	2,37	grande	5	1,18
melhor	10	2,37	ótimo	5	1,18
ruim	9	2,13	direto	4	0,95
solteiro	9	2,13	errado	4	0,95
calmo	7	1,66	importante	4	0,95
difícil	7	1,66	junto	4	0,95
bonita	6	1,42	lenta	4	0,95
certo	6	1,42	muita	4	0,95

		Porcen- tagem		Frequên- cia	Porcen- tagem
novo	4	0,95	encanado	2	0,47
poluída	4	0,95	estranho	2	0,47
satisfeito	4	0,95	feliz	2	0,47
viva	4	0,95	liberado	2	0,47
antigo	3	0,71	livre	2	0,47
cansada	3	0,71	mesma	2	0,47
cheio	3	0,71	pobre	2	0,47
crente	3	0,71	preto	2	0,47
da gente	3	0,71	sentado	2	0,47
de crente	3	0,71	sério	2	0,47
de festa	3	0,71	simples	2	0,47
de vida	3	0,71	trancado	2	0,47
diferente	3	0,71	tranquilo	2	0,47
doente	3	0,71	do caixão	2	0,47
dos parentes	3	0,71	a lenha	1	0,23
duro	3	0,71	a popa	1	0,23
gostoso	3	0,71	afogado	1	0,23
grávida	3	0,71	americana	1	0,23
interessante	3	0,71	apavorado	1	0,23
limpa	3	0,71	atrazado	1	0,23
normal	3	0,71	azul	1	0,23
próprio	3	0,71	balançada	1	0,23
sózinho	3	0,71	bastante	1	0,23
alugada	2	0,47	boiado	1	0,23
casado	2	0,47	branquinho	1	0,23
católica	2	0,47	bravo	1	0,23
chato	2	0,47	calados	1	0,23
da carmem	2	0,47	carinhosa	1	0,23
de história	2	0,47	chocada	1	0,23

Palavra	Freqüên- cia	Percen- tagem	Palavra	Freqüên- cia	Percen- tagem
clarinha	1	0,23	de P^ula	1	0,23
colorida	1	0,23	de popa	1	0,23
da Azambuja	1	0,23	de praia	1	0,23
da casa	1	0,23	de rã	1	0,23
da festa	1	0,23	de roupa preta	1	0,23
da laranja	1	0,23	de samba	1	0,23
da luta	1	0,23	de semana	1	0,23
da manhã	1	0,23	de verão	1	0,23
de amedrontar	1	0,23	de vidro	1	0,23
de árvore	1	0,23	de vista	1	0,23
de Azambuja	1	0,23	descansado	1	0,23
de bang bang	1	0,23	deserto	1	0,23
de campinho	1	0,23	desesperada	1	0,23
de campo	1	0,23	direito	1	0,23
de cano	1	0,23	do ano	1	0,23
de construção	1	0,23	do bandeirante	1	0,23
de conta	1	0,23	do café	1	0,23
de cozinha	1	0,23	do caminho	1	0,23
de Deus	1	0,23	do exército	1	0,23
de engenho	1	0,23	do havai	1	0,23
de fel	1	0,23	do morro	1	0,23
de fogo	1	0,23	do muro	1	0,23
de futebol	1	0,23	do ônibus	1	0,23
de grã-fino	1	0,23	do vizinho	1	0,23
de morar	1	0,23	doente da vista	1	0,23
de moto	1	0,23	dolorida	1	0,23
de música	1	0,23	espantado	1	0,23
de natal	1	0,23	esquerda	1	0,23
de negócio	1	0,23	forte	1	0,23

		Perce- tagem		Frequên- cia	Perce- tagem
fraco	1	0,23	sossegada	1	0,23
fresquinha	1	0,23	todo	1	0,23
fundo	1	0,23	triste	1	0,23
geral	1	0,23	última	1	0,23
grave	1	0,23	única	1	0,23
impressionada	1	0,23	verde	1	0,23
inflamado	1	0,23	vermelha	1	0,23
instalado	1	0,23			
judiada	1	0,23			
junina	1	0,23			
ma	1	0,23			
malandra	1	0,23			
malvada	1	0,23			
maravilhosos	1	0,23			
menor	1	0,23			
mocinha	1	0,23			
morna	1	0,23			
movimentado	1	0,23			
nervoso	1	0,23			
oco	1	0,23			
pesado	1	0,23			
positivo	1	0,23			
possível	1	0,23			
preso	1	0,23			
prosa	1	0,23			
quieto	1	0,23			
retirado	1	0,23			
retrasado	1	0,23			
rico	1	0,23			

Total de ocorrências dos adjetivosj 419

Total de adjetivos: 176

Total de ocorrências dos derivados: 85

Total de adjetivos derivados: 46

Total de ocorrências de locuções adjetivas: 76

Total de locuções adjetivas: 60

Lista de prefixos e sufixos em ordem decrescente de frequência.

QUADRO 10 - Frequência de prefixos e sufixos dos adjetivos.

PREFIXOS	SUFIXOS
des 01	ADO 29
	ADA 12
	EIRO 09
	ENTE 09
	ANTE 07
	IDA 06
	OSO 05
	INHO 04
	INHA 03
	OSA 01
<hr/>	
Total de ocorrências: 01	Total de ocorrências: 85

Os trinta primeiros adjetivos contam 223 ocorrências, isto é 52,9% do total. Bom é o adjetivo mais frequente, 52 ocorrências, correspondendo a 12,4%, com grande espaço do segundo que é legal com 16 ocorrências, correspondendo a 3,8% do total

de adjetivos. Encontra-se apenas uma locução adjetiva, que é d'água, e existem mais palavras com denotação positiva do que negativa: bom, legal, melhor, bonita, certo, grande, ótimo, importante, satisfeito, viva, entre os trinta adjetivos iniciais.

Não se obteve nenhuma forma adjetiva típica das comunidades em estudo.

Morfologicamente, sabe-se que o adjetivo é uma espécie de palavra dependente das demais. Apenas alguns adjetivos referentes a cores como azul, verde, vermelha e outros como prosa, triste, oco, deserto, sério, grande, etc, "pertencem a classe de adjetivos primitivos, que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representam".⁹ No corpus estudado, os adjetivos primitivos são no total 72 com 260 ocorrências, portanto compreendem a maioria deles.

Todos os adjetivos derivados são por sufixação, com exceção de descansado, que sofre o processo simultâneo de prefixação e sufixação.

Derivados de verbos de 1^a conjugação correspondem a 38,6%, 29 ocorrências, pelo acréscimo do sufixo - ado; 16%, 12 ocorrências, pelo acréscimo do sufixo - ada, com exceção da forma malvada que é derivada do adjetivo mau; 9,3%, 07 ocorrências, pelo acréscimo do sufixo - ante.

Derivados de verbos do 2^a e 3^a conjugação correspondem a 12%, 09 ocorrências, pelo acréscimo do sufixo - ente, como em crente e diferente; 8%, 06 ocorrências, pelo acréscimo do su-

⁹Gonzalo Sobejano. El epítelo en la lírica española, Madrid, Gramática da Língua Portuguesa, p.253.

fixo - ida, como eitt poluída e dolorida.

O sufixo - inho> 5,3% corresponde a 04 ocorrências, e o sufixo - inha, 4% correspondendo a 03 ocorrências, com valor diminutivo é empregado nos adjetivos para dar ênfase ao sentido destes, sendo que na palavra sozinho há o acréscimo do - z - ao sufixo - inho.

12%, 09 ocorrências, corresponde a xim derivado, que sofreu o acréscimo do sufixo - eiro, que é solteiro; 6,6%, 05 ocorrências, sofreu o acréscimo do sufixo ~ oso, sendo que 02 são derivados de verbo, como gostoso e maravilhoso, e 01 de substantivo, que é nervoso, e 1%, 01 ocorrência, sofreu o acréscimo do sufixo - osa, derivado do substantivo correspondente - carinho - carinhosa.

Tem-se que uma grande maioria de adjetivos só receberiam o - s, marcador da forma plural, como pequeno, solteiro, calmo, bonita; poucos sofreriam uma mudança silábica forte como legal, igual, azul, difícil; bem poucos sofreriam o acréscimo de - es como melhor, feliz, menor, no caso da flexão do número. Os adjetivos novo, gostoso, nervoso, maravilhoso sofreriam um plural metafônico, enquanto que o adjetivo simples só tem uma forma para o singular e plural.

No caso do gênero, a maioria dos adjetivos são biformes, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino, como em bom, pequeno, solteiro, calma, bonita, certo, meio, parado, ótimo, direto, errado, junto, lenta, novo, poluída, satisfeito, e poucos são uniformes, isto é, têm uma só forma para os dois gêneros como legal, igual, melhor, ruim, difícil, grande, importante.

Não foi feito 'nenhum estudo sistemático sobre a aplicação das regras de concordância de gênero e número nos . adjetivos, mas na computação do gênero e número dos adjetivos listados,obteve-se o., resultado colocado nos quadros 11 e 12, respectivamente .

QUADRO 11 - Frequência e porcentagem da flexão de gênero nos adjetivos.

Gênero	Frequência	Porcentagem
...	100	.
Masculino	151	47,0
Feminino	96	29,9
Neutro	74	23,1

Observações:

- . Há uma grande quantidade de adjetivos masculinos;
- . Os adjetivos neutros são aqueles que têm uma só forma para os dois gêneros, ou seja, adjetivos uniformes;
- . A frequência 100 corresponde às locuções adjetivas, que não puderam ser enquadradas entre as três classificações do gênero .

QUADRO 12 - Frequência e Porcentagem da flexão de número nos adjetivos.

Número	Frequência	Porcentagem
.	73	.
Singular	339	97,4
Plural	9	2,6

Observações;

- . A maior parte dos adjetivos foi usada na forma singular;
- . A frequência 73 corresponde às locuções adjetivas.

3.1.3. Pronomes

Os pronomes, à semelhança do substantivo e do adjetivo, são apresentados numa ordem decrescente de frequência.

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
eu	370	25,74	se	20	1,39
que	153	10,64	senhora	18	1,25
a gente	79	5,49	essa	15	1,04
ele	62	4,31	esse	15	1,04
tudo	62	4,31	algum	13	0,90
nós	50	3,47	outra	13	0,90
eles	48	3,34	essas	12	0,83
mim	45	3,13	toda	12	0,83
me	44	3,06	qualquer	11	0,76
meu	43	2,99	meus	10	0,69
minha	43	2,99	comigo	9	0,62
isso	39	2,71	ninguém	9	0,62
ela	31	2,15	o	8	0,55
todo	24	1,67	quem	8	0,55
nada	21	1,46	senhor	8	0,55
aquele	20	1,39	nenhum	6	0,41
outro	20	1,39	todos	6	0,41

Palavra	Frequên- cia	Porcen- tagem	Palavra	Porcen- tagem
tu	6	0,41		
um	6	0,41		
a	5	0,34		
aquilo	5	0,34		
cada um	5	0,34		
elas	5	0,34		
minhas	5	0,34		
muito	5	0,34		
onde	5	0,34		
você	5	0,34		
esses	4	0,27		
o que	4	0,27		
quanto	4	0,27		
sua	4	0,27		
gente	3	0,20		
mesmo	3	0,20		
nosso	3	0,20		
lhes	2	0,13		
seu	2	0,13		
te	2	0,13		
alguém	1	0,06		
cada	1	0,06		
mesma	1	0,06		
porque	1	0,00		
qual	1	0,06		
quantas-	1	0,06		
tal	1	0,06		

Eles foram classificados em pessoais, de tratamento, pos-

sessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos, locuções pronominais indefinidas.

Obteve-se iam total de 1.437, sendo que o maior número de ocorrências foram de pronomes pessoais. O número de frequência e a porcentagem em cada tipo são mostradas no Quadro 13 a seguir.

QUADRO 13 - Frequência e porcentagem dos pronomes.

CLASSIFICAÇÃO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Pessoal	691	48,1
Indefinido	217	15,1
Relativo	155	10,8
Demonstrativo	128	8,9
Tratamento	114	7,9
Possessivo	111	7,7
Interrogativo	16	1,1
Locução pronominal indefenida 5		0,5

Entre os trinta primeiros mais freqüentes tem-se eu com 370 ocorrências correspondendo a 25,7%; ele, 62 ocorrências, 4,3%; nós, 50 ocorrências, 3,5%; mim, 45 ocorrências, 3,1%; n, 44 ocorrências, 3%; ela, 31 ocorrências, 2,1%; se, 20 ocorrências, 1,4%; comigo, 09 ocorrências, 0,6%; o, 08 ocorrências, 0,5%, pronomes pessoais; a gente, 79 ocorrências, 5,5%; senhora, 18 ocorrências, 1,2%/ pronomes de tratamento; meu, 43 ocorrências, 2,9%; minha, 43 ocorrências, 2,9%/ pronomes possessivos; isso, 39 ocorrências, 2,7%; aquele, 20 ocorrências, 1,4%; essa, 15 ocorrências, 1%; essas, 12 ocorrências, 0,8%; esse, 15 ocorrências, 1%, pronomes demonstrativos; tudo, 62 ocorrências, 4,3%;

todo^ 24 ocorrência-s, 1,6%; outro, 20 ocorrências, 1,4%; algun, 13 ocorrências, 0,9%; outra, 13 ocorrências, 0,9%; toda, 12 ocorrências, 0,8%; qualquer, 11 ocorrências, 0,7%; ninguém, 09 ocorrências, 0,6%> pronomes indefinidos e que, 153 ocorrências, 10,6%, pronome relativo. O que é o mais freqüente entre os relativos .

SÓ o pronome eu corresponde a 25,7% do total de pronomes falados com uma boa diferença com o segundo mais freqüente que é o que - 153 ocorrências, 10,6%. A grande porcentagem do pronome eu é consequência do tipo de entrevista realizada.

A única locução pronominal indefinida é cada um, com apenas 05 ocorrências, correspondendo o 0,3%.

Os pronomes variáveis e denominados de adjetivos na gramática tradicional dependem do substantivo que acompanham, concordando com este em gênero e número. Não se observa dificuldades na aplicação da regra de concordância de gênero e nenhuma irregularidade quanto ao uso dos invariáveis. A aplicação da regra de concordância de número sofre algumas irregularidades já vistas na parte dos substantivos.

Os quadros 14 e 15 a seguir trazem as informações sobre as variações de gênero e número nos pronomes de acordo com o número de freqüência;

QUADRO 14 - Freqüência e porcentagem da flexão de gênero nos pronomes.

GÊNERO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
	966	«
Masculino	275	57,8
Feminino	196	41,2

A frequência 966 engloba alguns pronomes como eu, que, se, onde e outrôs que são invariáveis e que não se tem como determinar-lhes o gênero, com exceção do eu, que só passa a ser possível se diretamente relacionado ao sexo do falante.

QUADRO 15 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos pronomes,

NÚMERO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
.	397	.
Singular	872	83,8
Plural	168	16,2

A frequência 397 engloba os pronomes invariáveis.

3.1.4. Verbos

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
ser	392	13,68	achar	62	2,16
ter	307	10,71	saber	57	1,99
ir	227	7,92	morar	55,	1,92
estar	141	4,92	ver	41	1,43
dar	110	3,84	vir	36	1,25
fazer	102	3,56	poder	34	1,18
trabalhar	87	3,03	estudar	32	1,11
gostar	80	2,79	passar	32	1,11
sair	69	2,40	querer	32	1,11
ficar	63	2,19	pegar	29	1,01

		Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
brigar	24	0,83	assistir	9	0,31
falar	23	0,80	acontecer	8	0,27
chegar	20	0,69	cair	8	0,27
dizer	19	0,66	comer	8	0,27
brincar	17	0,59	dever	8	0,27
conhecer	17	0,59	vender	8	0,27
tomar	17	0,59	correr	7	0,24
cuidar	16	0,55	entrar	7	0,24
jogar	16	0,55	incomodar	7	0,24
morrer	16	0,55	parar	7	0,24
dançar	14	0,48	precisar	7	0,24
pensar	14	0,48	começar	6	0,20
viver	14	0,48	desaparecer	6	0,20
arrumar	13	0,45	esquecer	6	0,20
casar	13	0,45	perder	6	0,20
ganhar	13	0,45	rodar	6	0,20
levar	13	0,45	andar	5	0,17
adorar	12	0,41	animar	5	0,17
botar	12	0,41	aparecer	5	0,17
deixar	12	0,41	capinar	5	0,17
voltar	12	0,41	carregar	5	0,17
ajudar	11	0,38	chamar	5	0,17
lembrar	11	0,38	conseguir	5	0,17
passar	11	0,38	divertir	5	0,17
pescar	11	0,38	explicar	5	0,17
tirar	11	0,38	falecer	5	0,17
acostumar	10	0,34	faltar	5	0,17
bater	10	0,34	frequentar	5	0,17
		0,34	haver	5	0,17

Palavra	Frequên- cia	Porcen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Porcen- tagem
mudar	5	0,17	mexer	3	0,10
pagar	5	0,17	olhar	3	0,10
salvar	5	0,17	plantar	3	0,10
usar	5	0,17	sofrer	3	0,10
arrebentar	4	0,13	tratar	3	0,10
boiar	4	0,13	trazer	3	0,10
comprar	4	0,13	vacinar	3	0,10
conversar	4	0,13	virar	3	0,10
custar	4	0,13	xingar	3	0,10
esperar	4	0,13	acertar	2	0,06
levantar	4	0,13	adiantar	2	0,06
matar	■ 4	0,13	agüentar	2	0,06
namorar	4	0,13	amar	2	0,06
nascer	4	0,13	arrancar	2	0,06
pedir	4	0,13	assentar	2	0,06
preferir	4	0,13	atropelar	2	0,06
prestar	4	0,13	beber	2	0,06
reclamar	4	0,13	chutar	2	0,06
rezar	4	0,13	colocar	2	0,06
servir	4	0,13	compensar	2	0,06
sustentar	4	0,13	competir	2	0,06
acabar	3	0,10	contaminar	2	0,06
aceitar	3	0,10	convidar	2	0,06
aprender	3	0,10	conviver	2	0,06
aumentar	3	0,10	criar	2	0,06
descansar	3	0,10	ensinar	2	0,06
dormir	3	0,10	entender	2	0,06
largar	3	0,10	envidrar	2	0,06
ler	3	0,10	escutar	2	0,06

		Porcen- tagem		Frequên- cia	Porcen- tagera
estranhar	2	0,06	chorar	1	0,03
fincar	2	0,06	conformar	1	0,03
lavar	2	0,06	consertar	1	0,03
limpar	2	0,06	construir	1	0,03
machucar	2	0,06	conter	1	0,03
maguar	2	0,06	continuar	1	0,03
odiar	2	0,06	controlar	1	0,03
preocupar	2	0,06	curtir	1	0,03
pretender	2	0,06	depender	1	0,03
rachar	2	0,06	derrubar	1	0,03
resolver	2	0,06	descer	1	0,03
seguir	" 2	0,06	desculpar	1	0,03
segurar	2	0,06	desenvolver	1	0,03
sonhar	2	0,06	devagar	1	0,03
supor	2	0,06	discutir	1	0,03
tentar	2	0,06	empregar	1	0,03
vestir	2	0,06	encontrar	1	0,03
abaixar	1	0,03	encostar	1	0,03
abraçar	1	0,03	enferrujar	1	0,03
abrir	1	0,03	entregar	1	0,03
acalmar	1	0,03	enxergar	1	0,03
amarrar	1	0,03	escapar	1	0,03
aproveitar	1	0,03	escrever	1	0,03
arrepender	1	0,03	estourar	1	0,03
atender	1	0,03	forrar	1	0,03
beijar	1	0,03	funcionar	1	0,03
caçar	1	0,03	gastar	1	0,03
cansar	1	0,03	grudar	1	0,03
cavar	1	0,03	interessar	1	0,03

		Porcen- tagem	Palavr by	Frequên- cia	Porcen- tagem
jantar	1	0,03	terminar	1	0,03
ligar	1	0,03	valer	1	0,03
mandar	1	0,03			
marchar	1	0,03			
mergulhar	1	0,03			
montar	1	0,03			
morder	1	0,03			
mostrar	1	0,03			
nadar	1	0,03			
obrigar	1	0,03			
ouvir	1	0,03			
participar	1	0,03			
perguntar	1	0,03			
pisar	1	0,03			
poluir	1	0,03			
pôr	1	0,03			
pular	1	0,03			
renegar	1	0,03			
respeitar	1	0,03			
respirar	1	0,03			
roubar	1	0,03			
sarar	1	0,03			
secar	1	0,03			
sentir	1	0,03			
soltar	1	0,03			
soprar	1	0,03			
sorrir	1	0,03			
subir	1	0,03			
	1				

O total de ocorrências dos 225 verbos é bastante grande em relação as demais classes de palavra, com exceção dos advérbios, e corresponde a 2.864.

Quanto à distribuição dessas ocorrências pelos modos verbais destaca-se o modo indicativo, com 76,5%; as formas nominais, infinitivo (17,2%), gerúndio (3,7%) e particípio (0,8%), correspondendo a 21,7% e os restantes 1,9% correspondendo ao subjuntivo e imperativo.

Estas informações estão no quadro 16.

QUADRO 16 - Frequência e porcentagem dos modos verbais.

MODOS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Indicativo	2.190	76,5
Infinitivo	492	17,2
Gerúndio	106	3,7
Subjuntivo	49	1,7
Particípio	22	0,8
Imperativo	5	0,2

Quanto à distribuição do tempo, o presente do modo do indicativo corresponde a 67,3% com 1.504 ocorrências. Em segundo lugar de frequência, o pretérito perfeito corresponde a 19,45% com 435 ocorrências. É seguido pelo pretérito imperfeito com 10,42% e 233 ocorrências. O pretérito mais que perfeito tem baixíssima ocorrência correspondendo a 0,22%. Entre os futuros só ocorre o futuro do pretérito com 10 ocorrências correspondendo a 0,45%.

Algumas combinações verbais, verbo auxiliar mais verbo principal, formando locuções verbais, ocorrem na forma do presente para indicar o futuro como em:

"Vai fazê mais di uns trinta anu..."

['vaj fa'ze 'mazdZiüs 'titra 'ãnu...]

"... poblema qui deu na minha luz aí ligação
tem qui ir lâ na Celesc arruma. , issu aí..."

[... po'blema ki' dew na 'minã 'luZi a'i liga*sãw

'téj kj 'i 'la na se'léskj aRu'ma isa'i ...]

O subjuntivo é em sua totalidade inexpressivo, sendo que o presente corresponde a 0,31% com 07 ocorrências, o pretérito imperfeito e 1,30% com 29 ocorrências e o futuro a 0,54% com 12 ocorrências.

O quadro 17 mostra a frequência e porcentagem dos tempos tanto do modo indicativo quanto do subjuntivo sendo que foi usado os seguintes símbolos: PRES - presente; PREP - pretérito perfeito; PREI - pretérito imperfeito; PRMQ - pretérito mais que perfeito; FUPT - futuro do pretérito; FUTU - futuro do subjuntivo.

A frequência 628 engloba os verbos que estão numa das formas nominais e no modo imperativo.

QUADRO 17 - Frequência e porcentagem dos tempos verbais.

TEMPO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
	628	
PRES	1.511	67,6
PREP	435	19,5
PREI	262	11,7
PRMQ	6	0,3
FUPT	10	0,4
FUTU	12	0,5

Através destes dados podemos afirmar que há o predomínio

do modo indicativo « do tempo presente, mesmo que em alguns casos o presente tenha sido usado com o valor de futuro, como visto anteriormente, em locuções verbais.

Foi considerado locução verbal quando um verbo vinha acompanhado por outro ou outros que estavam numa das formas nominais e ou vinham ligados por preposição. As locuções verbais correspondem a 298 ocorrências, 10,4%.

Foi considerado tempo composto apenas quando os verbos ter e haver vinham acompanhados por outro verbo no particípio resultando 08 ocorrências, 0,3%.

QUADRO 18 - Freqüência e porcentagem de verbos auxiliares e principais.

CLASSIFICAÇÃO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
AUXA	298	10,4
AUXE	8	0,3
PRIN	2.558	89,3

AUXA = auxiliar accidental, aqueles ocorridos nas locuções verbais.

AUXE = auxiliar essencial, aqueles ocorridos nos tempos compostos.

PRIN = verbo principal.

Por estes dados, pode-se afirmar que o uso de tempos compostos é inexpressivo com relação aos tempos simples.

Alguns exemplos de locuções verbais consideradas;

"... tem qui arrumá..." [...'têjn kjaRu'ma...]

"... eu ia estudá né_*" [... *ew 'iaStu'da *né...]

"... se nós fo morá na cidadi..." [...s'nõS 'fo mo'ra na si'dadi

cia de verbos no singular, 2.123 ocorrências correspondendo a 74,1%, facilmente justificável, já que quase sempre o sujeito do verbo se identifica a uma das três pessoas do singular. Algumas irregularidades aconteceram na concordância do verbo com a pessoa a que se refere como em:

"... problema qui deu na minha luz aí ligação
tem qui i lá na Celesc arrumá issu aí ..."

[... po'blema ki' dew na 'mĩña 'luZi a'i liga'sãw
'têj kj'i 'la na se'léskj aRu'ma isa'i ...]

O verbo ter concorda com a 3ª pessoa do singular, sendo que devia concordar com a 1ª pessoa: ... eu tenho que ir lá ...

121 ocorrências de verbos na forma plural, correspondendo a 4,2%. Algumas alterações são observadas nas desinências características da 1ª e 3ª pessoa do plural, ou omissão ou mudança. Não houve incidência da 2ª pessoa do plural.

1. "... se nós fo morá na cidadi..."

[... s'nóS'fo mo'ra na si'dadi...]

2. "... então nós tamu sempre lá ..."

[... 'tãw 'nójs 'tamu 'sēpri'la ...]

3. "... us cara qui mandu lá ..."

[... uS'karaki'mādu'la ...]

4. "... us alunu rodu puque ..."

[... uz a'lūnu 'Rodu pu'ke ...]

QUADRO 19 - Frequência e porcentagem da flexão de número nos verbos.

NÚMERO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
	620	
Singular	2.123	74,1
Plural	121	4,2

A frequência 620 corresponde aos verbos nas formas nominais.

Os 30 primeiros verbos correspondem a 2.173 ocorrências, correspondendo a 75,9% do total de ocorrências.

Ser, ter, ir, estar, verbos auxiliares típicos e que também funcionam como principal, quando empregados isoladamente na oração, encabeçam a lista. O verbo ser e estar servem também de verbo de ligação. Outro auxiliar típico é o fazer, que está no 109 lugar da lista, com 63 ocorrências.

A diferença de frequência entre os verbos ser e ter, os mais frequentes da lista, é muito pequena, sendo que o ser é o mais frequente tendo 392 ocorrências, correspondendo a 13,7% do total e o ter com 307 ocorrências, 10,7%.

A maior parte dos verbos usados são essencialmente de movimento.

3.1.5. Advérbios

A classe dos advérbios inclui tipos convencionalmente considerados como advérbios e tipos de classificação à parte da Gramática Tradicional. Esta inclusão se deu pelo fato de serem

estas palavras de difícil classificação.

Os advérbios e locuções adverbiais convencionais foram classificados em: lugar; tempo; modo; intensidade; afirmação; negação; dúvida; interrogação; locução adverbial de lugar, de tempo, modo, intensidade! e de meio.

As palavras não convencionalmente categorizadas como advérbios foram classificadas em: continuativos, exclusão e inclusão.

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
não	495	18,01	então	30	1,09
né	393	14,30	mesmo	26	0,94
assim	212	7,71	nunca	25	0,91
aí	178	6,47	não ter	22	0,80
aqui	159	5,78	como	21	0,76
lá	131	4,76	ainda	18	0,65
só	105	3,82	hum-hum	17	0,61
já	99	3,60	bastante	16	0,58
mais	83	3,02	quase	14	0,50
também	75	2,73	fora	12	0,43
muito	69	2,51	um pouco	11	0,40
agora	55	2,00	em cima	10	0,36
às vezes	51	1,85	olhar	10	0,36
bem	47	1,71	depois	9	0,32
sim	43	1,56	hoje	9	0,32
sempre	37	1,34	mais ou menos	9	0,32
ali	36	1,31	melhor	9	0,32

Palavra	Frequên- cia	Porcen- tagem	Palavra	Frequên- cia	Porcen.- tagem
cá	8	0,29	numa boa	3	0,10
dentro	8	0,29	tanto	3	0,10
han	8	0,29	aonde	2	0,07
pouco	7	0,25	atrás	2	0,07
até	6	0,21	com coração na mão	2	0,07
de repente	6	0,21	de noite	2	0,07
de vez em quando	6	0,21	deixar eu ver	2	0,07
longe	6	0,21	diretamente	2	0,07
nem	6	0,21	mal	2	0,07
pelo menos	6	0,21	meio	2	0,07
quando	6	0,21	por cima	2	0,07
de manhã	5	0,18	porque	2	0,07
de novo	5	0,18	praticamente	2	0,07
embora	5	0,18	à tarde	1	0,03
entender	5	0,18	à vontade	1	0,03
hum	5	0,18	além	1	0,03
perto	5	0,18	basicamente	1	0,03
à noite	4	0,14	cadê	1	0,03
a pé	4	0,14	cedo	1	0,03
embaixo	4	0,14	certo	1	0,03
por dentro	4	0,14			
tarde	4	0,14	de fora	1	0,03
antes	3	0,10	de marcha lenta	1	0,03
de costa	3	0,10	de rosa	1	0,03
de pé	3	0,10	de tarde	1	0,03
direito	3	0,10	direto	1	0,03
frente	3	0,10	em pé	1	0,03
han-han	3	0,10	enquanto	1	0,03

		Porcen- tagem		Frequên- cia	Porcen- tagem
han-hun	1	0,03	por aí	1	0,03
junto	1	0,03	por baixo	1	0,03
lá uma vez ou outra	1	0,03	por enquanto	1	0,03
logo	1	0,03	por exemplo	1	0,03
n'água	1	0,03	por perto	1	0,03
nada	1	0,03	principal- mente	1	0,03
no mar	1	0,03	quanto	1	0,03
onde	1	0,03	sinceramente	1	0,03
para cima	1	0,03	talvez	1	0,03
para fora	1	0,03	um pouqui- nho	1	0,03
para trás	1	0,03			
pior	1	0,03			

0 total de ocorrências de advérbios é 2.800, distribuídos entre 113 advérbios.

De acordo com a frequência em cada classificação obteve-se o resultado mostrado no quadro 20 a seguir.

	CLASSIFICAÇÃO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
ADVER- BIOS	Negação	527	19,2
	Lugar	446	16,2
	Modo	558	13,0
	Intensidade	283	10,3
	Tempo	257	9,3
	Afirmação	43	1,5
	Interrogativo	18	0,7
	Dúvida	1	0,0
LOCUÇÕES ADVER- BIAIS	L. Adv. de Tempo	78	2,8
	L. Adv. de Lugar	25	0,9
	L. Adv. de Intensidade	20	0,7
	L. Adv. de Modo	16	0,6
	L. Adv. de Meio	7	0,3
NÃO CON- VENCIO- NAIS	Continuativos	603	22,0
	Exclusão	106	3,9
	Inclusão	92	3,3

Entre os advérbios convencionais os mais freqüentes são:

1) Negação o não é o mais freqüente, com 495. ocorrências, correspondendo a 18%, inclusive encabeça a lista, e é seguido por nunca que fica no 209 lugar, com 25 ocorrências, 0,9%.

2) Lugar o aqui com 159 ocorrências, 5,7%; Lã, 131 ocorrências, 4,7%; ali, 36 ocorrências, 1,3%; em cima, 10 ocorrências, 0,3%.

3) Intensidade o mais, 83 ocorrências, 3%, muito, 69 ocorrências, 2,5%; bastante, 16 ocorrências, 0,5%; quase, 14 ocorrências, 0,5%; um pouco, 11 ocorrências, 0,4%.

4) Modo o assim com 212 ocorrências, 7,7%; só, 14 ocorrências, 0,5%; como, 12 ocorrências, 0,4%.

5) Tempo o já, 98 ocorrências, 3,6%; agora, 55 ocorrências.

2%; às vezes 51 ocorrências, 1,8%; sempre, 37 ocorrências, 1,3%; então, 30 ocorrências, 1,0%; ainda, 18 ocorrências, 0,6%.

6) Afirmção o sim com 43 ocorrências, 1,5%.

7) Interrogativo o como 09 ocorrências, 0,3%; quando, 06 ocorrências, 0,2%.

Entre os advérbios não convencionais os mais frequentes são:

1) Continuativos o com 39 3 ocorrências, 14% do total de advérbios; ai, 178 ocorrências, 6,4%; não tem, 22 ocorrências, 0,8%; hum-hum, 17 ocorrências, 0,6%.

Os continuativos ou continuadores do discurso são bastante frequentes na fala do adulto.

2) Exclusão/Inclusão o também, 75 ocorrências, 2,7%; mesmo, 26 ocorrências, 0,9%; até, 06 ocorrências, 0,2%.

A diferença de ocorrência entre o advérbio convencional não, que conta com 18% do total, e do advérbio não convencional né, com 14% do total, é bem pequena, enquanto a diferença de ocorrência entre o não e o advérbio convencional seguinte, assim, com 212 ocorrências, 7,7%, é bem significativa. O mesmo ocorre entre o advérbio não convencional né o seguinte, que é al com 178 ocorrências, 6,4%.

Certos advérbios, principalmente os de modo, são formados pelo acréscimo do sufixo -mente a adjetivos. Houve 07 ocorrências deste sufixo, distribuídos entre 5 advérbios;

- diretamente - 02 ocorrências;
- praticamente - 02 ocorrências;
- basicamente - 01 ocorrência;
- principalmente - 01 ocorrência;
- sinceramente - 01 ocorrência.

O sufixo -inho teve uma ocorrência na locução um pouquinho.

Como nos adjetivos,, este sufixo ligado a advérbios vem dar ênfase ao sentido deste.

3.1.6. Numerais

Os numerais foram classificados em: cardinais, ordinais, fracionários, multiplicativos. Não houve nenhuma ocorrência de multiplicativo.

1) Numeral Cardinal

Cardinal	Frequência	Porcentagem	Cardinal	Frequência	Porcentagem
dois	14	8,58	dezesesseis	2	1,22
sete	14	8,58	dezoito	2	1,22
seis	11	6,74	mil	2	1,22
cinco	10	6,13	quarenta	2	1,22
um	10	6,13	quatorze	2	1,22
oito	9	5,52	treze	2	1,22
três	9	5,52	trinta	2	1,22
onze	7	4,29	vinte	2	1,22
dez	5	3,06	vinte e oito	2	1,22
nove	5	3,06	cento e cinquenta	1	0,61
quatro	4	2,45	dezessete	1	0,61
doze	3	1,84	duzentos	1	0,61
quinze	3	1,84	setenta e quatro	1	0,61
vinte e cinco	3	1,84	trezentos	1	0,61
cem	2	1,22	vinte e sete	1	0,61

2) Numeral Ordinal

Ordinal	Freqüência	Porcentagem
primeiro	9	5,52
quarto	3	1.84
quinta	3	1.84
terceira	1	0,61

3) Numeral Fracionário

Fracionário	Freqüência	Porcentagem
meio	14	8,58

Num total de 163 ocorrências, 133, 81,6%, correspondem aos cardinais, distribuídas entre 30 numerais; 16, 9,8%, aos ordinais, distribuídas entre 04 numerais, e 14, 8,6%, aos fracionários, distribuídas entre apenas 01 numeral.

Os numerais mais freqüentes foram dois com 14 ocorrências, correspondendo a 8,5% do total; meio, 14 ocorrências, 8,5%; sete, 14 ocorrências, 8,5%; seis, 11 ocorrências, 6,7%; cinco, 10 ocorrências, 6,1%; im, 10 ocorrências, 6,1%. A diferença de freqüência entre eles não foi muito significativa.

Entre os numerais passíveis de flexão de gênero que são dois, um, duzentos, trezentos, primeiro, quarto, quinta, terceiro e meio, 24 ocorrências, 14,7%, correspondem a forma masculina e 31 ocorrências, 19%, correspondem a forma feminina. As outras 108 ocorrências, 66,3%, correspondem aos numerais que não se flexionam.

Não houve ocorrência de cardinais que podem se flexionar quanto ao número. Quanto aos ordinais, todos ocorreram na forma singular.

São considerados artigos aqueles que ocupam sua posição natural de determinantes de substantivo.

1) Artigos Definidos

SINGULAR			PLURAL		
Artigo	Frequência	Porcentagem	Artigo	Frequência	Porcentagem
o	141	24,78	as	36	6,32
a	129	22,67	os	27	4,74

2) Artigos Indefinidos

SINGULAR			PLURAL		
Artigo	Frequência	Porcentagem	Artigo	Frequência	Porcentagem
um	119	20,91	uns	09	1,58
vima	105	18,45	umas	03	0,52

Obteve-se um total de 569 ocorrências, sendo que 333 correspondem aos artigos definidos, - 58,5%, e 236 correspondem aos indefinidos, 41,4%.

296 ocorrências, 52,1%, correspondem aos artigos de gênero masculino e 273, 47,9%, aos artigos de gênero feminino.

494 ocorrências, 86,8%, correspondem aos artigos no singular, 75 ocorrências, 13,2%, aos artigos no plural.

A diferença de frequência entre artigos definidos e indefinidos não é significativa, mas das mesmas palavras com seus respectivos plurais, sim.

A pouca frequência de artigos no plural é consequência da baixa ocorrência da necessidade de aplicação da marca de plural.

3.1.8. Preposições -

Ao todo contam-se 572 ocorrências de preposição e locução prepositiva, distribuídas entre 23 palavras e locuções. A preposição existente nas combinações do tipo na, pra, da, dele não foram contadas isoladamente, pois acredita-se que, na perspectiva dos falantes, não existem como combinações ou construções e sim como unidades indivisíveis.

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
de	162	28,32	sem	4	0,69
para	106	18,33	contra	3	0,52
com	95	16,60	conforme	2	0,34
em	61	10,66	além de	1	0,17
que	40	6,99	antes de	1	0,17
até	26	4,54	até a	1	0,17
por	19	3,32	através de	1	0,17
a	11	1,92	desde	1	0,17
por causa de	10	1,74	perto de	1	0,17
perto de	9	1,57	por conta de	1	0,17
dentro de	9	1,57			
depois de	4	0,69			
durante	4	0,69			

38 ocorrências, 6,6% correspondem a locuções prepositivas, distribuídas entre 10 locuções, e as restantes 534, 93,4%, às preposições essenciais e acidentais.

As preposições acidentais que ocorreram foram; que, duran-

te, conforme, correspondendo a apenas 8% do total.

A preposição de, a mais freqüente, com 162 ocorrências, correspondendo a 28,ã%, mantém uma boa diferença com as que lhe seguem que é para, 106 ocorrências, 18,5%; com, 95 ocorrências, 16,6%; em, 61 ocorrências, 10,6%; que, 40 ocorrências, 6,9%; até, 26 ocorrências, 4,5%; por, 19 ocorrências, 3,3%, a, 11 ocorrências, 1,9%.

A palavra que foi considerada preposição em construções onde foi aplicada ao invés do de. Por exemplo; "... tem qui arrumã ..." ['tê3n kjaRu'ma] ao invés de tem de arrumar.

3.1.9. Contrações

Não se separou as combinações e as contrações, considerando-as dentro da mesma classe de palavras, por uma questão de simplificação na computação destes dados.

3.1.9.1. Combinações

Palavra	Freqüência	Porcentagem	Palavra	Freqüência	Porcentagem
na	130	19,93	daí	11	1,68
no	98	15,03	num	11	1,68
pra	97	14,87	dum	10	1,53
da	95	14,57	nesse	10	1,53
do	72	11,04	co	8	1,07
pro	25	3,84	cuma	5	0,76
dele	16	2,14	dali	5	0,76
daqui	13	1,99	disso	4	0,61
ca	11	1,68	dessa	3	0,46

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
noutro	3	0,46	daquele	1	0,15
ao	2	0,30	desta	1	0,15
nele	2	0,30	naquele	1	0,15
pelo	2	0,30			

Dentre as combinações, as mais frequentes são o na com 130 ocorrências, correspondendo a 20% do total, o_r^, 98 ocorrências, 15%; para, 97 ocorrências, 14,8%; da, 95 ocorrências, 14,5%; de, 92 ocorrências, 11%.

3.1.9.2. Contrações

Palavra	Frequência	Porcentagem
ã	16	2,54

As combinações contam com 636 ocorrências, 97,5% do total, sendo que 342, 53,7%, são do gênero feminino, 261,41%, do gênero masculino e 33, 5,2%, ri^ variam.

As contrações contam com 16 ocorrências, 2,5% do total.

564 ocorrências, 86,5%, mantiveram-se na forma singular, 55 ocorrências, 8,5%, se flexionaram, ou seja, receberam a marca de plural e 33 ocorrências, 5%, não se flexionaram. Estes dados englobam as combinações e as contrações.

3.1.10. Conjunções

As conjunções foram classificadas em:

1) Conjunções Coordenadas

- aditiva
- conclusiva
- adversativa
- explicativa
- alternativa

2) Conjunções Subordinadas

- integrante
- condicional
- final
- concessiva
- conformativa
- causai
- comparativa
- consecutiva
- proporcional
- temporal

Não houve ocorrência de conjunções subordinadas finais e proporcionais.

274 ocorrências, 53,8%, englobam as conjunções coordenadas; 236, 46,2%, as subordinadas, num total de 510 conjunções.

De acordo com as distribuições em cada tipo, obteve-se o resultado apresentado no quadro 21.

QUADRO 21 - Frequência e porcentagem das conjunções.

	CLASSIFICAÇÃO	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM
COORDENADAS	C. aditiva	120	23,6
	C. adversativa	97	19,0
	C. explicativa	44	8,6
	C. alternativa	12	2,4
	C. conclusiva	01	0,2
SUBORDINADAS	S. temporal	62	12,2
	S. condicional	55	10,8
	S. causai	52	10,2
	S. integrante	51	10,0
	S. conformativa	9	1,8
	S. concessiva	3	0,6
	S. comparativa	3	0,6

Palavra	Frequência	Porcentagem	Palavra	Frequência	Porcentagem
e	112	22,00	nem	8	1,57
que	100	19,64	até que	3	0,58
mas	97	10,05	desde quando	2	0,39
se	64	12,87	enquanto	2	0,39
quando	50	9,82	assim como	1	0,19
porque	48	9,43	então	1	0,19
ou	12	2,35	pois	1	0,19
comp	9	1,76			

As conjunções obtidas no corpus foram:

1. aditivas: e, com 112 ocorrências, correspondendo a 22%; nem, 08 ocorrências; 1,5%.
2. adversativas: mas, 97 ocorrências, 19%.
3. explicativas: que, 9 ocorrências, 1,7%; porque, 35 ocorrências, 6,8%.
4. alternativas: ou, 12 ocorrências, 2,3%.
5. conclusivas: pois, 01 ocorrência, 0,1%.
6. temporais: quando, 50 ocorrências, 9,8%; até que, 03 ocorrências, 0,5%; desde quando, 02 ocorrências, 0,4%; enquanto, 02 ocorrências, 0,4%; então, 01 ocorrência, 0,1%.
7. condicionais: se, 55 ocorrências, 10,8%.
8. causais: que, 38 ocorrências, 7,4%; porque, 13 ocorrências, 2,5%.-.
9. integrantes: que, 42 ocorrências, 8,2%; se, 09 ocorrências, 1,7%.
10. conformativas: como, 09 ocorrências, 1,7%.
11. concessiva: que, 03 ocorrências, 0,6%.

12. comparativa: que, 02 ocorrências, 0,3%; assim como, 01 ocorrência, 0,1%.

A conjunção mais freqüente é o e, com 112 ocorrências, correspondendo a 22% do total, seguida pelo que, com 100 ocorrências, 19,6%; o mas, 97 ocorrências, 19,0%; o se, com 64 ocorrências, 12,0%.

3.1.11. Interjeições

As interjeições incluem expressões que indicam de forma genérica manifestações da forma humana.

Palavra	Freqüência	Porcentagem	Palavra	Freqüência	Porcentagem
ah	78	60,00	ué	2	1,53
saber lá	16	12,30	bá	1	0,76
oh	14	10,76	hun	1	0,76
ai	6	4,61	ih	1	0,76
graças a Deus	6	4,61	meu Deus	1	0,76
põ	3	2,30	uai	1	0,76

As expressões "saber lá", "graças a Deus", "meu Deus" foram classificadas como locuções interjectivas.

A interjeição mais freqüente foi ah com 78 ocorrências, correspondendo a 60% do total, mantendo grande diferença com as seguintes que são a locução saber lá com 16 ocorrências, 12% e oh, com 14 ocorrências, 10,7%.

Palavra expletiva ou partícula de realce serve para expressar uma ação mais enérgica, ou interesse do sujeito no ato que pratica, ou espontaneidade na execução da ação verbal. É empregada junto a verbos intransitivos ou transitivos indiretos sem qualquer função sintática, podendo ser retirada da oração sem prejuízo gramatical desta.

Há 137 ocorrências, 97,4%, da palavra que e apenas 01 ocorrência, 2,6%, da palavra se, com esta função.

ASPECTOS FOKOLÓGICOS E RELAÇÕES ENTRE SONS E LETRAS

Muitos professores prontificam-se a trabalhar com a alfabetização de adultos sem ter o mínimo conhecimento da realidade lingüística do alfabetizando, sendo que um dos requisitos imprescindíveis para um bom desenvolvimento de um ensino escolar de língua portuguesa é a conscientização do fenômeno da heterogeneidade dialetal. Este é um fenômeno natural dentro de uma nação como o Brasil, grande e diversificada, e ocorre por fatores geográficos, a região Sul tem particularidades e diferenças lingüísticas com relação a região Norte e outras regiões e existem divergências mesmo entre comunidades fisicamente distantes uma da outra, sociais, diferenças lingüísticas existentes entre distintos subgrupos de uma comunidade por causa da estratificação social, faixa etária, sexo, ocupação profissional, e pelo registro de uso ou nível de formalidade atribuído à fala pelos interlocutores, que pode ser informal, coloquial OU formal, dependendo da situação que os indivíduos se encontram. É necessário a compreensão dos fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua e o conhecimento

dos fatos específicos dessa variação na área em que o professor atua. É importante a consciência de que estas diferenças dialetais não empobrecem ou enriquecem um dialeto, do ponto de vista de suas potencialidades de expressão e que a norma padrão deve ser ensinada para que o aprendiz faça uso dela em situações de comunicação adequada.

Para o ensino da norma lingüística padrão, é preciso que o professor saiba quais são as diferenças sintáticas, morfológicas, fonológicas, fonéticas e semânticas desta norma com relação ao dialeto usado pelos alfabetizandos, com quem vai trabalhar. Assim, deve prever ou tentar prever quais as dificuldades que os alfabetizandos enfrentarão e apresentá-las de forma gradual.

Neste trabalho serão apresentados alguns ~~casos~~ de divergência interdialetoal sob os aspectos fonológicos e algumas possíveis grafias de sons semelhantes em contextos idênticos ou diversos, que podem ser responsáveis grande parte das dificuldades na escrita.

Trabalhar-se-á apenas com os substantivos, por motivo de necessidade de limitação de dados a serem analisados e não por querer dizer que os aspectos analisados não ocorram com outras classes morfológicas.

4.1. Aspectos Fonológicos

4.1.1. A síncope nas Proparoxítonas

Não se verificou a tendência da realização desta variedade lingüística já que as ocorrências da redução de proparoxítonas a paroxítonas são muito pequenas.

Temos: árvore - arvi ['arvi]; relâmpago - relampo[Re'lâpu], onde houve a perda da vogal postônica e da consoante que a segue.

Outras proparoxítonas que ocorreram não são propensas a

supressão: matemática, época, música, agrônômica, católica, cen-
tímetro, doméstica, exército, máquina. A maioria destas pala-
vras possuem um /i/ postônico que é uma vogal hipertética, mais
resistente à queda evitando assim a redução.

As reduções que ocorreram foram possíveis já que a queda
da vogal postônica e da consoante que a segue não resultou em
encontros consonantais e padrão silábico impróprios à língua.

Interessante notar, porém, a síncope ocorrida na palavra
ônibus, na maioria de suas ocorrências, já que deveria ser uma
forte concorrente a não redução.

Certos informantes a pronunciaram de duas ou três formas
diferentes.

QUADRO 22 - A síncope na palavra ônibus.

<u>Manteve-se a proparaxítone;</u>	<u>Houve redução:</u>
['ônibuS] (2 ocorrências)	['ôjbuS] (2 ocorrências)
['ôjnibuS] (1 ocorrência)	['ôjniS] (2 ocorrências)
['ônibuz] (1 ocorrência)	1'oniS] (1 ocorrência)
	['ôni] (1 ocorrência)
	['ônuS] (1 ocorrência)
	['onis] (1 ocorrência)
Total de ocorrências: 04 ocorrências	Total de ocorrências: 08 ocorrências

Nos casos de redução, houve queda da consoante, da vogal
postônica e ditongação no primeiro e segundo casos. A ditonga-
ção ocorre, porque, enquanto as vogais fracas podem sofrer os
fenômenos de síncope, ou redução, as fortes, frequentemente, so-
frem ditongação, o caso da vogal /i/. Na redução houve a queda
da consoante e vogal postônica que ora era -ni, ora -bu, ora
-bus, ora -ib, que ainá resultou em padrões silábicos normais
à língua; CV e CVC.

4.1.2. Redução de Ditongos

Considerando em primeiro lugar os ditongos crescentes, isto é, aqueles nos quais a semivogal precede a vogal, há certos ditongos que têm grande tendência à redução.

QUADRO 23 - Ditongo io - ia

Palavras em que houve redução		Palavras em que não houve redução	
negócio [ne'gõsu]	26	negócio [ne'gõsju]	01
[ne'gõsdi'fêsta]			
[ne'gõsa'sI]			
[ne'gõ'sê]			
[ne'gõs'pret]			
história [iS'tóra]	06	história [iS'tória]	13
		[iS'tórja]	
cemitério [sĩmi'téru]	03	-	
distância [dis'tāsa]	02	-	
família [fa'milĩ'kaza]	01	família [fa'milia]	01
farmácia [faR'masa]	01	farmácia [far'masia]	01
infância [ĩ'fāsa]	01	infância [ĩ'fāsja]	01
matéria [ma'téra]	01	-	
salário [sa'laru]	01	-	
violência [vio'lēsa]	01	-	
-		memória [me'mória]	01
-		remédio [Re'médiw]	02
-		contrário [kõ'trariw]	01
-		horário [o'rarju]	01
-		ódio ['ódju]	01
-		vitória [vi'tória'li]	01
Total: io - 30 ocorrências		Total: io - 06 ocorrências	
ia - 13 ocorrências		ia - 18 ocorrências	

Ocorreu um maior número de palavras com o ditongo -io e as que sofreram o processo de redução corresponde a um total de 30 ocorrências, 83,3%; as que não sofreram redução correspondem a 06 ocorrências, 16,7%. A redução do ditongo -ia foi em menor proporção correspondendo a 13 ocorrências, 41,9%, e os casos de não redução correspondem a 18 ocorrências, 58,1%. Apesar de que a redução do ditongo -io ocorreu em maior proporção, os dois processos atuam em redução.

Para os ditongos crescentes com a semivogal /u/ ocorreu um caso de metátese, tábua ['tawba], com uma ocorrência, sendo que este ditongo pode ser encontrado em apenas duas palavras deste corpus, que são a própria palavra tábua e água ['agwa], com 23 ocorrências. Portanto, não se pode afirmar que há a tendência de aplicar a metátese no caso destes ditongos.

Passando aos ditongos decrescentes, isto é, aqueles nos quais a semivogal segue a vogal, verificamos também que há certos ditongos que têm grande tendência à redução.

Em palavras como peixe, peixada, feijão a semivogal [y] e as consoantes [r] e [ʃ], que a seguem, têm em comum o traço fonético [+ alto]. Isto parece favorecer a redução do ditongo, provando uma fusão entre os segmentos, ou em outras palavras, ocorrendo o fenômeno da crase.

A redução do ditongo diante de /r/, como demonstra a maioria das ocorrências, confirma a expansão desse processo a contextos consonantais não contendo o traço [+ alto].

A não redução provavelmente só ocorrerá num registro muito formal da fala.

A redução do ditongo -EI corresponde a 64 ocorrências, 87,7% e a não redução a 9 ocorrências, 12,3%, como verificamos no quadro 24 a seguir.

QUADRO 24 - Ditongo EI.

PALAVRAS EM QUE HOUVE REDUÇÃO		PALAVRAS EM QUE NÃO HOUVE REDUÇÃO		
Ribeirão	[Ribe'rãwda'iija]	08	Estreito [is'trejtɔ]	02
	['awtuRibe'rãw]		jeito ['zejtɔ]	02
	[Ribe'rãw]		idéia [idēja]	01
peixe	[pe'si]	05	Lagoa da Conceição	
poeira	[pu'era]	05	[la'goadakosej'sãw]	01
mangueira	[mã'gera]	03	prefeitura [prefej'tura]	01
pedreiro	[pe'dreru]	03	recreio [Re'kreju]	01
cegueira	[se'gera]	02	volei ['volej]	01
costeira	[kos'tera]	02		
dinheiro	[dĩ'neru]	02		
jardineiro	[ZaRdi'neru]	02		
madeirame	[made'rami'sima]	02		
Nei	['ne]	02		
padeiro	[pa'deru]	02		
peixada	[pe'sada]	02		
porteiro	[poR'teru]	02		
baleia	[ba'lea]	01		
bandeirante	[bãde'rãti]	01		
barreira	[ba'Rera]	01		
canteiro	[kã'teru]	01		
carreira	[ka'Rera]	01		
coqueiros	[ko'keruS]	01		
coveiro	[ko'veru]	01		
cruzeiro	[kru'zerudusfura'kãw]	01		
	[sewku'zeru]	01		
dinheirinho	[dĩne'riñu]	01		
feijão	[fe'zãw]	01		
feiticeira	[fiti'sera]	01		
fogueira	[fu'gera'si]	01		
Zé Pereira	['zépe'rera]	01		
lancheira	[lã'Sera]	01		
madeira	[ma'dera]	01		
merendeira	[merẽ'dera]	01		
Nonô Correia	[no'noko'Rea]	01		
paneiro	[pa'neru]	01		
segunda-feira	[se'gũda'fera]	01		
treinamento	[trena'mêta'si]	01		
verdureira	[verdu'rera]	01		
Total: 64 ocorrências		Total: 09 ocorrências		

PALAVRAS QUE SOFRERAM REDUÇÃO	PALAVRAS QUE NÃO SOFRERAM REDUÇÕES
caixão [duka'šãw] 02	praia ['praja] 37
	pai t'paj] 14
	['pajsl
	baile ['bajli]
	[•bãjlj] 07
	[bajli'zĩnu]
	raio ['Raju] 02
	maionese [iraj:o'nézi] 01
	maioria [maju'ria] 01
Total: 02 ocorrências 3,1%	Total: 62 ocorrências 96,9%

A hipótese para a explicação da redução do ditongo -ai na palavra caixão é que a semivogal [y] e a consoante [ʃ] compartilham o traço fonético de [+ alto] e ocorre conseqüentemente o fenômeno da crase. Outras palavras que possuem esta característica não ocorreram no corpus, para se constatar a redução ou não do ditongo, porém pode se afirmar que a tendência existe. A maioria das palavras ocorridas não apresentam tendência à redução.

QUADRO 26 - Ditongo OU

PALAVRAS EM QUE HOUVE REDUÇÃO	PALAVRAS EM QUE NÃO HOUVE REDUÇÃO
roupa ['Ropa] 04	-
roubo ['Robo] 01	-
Total: 05 ocorrências	Total: 0 ocorrências.

Foi pequena a ocorrência de palavras com o ditongo -OU, entretanto - as que ocorreram sofreram redução. Assim podemos dizer que o total de reduções do ditongo -OU correspondem a 100%. Provavelmente só não ocorrerá redução num registro de fala muito formal. As 05 ocorrências da redução deste ditongo, verificadas no corpus, aconteceram diante das consoantes labiais /p/ e /b/.

QUADRO 27 - Ditongo AU

PALAVRAS EM QUE HOUE REDUÇÃO		PALAVRAS EM QUE NÃO HOUE REDUÇÃO	
restaurante [Resto'rãti]	06	causa ['kawza]	07
		pau ['pawdi'fita]	03
		São Paulo ['sãw'pawlu]	02
		aula ['awla]	01
Total: 06 ocorrências 31,6%		Total: 13 ocorrências 68,4%	

Este é um ditongo que parece não ter propensão à redução ainda, visto que, a sua realização resultaria em outras palavras já existentes na língua, em alguns casos, podendo ocasionar confusões, como causa → casa, aula → ala.

O ditongo -au da palavra restaurante sofreu redução por estar numa posição átona, pretônica, propícia ao processo de enfraquecimento.

QUADRO 28 - Ditongos que não sofreram redução

AU	causa [kawza]	07
	pau ['pawdi'fita]	03
	São Paulo ['sãw'pawlu]	02
	aula ['awla]	01
Total: 13 ocorrências - 68,4%		
OI	coisa ['kojza]	48
	noite ['nojti]	09
	boi ['boj]	01
Total: 58 ocorrências - 100%		
AÊ	mãe ['maj]	17
	['mãj]	
Total: 17 ocorrências - 100%		
ÃO	Ribeirão [Ribe'rãwda'iIja]	08
	['awtuRibe'rãw]	
	[Ribe'rãw]	

CONT. QUADRO 28

televisão	[televi'zãw]	07
mão	['mãw]	06
irmão	[ir'mãw]	05
	[iR'mãw]	
condição	[kōdi'sãw]	03
construção	[kōstru'sãw]	03
	[kōStu'sãw]	
coração	[kora'sãw]	02
exposição	[ispozi'sãw]	02
opinião	[opini'ãw]	02
reclamação	[Rekrama'sãw]	02
São Paulo	['sãw'pawlu]	02
verão	[ve'rãw]	02
chão	['sãw]	01
complicação	[kōplika'sãw]	01
discussão	[disku'sãw]	01
feijão	[fe'zãw]	01
fogãozinho	[fugãw'ziña'lēna]	01
ladrão	[la'drãw]	01
ligação	[liga'sãw]	01
macarrão	[maka'Rãw]	01
mamão	['bojdima'mãw]	01
profissão	[profi'sãw]	01
razão	[Ra'zãw]	01
São Sebastião	['sãwsebaSti'ãw]	01
São Pedro	['sãw'pedru]	01
vanerão	[vane'rãw]	01

Total: 58 ocorrências - 100%

EU	Deus	['dewS]	12
		['dewZ]	
		[a'dewzaZu'da]	
	museu	[mu'zew]	01

Total: 13 ocorrências - 100%

4.1.3. Perda de r final

A eliminação dos /r/ finais pode ser analisada através dos contextos fonéticos, lexicais e sintáticos por onde a mudança está se expandindo, porém com os poucos exemplos que se obteve

deste caso é perigoso tentar justificar a lógica do processo. Mesmo assim arriscar-se-á a fazer alguns comentários sobre o léxico e do contexto fonético.

QUADRO 29 - Substantivos que sofreram a perda do r final.

lugar ['otulu'ga'Zêti]	41 ocorrências
[luga'si]	
to*trulu'gauS]	
[lu'ga]	
pescador [peSka'do] ■	07
mulher [mu'Ié]	03
professor [profe'so]	03
caçador [kasa'do]	02
dor [*do]	02
açúcar [a'suka]	01
motor [mo'to] -	01

Total: 60. ocorrências - 80,0%

Observando os nomes em -or, encontra-se dois tipos: o primeiro monomorfêmico¹: dor e motor, e o segundo formado por palavras decomponíveis em raiz e sufixo -or, pescador, professor, caçador. Acredita-se que o falante não tenha a consciência desta segmentação e este fato pode contribuir para a tendência a eliminação do r.

O contexto fonético em que mais aconteceu a queda do -r foi diante de palavras iniciadas por consoante como:

¹Os fatos estão sendo analisados sob o ponto de vista sincrônico, porque diacronicamente a palavra dor é bimorfêmica, vinda da raiz dol e acrescida do sufixo nominalizador -òr; forma original dolorem.

a) ... tem assim pescador para pescar.

[... 'tea' s'ipeSka 'dopapeS'ka]

b) ... um lugar calmo.

[... ũlu'ga'kawmu]

c) ... a mulher trabalhar.

[...amu'Íétraba'Ía]

Alguns casos ocorreram antes das vogais -a, -u, -e:

d) ... do lugar aqui.

[...dulu'ga'ki].

e) ... o açúcar, o arroz...

[...ua'suka'ua'RoS...]

f) ... melhor pescador esse tio.

[... me'ÍópeSka'do'esi'tiw]

Dentro destas ocorrências, observou-se que em certos casos a vogal seguinte e a precedente ao -r são idênticas e isso pode contribuir para a queda do -r.

g) ... um lugar assim...

[...ũlu'ga'sí...]

h) ... um lugar aqui.

[... ũlu'gaki]

Houve poucas ocorrências onde o -r se manteve em final de palavras. Enquanto o número de ocorrências em que houve a queda do -r correspondem a 80%, as ocorrências da não queda correspondem a 20% como se verifica no quadro a seguir.

QUADRO 30 - Substantivos que não sofreram a perda do -r final.

lugar ['otrulu'gaR'ki]	05
['notrulu'gaRa'ki]	
[ulu'gaR'meZmu]	
[nulu'gar'né]	
amor [a'moR]	04
mar ['maR]	04
bar [IbaR]	01
repórter [Re'póRteR]	01
<hr/>	
Total: 15 ocorrências - 20%	

Houve também a queda do -r em final de sílaba e em grupos consonantais

A queda do -r em final de sílaba não é tão pequena em relação a não perda, tem-se palavras que ora perdem o -r, ora não, como serviço e servente. Enquanto as ocorrências de palavras que perderam o -r em final de sílaba correspondem a 36,9%, as que não perderam correspondem a 63,1%. Apesar dos poucos dados e da dificuldade de sistematizar o processo é importante a observação do caso.

A queda do -r em grupo consonantal é muito pequena em relação a não perda. Não se colocou um quadro das palavras que não perderam o -r em grupo consonantal, por ter vários exemplos.

Alguns outros fatos que ocorreram com o -r foram: a mudança do /r/ a /u/ como em Armação [awma'sãw], com 05 ocorrências, e farpa ['fawpa], com 03 ocorrências; a inserção do -r na palavra como em almoço [aw'moIiSu], com 01 ocorrência; a mudança do -r para a sílaba posterior ou anterior, fenômeno da metátese, como em vergamota [vega'morta], 01 ocorrência, e lagarto [lar'gatu], 03 ocorrências.

QUADRO 31 - Perda do -r em final de sílaba e em grupos consonantais.

PALAVRAS QUE PERDERAM EM FINAL DE SÍLABA		PALAVRAS QUE NÃO PERDERAM	
serviço [se'visu]	07	arte ['arti]	06
excursão [iSku'sãw]	02	servente [seR'vẽti]	06
servente [se'vẽti]	02	supermercado [supmeR'kadu]	06
cervezinha [ceve'zĩna]	01	Carmem [da'kaRmi]	02
exército [e'zêsitu]	01	Armação [arma'sãw]	01
firma ['fima]	01	conversa [kũ'vẽrsa]	01
inverno [ĩ'vẽnu]	01	farmácia [far'masia]	01
marcha ['maSa]	01	força ['foRsa]	01
surpresa [su'preza]	01	parte ['parti]	01
		pergunta [per'gũta]	01
		oportunidade [opoRtuni'dadj]	01
		serviço [seR'visu]	01
		verdureira [verdu'rera]	01
Total: 17 ocorrências		Total: 29 ocorrências	

PERDA EM GRUPO CONSONANTAL

problema [po'brema]	06
[po'blema]	
Três Riachos [teRi'aSu]	03
construção [kõStu'sãw]	02
trocadinho [toka'dĩ]	02
centímetro [sê'timetu]	01
cruzeiro [sewku'zeru]	01

Total: 15 ocorrências

Outros fatos de variação fonética e que valem a pena serem registrados são:

4.1.4. Perda da nasalização das vogais átonas finais:

tecelagem [tese'lagi]	03
Carmem [da'kaRmi]	02
paisagem [pai'zaZi]	02

viagem [vi'aZi] 01

Total de ocorrências: 09

4.1.5. A passagem de l a r depois de consoante:

reclamação [Rekrama'sãw] 02

problema Ipo'brema] 02

Total de ocorrências: 04

4.1.6. Vocalização da consoante palatal nh;

banho í'bai] 03

í'ba3]

cunha ['küial 02

Total de ocorrências: 05

A palavra banho teve outras ocorrências como [ba'ĩnu]; ['bã] e às vezes o mesmo informante a pronunciava de duas formas diferentes.

4.1.7. A passagem da consoante lh a l;

ilha [i'lja] 02

[Ribe'rãwda'ilja]

Total de ocorrências: 02

4.1.8. A redução do sufixo INHO a vogal nasal i:

campinho [di'kãpi] 02

barzinho [baR'zi] 01

carrinho Ika'-Ri] 01

trocadinho [toka'dI] 01

Total de ocorrências: 05

Com a palavra vizinho ocorreu o mesmo fato, talvez por um processo de assimilação; [vi'zi], 01 ocorrência.

4.2. Relações entre Sons e Letras

Tem-se consciência de que a variação entre língua falada e escrita traz dificuldades ao aprendiz na aquisição da escrita. É preciso que as diferenças entre som e símbolo sejam apresentadas gradualmente, indo das mais fáceis às mais difíceis.

Alguns possíveis problemas para a aprendizagem da escrita são apresentados nos quadros 32, 33 e 34. Os exemplos que ilustram cada caso correspondem a substantivos, por ter-se trabalho mais com esta classe morfológica e menos com as demais. Isto não significa que os possíveis problemas apresentados nestes quadros sejam específicos dos substantivos.

QUADRO 32 - Letras que representam diferentes sons, segundo a posição.

LETRA	FONE	POSIÇÃO	EXEMPLOS
s	[s]	início de palavra	serviço [se'visu] [seR'visu]
s	[z]	intervocálico	casa ['kaza] ['kazaS] ['kazaz...] [ka'ziña]
s	[S]	diante de consoante surda ou final de palavra	história [iS'tórja] [iS'tóra] [iS'tória] [S'tóro]
m	[m]	antes de vogal e depois de vogal, diante de p e b.	mãe ['mãj] tempo ['têpwa'zêti] ['têpu] ['têpa'i]
n	[n]	antes de vogal e depois de vogal	negócio [ne'gôsiw] [ne'gôsu] [ne'gôsa'sí] criança [kri'ãsa]
e	[e] ou [é]	não final	pessoa [pe'soa] [pe'soaS] [pesoaza'ki] [pe'soaZ] festa ['fêsta] ['fêsta] [fêS'tiña]
e	[i]	não final e final de palavra	escola [iS'kóla] [iSkó'liña'li] restaurante [Stau'rāti] [ReSto'rāti] [Resto'rāti]
l	[l]	antes de vogal	lugar [lu'gá] [l'lugar] [lu'gaR]
l	[u]	depois de vogal	calçamento [kawsa'mêtu]
o	[o] ou [ó]	não final	bola ['bóla] [bó'liña] morro ['moRu]
o	[u]	não final e final de palavra	domingo [du'mĩgu] ano ['ãnu] ['ãnuS] ['anuz'né] ['ãnuzew]

QUADRO 33 - Som representado por diferentes letras, segundo a posição.

FONE	LETRA	POSIÇÃO	EXEMPLOS
[k]	c	diante de a, o, u e antes de con- soantes -r e -l	cara ['kara] [ka'riña] bicicleta [bisi'kléta] crente ['kréti]
[k]	qu	diante de e, i	Joaquina [Zua'kina]
[g]	g	diante de a, o, u e antes de con- soante	bagunça [ba'güsa] igreja [i'greZa]
[g]	gu	diante de e, i	briguinha [bri'ginã]
[i]	i	posição acentua- da	dia ['dZia] ['dia]
[i]	e	posição átona fi- nal de palavra	Campeche [kã'pési]
[u]	u	posição acentua- da	mundo ['müdu] ['müdo]
[u]	o	posição átona fi- nal de palavra	filho ['filu] ['filuS]
[R]	rr	intervocálico e outras posições	cachorro [ka'SoRu] perna ['péRna]
[gu]	gu	diante de a, u, o	água t ' agwa]

QUADRO 34 - Letras que representam fones idênticos em contextos idênticos.

LETRAS	FONE	POSIÇÃO	EXEMPLOS
s z	[z]	entre vogais	coisa ['kojza] ['kojzazew] vizinho [vi'ziñu] [vi'ziñuS] [vi'zi]
c ç ss	[s]	entre vogais	cidade [si'dadi] Armação [awma'sãw] missa ['misa]
ch x	[ʃ]	diante de vogal	creche ['kréʃi] peixe ['peʃi]
s x	[ʃ]	diante de conso- ante	pescador [peʃka'do] sexta ['seʃta]
s z	[ʃ]	fim de palavra diante de conso- ante ou de pausa	mês ['meʃ] ['mejʃ] vez ['veʃ] ['vejʃ]
s	[ʃ]	marca de plural	[ũs'títtra'ãnu] [aʃmi'nina] [naʃ'kaza] ['ésaʃfu'gera'si]
j g	[ʒ]	início ou meio de palavra e diante de e, i, a	Azambuja [dazã'buʒa] paisagem [pai'zaʒi]
zero h	zero	início de palavra	onda ['ôda] hora ['ôra] ['ôraʃ]

Observação: A ocorrência de fone [S] com as letras s ou z em fim de palavra ou diante de consoante ou pausa teve baixíssima ocorrência.

A palavra luz, por exemplo, teve 02 ocorrências e foi pronunciada ['luZi] e [lu'ziña], cruz, 02 ocorrências, ['kruz], a própria palavra mês teve outras pronúncias ['mezmaS]; [mezi'poku] e também vez ['veZ]; ['ve], ['vejzo'vo]; ['veza'li].

Não se apresentou exemplos de casos que a um som da fala corresponde uma letra do alfabeto por acreditar-se que não constituirão problema na aprendizagem. As letras que correspondem a um único som no português são:

p /p/;	t /t/;	f /f/;	a /a/
b /b/;	d /d/;	v /v/	

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Apresento os resultados de uma pesquisa de campo que, partindo da realidade sociolinguística de adultos-adolescentes de cinco comunidades de Florianópolis, coletou amostras de fala espontânea. Acredita-se que este trabalho possa contribuir na conscientização da importância do conhecimento sociolinguístico do falante por parte do professor alfabetizador e do pedagogo e/ou especialista responsável na confecção de cartilhas ou material para a alfabetização. Pretenciosamente, que possa servir de ponto de partida realístico para a produção de materiais de ensino na comunidade de Florianópolis.

A importância da utilização das palavras mais frequentes é que estas são mais facilmente percebidas e melhor reconhecidas do que as palavras raras, elas vêm à mente com mais facilidade.

A amostra apresentada conta com 12.001 ocorrências vocabulares, sendo que as categorias com o maior número de ocorrências são o verbo com 2.864, o advérbio com 2.800, o substantivo com 1.847. e o pronome com 1.437. O maior número de ocorrências

de algumas categorias pode ser o reflexo da cultura, dos afazeres e saberes das comunidades em estudo, no universo lexical.

Na classe dos substantivos, analisada com maior cuidado, não houve ocorrência de aspectos fonológicos divergentes de outras comunidades estudadas, mas a pouca representatividade de certos aspectos, como por exemplo, a sincope nas proparoxítonas, a vocalização das consoantes palatais, o fenômeno de metátese com ditongos crescentes, impossibilita a afirmação de que são característicos da fala destas comunidades. Este resultado pode ser uma consequência da não diretividade das questões feitas nas entrevistas e atesta a necessidade de se comprovar a frequência ou não destes aspectos. Já a perda da nasalização das vogais átonas finais, do -r final de palavra, a redução dos ditongos crescentes e decrescentes são bem frequentes.

A diferença de frequência entre os substantivos mais falados não foi significativa, sendo que o mais frequente foi casa, correspondendo a 3,7% do total de substantivos.

Com relação a aplicação de regras de flexão de gênero e número, a de número é que apresenta certas irregularidades. No sintagma nominal, só os determinantes, ou os primeiros determinantes do nome é que recebem a marca plural. Alguns informantes aplicam devidamente a regra, em determinado ponto de sua fala, talvez para tentar falar "mais corretamente". Isto prova que a regra é conhecida e a sua não aplicação, na maior parte das vezes, pode ser justificada pelo desejo de simplificação, evitando-se a redundância, ou pela lei do menor esforço.

Quanto aos processos de formação de palavras, ocorre basicamente o da derivação sufixal. O uso de prefixos é muito pobre, houve a ocorrência de apenas dois, o -des e o -super, que

apareceram em dois substantivos e um adjetivo. Os sufixos têm uma maior representatividade e o de maior ocorrência nos substantivos derivados foi -INHA e nos adjetivos foi -ADO. O -MENTE teve baixa ocorrência nos advérbios e o -INHO, sufixo característico dos nomes, ocorreu em poucos adjetivos e numa locução adverbial com o valor de ênfase. Como no caso das palavras iimportante partir dos sufixos mais freqüentes, com vistas a favorecer a produtividade lexical.

Apareceram duas palavras que não se incluem na língua padrão, na classe dos substantivos: desligação, ribica. A segunda palavra foi usada para indicar bica d'água. A primeira resulta do processo de derivação prefixal-sufixal.

Palavra e expressão típica da comunidade ocorreram o continuativo -não tem e o substantivo -encruzo. Esta palavra i obtida por derivação regressiva do verbo encruzar.

No uso dos modos e tempos verbais, constatou-se que o modo indicativo presente e pretérito perfeito simples são os mais freqüentes, o futuro do presente não ocorre e os outros tempos têm freqüência muito baixa. O modo subjuntivo e imperativo têm um número de ocorrências insignificantes.

Os verbos mais freqüentes são o ser com 13,6% e o ter com 10,7% de ocorrência- São verbos que funcionam como auxiliares ou principais dependendo do contexto, e de ligação, no caso de ser.

Os pronomes pessoais, entre eles o mais freqüente é o eu com 25,7% do total, e o advérbio de negação não com 18% do total encabeçam as respectivas listas de freqüências decrescentes.

Sabe-se que é difícil relacionar competência lingüística e

comunicativa, porém espera-se que o trabalhar com palavras e processos de formação de palavras mais freqüentes favoreça o desenvolvimento das operações mentais ou que pelo menos não atrapalhe tal desenvolvimento.

Desta forma, sugere-se atenção do especialista que confecciona material didático para levar em conta a freqüência e trabalhar harmoniosamente com todas as classes de palavras. No caso das comunidades estudadas, deve-se enfatizar os verbos, os advérbios, os substantivos e pronomes, já que encabeçam as listas de freqüência decrescente.

Quanto as diferenças de ortografia, tem-se consciência de que a variação entre língua falada e escrita traz dificuldades ao aprendiz na aquisição da escrita. É preciso que as diferenças entre som e símbolo sejam apresentadas gradualmente, indo das mais fáceis às mais difíceis.

É muito importante que o professor alfabetizador saiba bem as particularidades nas variedades de correspondências entre sons e letras para que possa sistematicamente ensiná-las aos alfabetizandos, e que tenha consciência de que em português, há pouquíssimos casos que um único som corresponde a uma única letra. A maior parte das vezes, tem-se uma letra correspondendo a vários sons, ou um som representado por diferentes letras, de acordo com a posição, ou letras que representam sons idênticos, em contextos idênticos.

Assim, da mesma forma que o fator freqüência é importante na confecção de material didático para a alfabetização, a análise das diferenças de ortografia, que podem dificultar a aprendizagem, também são. Os dois não devem estar dissociados pois, nem sempre a palavra mais freqüente é a ideal para ser trabalhada.

da nas primeiras etapas da alfabetização. Por exemplo a palavra casa, a mais freqüente na classe dos substantivos, apresenta dois tipos de dificuldade: primeiro, o som inicial [k] que pode ser representado por diferentes letras, dependendo da posição, e segundo, a letra f que corresponde ao som [z], quando intervocálica, pode ser confundida com a letra z, que corresponde ao mesmo som, num contexto idêntico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. 3.ed. Revista ampliada. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1958,
- ALMEIDA Jr., A. E a escola primária? São Paulo, Nacional, 1959,
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 21.ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. Gramática ilustrada. 2.ed. São Paulo, Moderna, 1978.
- ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves. A reforma da instrução pública de 1920 no estado de São Paulo. Edição mimeografada, USP.
- BEISIGEL, Celso de Rui. Estado e educação popular; um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo, Pioneira, 1974.
- _____. Ação Política e Expansão da Rede Escolar. Pesquisa e Planejamento, nº 8, dezembro de 1964, CRPE, São Paulo, 1964.
- _____. 'Uma Campanha de Educação de Adultos no Brasil. Pesquisa e Planejamento, nº 9, CRPE, São Paulo, 1965.
- BOYNARD, Aluizio Peixoto e outros. A reforma do ensino de 19 e 29 graus. São Paulo, LISA, 1972.

- BRANDAO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Histórico da Educação de Adultos no Brasil, Campanha de Educação dos Adultos, Rio de Janeiro, 1949.
- _____. Movimento do Ensino Supletivo nos Anos de 1947 e 1948, Campanha de Educação de Adultos, Rio de Janeiro, 1950.
- _____. Primeiro guia de Leitura - LER -- SEA, Rio de Janeiro, 1947.
- BRENNER, Terezinha de Moraes. Linguística aplicada ao manual de alfabetização. Florianópolis, Editora da UFSC, 1986.
- CAGLIARI, Luís Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo, Scipione, 1989.
- COSTA, João Cruz. Contribuição à história das idéias no Brasil. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1956.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 7.ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1980,
- FEIL, Iselda Terezinha Sausen. Alfabetização; um desafio novo para um novo tempo. 6.ed. Ijuí, Vozes/FIDENE, 1984.
- FERNANDES, Florestan. Mudanças sociais no Brasil. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre a alfabetização. 2.ed. São Paulo, Autores Associados, 1985.
- _____. Alfabetização em processo. 3.ed, São Paulo, Autores Associados, 1987.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Pequeno dicionário da língua portucruesa. 11.ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira.

FISHMA^T, J. Sociologia da linguagem. 1971. MILLER, G. Linguagem, psicologia e comunicação. São Paulo, Cultrix,. s,d, p.283-97.

FRANCHI, Eglê Pontes. Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita. São Paulo, Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

• Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Cortez & Moraes, 1980,

• Educação e mudança. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

• Educação como prática da liberdade. 8.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978,

• Conscientização e alfabetização - uma nova visão do processo. Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife, nº 4, abr./jun. 1963, Recife, 1963.

JAKOBSON, R. Fonema e fonologia. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967,

LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972a.

• Language in the Inner City. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b.

LEMLE, Miriam & NARO, Anthony J. Competências básicas do português. Rio de Janeiro, Relatório Mobral, Fundação Ford, Maio de 1977.

LEMLE, Miriam. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo, Ática, 1987.

_____. "Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa". In: Linguística e ensino do vernáculo. Revista Tempo Brasileiro, n9s 53/54, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.

_____. "A tarefa da alfabetização; etapas e problemas do português". In: Letras de Hoje, ano 15, n9 4, 1983b.

LUCAS, Fábio. Conteúdo social nas constituições brasileiras. Estudos econômicos, políticos e sociais. Belo Horizonte, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, 1959.

MAIA, Eleona Motta. No reino da fala: a linguagem e seus sons. São Paulo, Ática, 1985.

MARTIN, J.W. Gênero? Revista Brasileira de Linguística, Petrópolis, ^:3-8, 1975.

NICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. Piaget e o processo de alfabetização. São Paulo, Pioneira, 1980.

OLIVEIRA, Betty Antunes. Socialização do saber escolar. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1986.

OEA, UNESCO. BRASIL. La Edudación Fundamental dei Adulto Americano. Washington, Union Panamericana, D.C., 1951.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre alfabetização de adultos. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1984.

PINTO, Edith Pimentel. A língua escrita no Brasil. São Paulo, Ática, 1986.

PLANO Estadual de Educação de Adultos. Documento Preliminar - Comissão Interinstitucional. Portaria P/3.812/88/SE. Florianópolis, jul. 1988.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980 - Volume 1 - tomo 3 - ii9 19. Censo Demográfico - Dados Distritais - Santa Catarina - RJ, IBGE.

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1983.

SINGER, Paul I. "A política das classes dominantes". In: LANNI, O. et alii. Política e revolução social no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

SOUZA, M. Cecília P. de & KOCH, Silva Ingedore Villaça. Linguística aplicada ao português: morfologia. 4.ed. São Paulo, Cortez, 1987.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, Atica, 1985.

VANOYE, Francis. Usos da linguagem; problemas e técnicas na produção oral e escrita. Trad. e adaptação de Clarisse Madureira Sabóia et alii. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

VEADO, Rosa Maria Assis. Comportamento linguístico do dialeto rural. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982.

VOTRE, Sebastião Josué. "Por uma linguística aplicada à alfabetização." In: Letras de Hoje, ano 13, nº 42, dez. 1980.

_____. O léxico das crianças do Rio de Janeiro. Relatório final do Projeto de Pesquisa. 2ª etapa. Rio de Janeiro, set. 1980. FINEP.

A N E X O S

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

- 1) Há quanto tempo você mora aqui? Se já morou em outro lugar, onde e por que se mudou?
- 2) Você gosta de morar aqui? Por quê?
- 3) Você tem vontade de viver em outro lugar? Por quê?
- 4) Como é o seu dia-a-dia?
- 5) Com que você está trabalhando agora?
- 6) Você já: trabalhou com outra coisa? Se sim, por que mudou de atividade?
- 7) O que você faz quando não está trabalhando? Pratica algum esporte? Qual? Vai à praia? Qual e por quê? Costuma ir às festas? Quando?
- 8) O dinheiro que você ganha dá para viver bem?
- 9) Você está satisfeito com a vida que leva? Por quê?
- 10) Você é casado(a)? O que acha do casamento?
- 11) Você vai à igreja? Quando?
- 12) Você já frequentou escola? Quando? Por que parou? Gostaria de começar ou voltar a estudar? Por quê?
- 13) Como você se relaciona com os seus vizinhos? Você os conhece, tem amizade, briga muito com eles, etc.?
- 14) Conte-nos alguma coisa do lugar que você vive. Tipo: Existem muitas pessoas que moram ali; o que fazem; qual é o tipo de casa mais comum; possuem ruas asfaltadas; iluminação; existem muitos roubos, etc.
- 15) Conte-nos um caso que aconteceu com você ou com outra pessoa e que lhe impressionou muito (ex.: briga, doença, desastre, viagem, etc.).

ANEXO 3

Florianópolis, 20 de março de 1988,

Prezado(s) Senhor(es)

Sou fiaria Cláudia de Sena Abrahão, aluna da pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina e estou tentando desenvolver um trabalho de caráter científico em algumas comunidades de Florianópolis, com o objetivo de aprender mais sobre cada uma delas.

Para que isto se realize, gostaria de poder contar com a ajuda do(s) senhor(es) na escolha dos informantes desta comunidade. Preciso de no mínimo 4 informantes, sendo 2 masculinos e 2 femininos com as seguintes características:

- 1) Não saberem ler nem escrever;
- 2) Terem as seguintes idades:
 - 1 masculino e 1 feminino na faixa de idade entre 15 v a 21 anos;
 - 1 masculino e 1 feminino na faixa de idade entre 22 a 28 anos;
- 3) Deverão ter nascido no bairro ou morar nele desde 5 anos de idade;
- 4) Terem pelo menos todos os dentes da frente;
- 5) Se forem casados, a mulher (ou marido) deverá também ter nascido no bairro.

Espero poder contar com a ajuda do(s) senhor(es), pois do contrário a realização do trabalho se tornará extremamente difícil.

Agradeço^~lhes antecipadamente a atenção.

Maria Cláudia de Sena Abrahão
UFSC

Endereço para correspondências

Rua Romualdo de Barros, 44, Ap. 103, Bl. C-3, Bairro Carvoeira,
Florianópolis/SC - CEP: 88.040.

ANEXO 4

Local: Sambaqui

Fita nº 1

Informante: 01 - ACS - 17 anos

Lado 1

- 001 P1 Há quanto tempo você mora aqui em Sambaqui?
- 002 R Vai fazê mais di uns trinta anu pur aí.
- 006 003 TF['Vaj fa'ze'maz dZi, ũS'títtra'ãnupura'i.]
- 004 P2 Trinta anos? Você não falou que tem dezessete?
- 005 R Tem mas é qui minha mãe sim né quela mora sim, qui
- 006 ela mora qui nessa caza.
- 008 007 TF['tēj ma'zēki'miāmāj'sí 'né, 'kéla'móra'sīn, 'kjéla'
- 008 mōra 'ki'nēsa'kaza.]
- 009 P3 Ah! Mas você tem dezessete anos?
- 010 R Tem uns quatorzi anu pur aí intão.
- 009 011 TF['tēj ũS ka'tozi'ãnupura'ií'tāw.]
- 012 P Quatorzi anos, tâ.
- 013 R Quatozi anu.
- 014 TF[ka'tori'ānu.]
- 015 T4 E você gosta de morar aqui?
- 016 R Gostu.
- 010 017 TF['gōStu.]
- 018 P5 Gosta? Por quê?
- 019 R É mai legal né, peta praia.
- 011 020 TF[é'maj le'gaw'né, 'péta'praja.]
- 021 P6 É?
- 022 R Aqui é mais legal qui... ago si eu saí pa fora já
- 023 istranha mas né.
- 011 024 TF[a'kj'é'majZle'gaw'ki...a'gō 'sjewsa'ipa'fóra'zaiS'
- 025 trãña 'maj'né.]

- 026 R Aí tenho qui arrumã otu seviçu,
 012 027 TF [a'i'tēĩñ kjaRu'ma'otuse'visu,]
 028 R aí não dá... cumigo... aqui... aqui dá, aqui tem a
 029 sivu da pesca, tem pesca ganhu mais um trocadim.
 013 030 TF [a'ināw'da...ku'migu...a'ki...a'ki'da,a'ke'tējña'sivda
 031 'pēSki, 'tējñ'pēSki'gãñu'mazũtroka'diñ.]
 032 P7 Tá, mas você tem vontade de viver em outro lugar?
 033 R Han, sô si fô um lugã sim petu дума praia...tê as-
 034 sim pescado pã pescã.
 014 035 TF [ã,'sôsi'foũlu'ga'si 'pētu 'dũa'praja... te a'si
 036 peSka'do, pa'peS'ka.]
 037 P8 É? E você já pensou num lugar que você gostaria de
 038 ir morar?
 039 R Já goste sim a... Como assim? Na cidadi né, sim
 040 numa cazinha.
 016 041 TF ['Za gos'te'sia...Koma'si? nasi'dad'né, 'sĩnũwaka'ziñ.]
 042 P9 É? Na cidade?
 043 R É.
 044 TF ['é.]
 045 P Você não falou pra mim...?
 046 R É si num fossi morã li notu lugã né, si não tivessi
 047 pa morã...
 019 048 TF ['ēsĩnũ'fosimo'rali'notulu'ga'né,si'nãwti'vēsipamo'ra...]
 049 R ... supô... Jurerê... si não tivessi morã lá tives-
 050 si uma casa na cidadi ia morã lá.
 020 051 TF [...su'po...Zure're...,si'nãwtivēsimo'ra'la tivé'sũma
 052 'kazanasi'da'dia mo'ra'la.]
 053 P Ah! Você ia gostar na cidade?
 054 R É.

- 055 TF['ê.]
- 056 P10 Como é seu dia-a-dia?
- 057 R Aí eu ia sempí arrumá um seviçu né pá fazê... pá
- 058 judá minha mãe.
- 022 059 TF[a'i'ew'ia'sēpiaRu'maūse'visu'nē pa fa'ze... paZu'da'miña'māi.]
- 060 R Daí ela ia tabalhá... cidade e eu ia tabalhá di pe-
- 061 dreru... o... di... seventi.
- 025 062 TF[da'i'ēla'iataba'Ía...si'dadi 'ew'iataba'Ía di
- 063 pe'dreru o... di...se'vēti.]
- 064 P De servente?
- 065 R ... fazê massa.
- 026 066 TF[...fa'ze'masa.]
- 067 P Não entendi. O que estou lhe perguntando é o que vo-
- 068 cê faz todo dia?
- 069 B ...dali...eu ia istudá né...eu ia votá astudá... si
- 070 nós fô morá na cidadi.
- 027 071 TF[...da'li...'ew'iaStu'da'nē...ew'iavo'ta aStu'da,
- 028 s'nós'fo mo'rasi'dade.]
- 072 P Hum. O que você faz no seu dia-a-dia? Ou seja todo dia?
- 073 R Eu num sê ti ixplicá.
- 030 074 TF[o nū 'se tiSpli'ka.]
- 075 P11 Você pesca? Você passeia?
- 076 R É daí...
- 034 077 TF['ēda'i...]
- 078 P Você trabalha?
- 079 R ...ditabalha oi. Tabalha né.
- 034 080 TF[...ditaba'Ía oj. taba'Ía'nē...]
- 081 P Você está trabalhando agora com pesca, só com pesca?
- 082 R Pesca só.

- 034 083 TF['pêSka... 'sô.]
 084 P12 E você já trabalhou em outra coisa?
 085 R Tabalhe Imperatri, boca di caixa.
- 037 086 TF[taba'le... ãpera'tri, 'boka di'kaSa.]
 087 P O que é isso?
 088 R É li carregã carrim assim botã nu carru as compra.
- 039 089 TF['ê...li...kaRe'gaka'Rĩ a'sĩ...bo'tanu'kaRuaS'kõpra.]
 090 P Ah, tã. Em supermercado?
 091 R É supmercadu.
- 040 092 TF['ê supmeR'kadu.]
 093 P E você gostava de fazer isso?
 094 R Ah mas eu istanhe muito puque gota mas di piscã nê,
 095 daí saí.
- 040 096 TF['a ma'zo Sta'ñe'mũtu pu'ke go'ta maS di piS'ka'nê, da'isa'i.]
 097 P13 E você mudou de atividade por quê?
 098 R Han...
- 043 099 TF[ã...]
 100 P Você mudou de trabalho por quê?
 101 R Puque era mutu duru ganhã lá, mutu seviçu.
- 043 102 TF[pke'éramũtu'durugã'a'la, 'mtuse'visu.]
 103 P14 Você entrava cedo no trabalho?
 104 R Entrava cedo só lagava di mas tadi, a vez perdi u
 105 oibus vinha a pê.
- 044 106 TF[êtrva'sedu'sô la'gavadi'maS'tadi, 'a'veS per'diu'
 107 õjbuS, vĩa'pê.]
 108 P E você trabalhava aonde?
 109 R Tabalhava cum elis, nu boca di caixa, mas, as vez
 110 lagava oitu hora.
- 044 111 TF[taba'lava 'kwĩliS, nu'bokadi'kaSa,maZ, aZ'veZla'gava'oitu'õra,

- 112 R Sô conseguia pgã isperava u oinis...sô onzi meia u
113 úutimu prá cá.
- 046 114 TF [s kōsi'gia'pga...Spe'ravu'ōjniS...'sô'zōzi'meju'utimu.]
115 P15 Pois é, mas era onde? Era em Sambaqui?
116 R Não, era aí na Trindadi.
- 047 117 TF ['nāw, 'éra'i na trí'dadi.]
118 P E você vinha à pé?
119 R Não aí isperava só u otu oinibus das.. das que pas-
120 sava das novi nê.
- 048 121 TF ['nã a'iSpe'rava'sô u'otu'ōjnibuSdas...daSkipa'sav daZ'nóvi'nê,]
122 R puque lagava oiti mea as vez perdia u oinis, aí só
123 ... pegava u das onzi mea.
- 048 124 TF [pu'ke la'gav'ojti'mea, aZ'vejZ per'diu'ōjniS, a'i'sô
... pe'gavuda'zōzi'mea.]
125 P16 Quando você não está trabalhando o que você faz?
126 Pratica algum esporte?
127 R Jogu bola, a vez.
- 049 129 TF ['Zógu'bóla aveZ.]
130 P Mas é muito de vez em quando?
131 R Não, não só ve...assim finau di semana, duminqu,
- 055 132 TF [nã'nāw 'sô've... a'sí fi'nawdjse'mãna, du'mígu,]
133 R eu vô na praia cu rapazi jogu bola, é.
- 055 134 TF ['ew'vo na'praia ku Ra'pazi'Zógu'bóla, 'é.]
135 P Ah! Com teus amigos?
134 R É.
135 TF ['é.]
136 P E você vai muito à praia?
137 R Vô...sô finau di semana...finau di semana.
- 056 138 TF ['vo...'sô fi'naw d se'mãna...fi'naw d se'mãna.]

- 139 P Aí você vai para passear?
- 140 R Han-han, passião.
- 057 141 TF ['ã'ã, pasi'a.]
- 142 P Tomar sol?
- 143 R Han-hun.
- 144 TF ['ã'ũ.]
- 145 P17 Você costuma ir às festas? Que tipo de festas?
- 146 R É festinha americana né, cas minina curvida assim, as prima,
- 059 147 TF ['éféStiñameri'kãna'né, kaSmi'ninakũ'vidu a'sĩ, aS'prima,]
- 148 R aí vô lá i cada um leva umas coiza, um saugadinho tão
- 149 uma bibida né.
- 069 150 TF [a'i'vo'la i'kada'ũ'lévũmaS'kojza, ũ sawga'dĩnu 'tãw
- 151 ũabi'bida'né.]
- 152 R Aí si passemu a noiti lâ. Bebenu.
- 061 153 TF [a'i si pa'semũ a'nojti'la. be'bẽnu.]
- 154 P18 O dinheiro que você ganha dá para viver bem?
- 155 R Dã... a veiz só quando dá pesca né, u camarão.
- 062 156 TF ['da...a'vejS'só'kwãdu'da'péSka'né, u kama'rãw.]
- 157 R Assim mata uns cem quilo di camarão... genti ganha
- 158 seti seis mil.
- 063 159 TF [a'sĩma'taũnssẽ'kiludikama'rãw...'gėti'gãña'sėti'sejz'miw.]
- 160 R Só nu invernu, nu verão não dá nada, nu verão só peixe,
- 161 feiticera. Só peixe.
- 064 162 TF ['só nu...ĩ'vẽrnu, nu ve'rãw'nãw'da'nada, nu ve'rãw
- 163 'só'peSi. fejti'seru. 'só'peSi.]
- 164 P Então quer dizer que no inverno é melhor para pescar?
- 165 R É camarão. Camarão. I nu inver...nu verão nós temu a
- 166 redi fiticera pesquemu peixe.
- 167 167 TF ['ékama'rãw. kama'rãw. inuí'vẽr..nuve'rãw, 'nós'temua
- 168 'Redi fiti'sera peS'kemu'peSi.]

- 169 P Mas aí não dá muita coisa?
- 170 R Ah, dá. Cem, centi cinquenta as vez qui acet...sim
- 171 qui a genti acerta botu a redi im cima du pexe,
- 068 172 TF[a, 'da'sēī, 'sēīsīkēta, aZ'veZkja'sēt... 'sī kj a
- 173 'zētja 'séRta bo'to a'Redī'simadu'peSi,]
- 174 R i mata trezentus, duzentus.
- 069 175 TF[i'mata tre'zētus, du'zētus.]
- 176 P Mas também dá certo prá ganhar dinheiro ou não?
- 177 R É não dá prá ganhá comu ganha nu invenu né, ma...
- 070 178 TF['e'nā'dapagã'ñakōm 'gãñ nu i'venu'né, ma...]
- 179 R dá pá ganhá pa passá u verãõ assim né, ajudá mãe, um
- 180 tocadim pa ela.
- 071 181 TF['da pa gã'ña ppa'sau ve'rãw a'sī'né, aZu'da'mãj, ũtoka'dĩ
- 182 pa'éla.]
- 183 R Uns tres, as vez dos i meu.
- 072 184 TF[ũs'tres, aZ'veZ 'dojzi'meju.]
- 185 P E você só trabalha na pesca no verãõ?
- 186 R Só na pesca.
- 073 187 TF['sõ na 'pēSka.]
- 188 P E só você que trabalha em casa?
- 189 R Não i u otu meu irmão também ajuda.
- 074 190 TF['nã i'otu'meuir'mãw tã'běj a'Zuda.]
- 191 P19 Você está satisfeito com a vida que está levando?
- 192 R É sim. Num tá sim satisfeito não né, mas o menu né.
- 075 193 TF['é'sī. nũ'ta'sī satiS'fejt'nã'né, mazo'mē'né.]
- 194 P É? E por quê?
- 195 R Porque si... si fossi istudã... si fossi mas, ficassi
- 196 istudandu assim, seria melhõ né,
- 077 197 TF[puR'ke si...si'fosiStu'da...si'fosi'maS, fi'kasiStu

- 198 'dāda'sī, se'riame'fō'nē.]
- 199 R puque eu saí pá ajudá minha mãe.
- 078 200 TF[pu'ke ew sa'i paZu'da'miña'mãj.]
- 201 P20 E você gostaria de voltar a estudar?
- 202 R As tivessi uma aula sim mas de noiti assim eu istudava né.
- 080 203 TF[aSti'vesūma'awlasī 'mazde'nojta'sī, o istu'dava'nē.]
- 204 P Mais de noite a que horas?
- 205 R Ham?
- 206 TF[ã?]
- 207 P Mais de noite como?
- 208 R Han... sim numa hora qui divia fazê uma aula sim prá
- 209 genti istudá ali na crechi.
- 081 300 TF[ã...sīnwaōra'kid'via fa'zeŵa'awla'sī 'pra'ZētiStu
- 301 'da'li na'krē'Si.]
- 302 R Assim mas pá quem não istudô né.
- 082 303 TF[asī'mas pa'kēj'nō istu'do'nē.]
- 304 R Aí eu ia lá prá vê si aprendia mas auguma coiza.
- 089 305 TF[a'iew'ia'la pra've sj aprē'dia'mazaw'gūma'kojza.]
- 306 P Então você ia gostar de aprender mais?
- 307 R Hum.
- 308 TF['ū.]
- 309 P21 E você é casado, Antônio?
- 310 R Não.
- 084 311 TF['nāw.]
- 312 P22 O que você acha do casamento?
- 313 R I cum a dessa crisi aí não dá pá casá.
- 084 314 TF[i kŵa'dēsa'krizi a'i'nāw 'da pa ka'za./]
- 315 P Crise, que crise? Crise de dinheiro?
- 316 R É, trabalhá sim ganhá pocu, quas não dá pa sustentá

- 317 mulhé. Quas não dá pa sustentá mulhé né.
- 087 318 TF ['é, traba'ía sí gā'ña'poku 'kaz'nāw 'da pa SuStē'ta
319 mu'Íé. 'kaz nū'da psuStē'tamu'Íé'né.]
- 320 P É? Aí, você não ia se animar a casar, não?
- 321 R Não. Tamém nunca pensê im cazã.
- 089 322 TF ['nāw. tā'mē 'nūka pē'se i ka'za.]
- 323 P Ainda não?
- 324 R Não.
- 090 325 TF ['nāw.]
- 326 P22 Você vai à igreja?
- 327 R Vô.
- 090 328 TF ['vo.]
- 329 P Quando?
- 330 R Domingo.
- 331 TF [du'mīgu.]
- 332 R Domingo, sábadu quandu tem eu vô... Começa ses hora,
333 temina seti.
- 090 334 TF [du'mīgu, 'sabd 'kwādutē o'vo...ko'mésa se'zóra, te'mina'séti.]
- 335 P23 Antônio, me fala do seu tempo de escola. Como é que era?
- 336 R Legau né. Brincava né. Istudava, lia lá.
- 093 337 TF [le'gaw'né. brī'kav'né. iStu'dava 'lia'la.]
- 338 R Na hora du recreiu nós ia brincã, di bola, nu campinhu.
- 094 339 TF [na'óra du Re'kreju 'nó'zia brī'ka, di'bóla, nu kã'pĩũ.]
- 340 R Aí... brincava cas guria lá tuméim... fazê pegã, i
341 brincava lá. Era bom né.
- 096 342 TF [a'i...brī'kav kaZgu'ria'la tūmbēj...fa'ze pe'ga,
343 ibrí'kava 'la. 'éra 'bōw 'né.]
- 344 P24. Você gostava da escola?
- 345 R Responde sim com a cabeça.

- 346 P É? Você tem realmente vontade de voltar prá escola?
 347 Só prá brincar ou prá aprender?
 348 R É pa istudá né, pa aprendê.
- 097 349 TF['é pa iStu'da'né, paprê'de.]
 350 P Na época que você estudou, aprendeu muita coisa?
 351 R Prendi poca né. Não deu pa istudá mutu...coiza assim.
- 100 352 TF[prê'di'poka'né. 'nō 'dew pa iStu'da'mūtu...'kojza'sí.]
 353 P Você se lembra mais ou menos do que aprendeu?
 354 R Agora faz mutu tempu co saí né... saí co tinha uns...
 355 uns onzi anu,
- 102 356 TF[a'gōra faZ'mūtu'tēpko sa'i'né...sa'i ko'tīña ũS...ũ'zōzi'anu,]
 357 R agora...sō tabalhi, trabalhei...onzi tenhu dizesseti né,
- 105 358 TF[a'gōra...'sō taba'li traba'lej...ōzi 'teñu dze'sét'né,]
 359 R tabalhei seis anu assim na pescaria, isqueci muitas
 360 coiza assim da iscola.
- 106 361 TF[taba'lej'sejzāna'sí na pSka'ria, iSke'si'mūjtaS'kojza
 362 'sí daiS'kōla.]
 363 P25 Você tem muitos amigos, vizinhos seus?
 364 R Ah, tem bastanti.
- 107 365 TF[a, 'tēj baS'tāti.]
 366 P26 É? Você briga muito com eles?
 367 R Não. Neim pensu im brigá.
- 108 368 TF['nāw. 'nēj 'pē'swíbri'ga.]
 369 P Não?
 370 R Só pegá amizadi.
- 109 371 TF['sō pe'ga ami'zadi.]
 372 P É? E por quê?
 373 R Ham...puque não gostu di brigá memu. Só si me renegá
 374 vê sim lá as coiza

- 110 375 TF[ã...pu'ke 'nãw'góst di bri'ga'memu. 'sósimiRne'ga
376 'vesi'la aS'koiza]
377 R pa brigã cum elis, cumeçã brigã. Aí eu brigo nê.
- 111 378 TF[pa bri'ga kã'eliS, kume'sa bri'ga. a'i 'ew 'brigo'nê.]
379 P27 Conte alguma coisa do lugar que você vive, de Sambaqui.
380 R É, aqui essa praia é boa nê, dá pa tomã bastanti banhu.
- 112 381 TF['é, a'ki 'ésa 'praja'éboa'nê, 'dapato'ma baS'tãti'bãnu.]
382 R Num é puluída é água limpa...si vê lá u ladu di lá du
383 ponta nê, Sambaqui.
- 114 384 TF[nũ'é pulu'ida'é'agwa'lípa...si v'lau'ladi'la du'põta
385 'nê, sãba'ki.]
386 T Lá dá pa tomã banhu legal, dá pa tomã banhu.
- 117 387 TF['la 'da pa to'ma'bãñule'gaw, 'dapato'ma'bãnu.]
388 R Ma...aqui tameim a praia num é muito bom qui tem...
389 bastanti lama.
- 118 390 TF[ma...a'kita'mêja'praja nã'é'mũtu'bõ.ki'tê...baS'tãti'lãma.]
391 R Quando ela seca mas fica cum lama, num tem...lá é
392 melhõ tomã banhu...água é mas crarinha.
- 120 393 TF['kãwãd 'éla'séka'maS 'fika kũ'lãma, nũ'têj...'lá'ême
394 'Íõ to'ma 'bãnu...'agwa'émaSkra'riña.]
395 R Du lugã aqui é a genti achava legau nê, o!
- 122 396 TF[du lu'ga a'ki 'é a'Zëtja'Savle'gaw'nê, o!]
397 P Você gosta daqui?
398 R Gostu.
- 122 399 TF['góstu.]
400 P28 Conte uma história.
401 R Essa história...nunca aconteceu.Sim.Nunca mi aconteceu
402 uma história pa pa mim ficã i ficã i preocupadu sim,nunca isqueci.
- 123 403 TF['ésa iS'tórja...'nũkakõte'sew. sí. 'nũkamiakõte'seũaiS'tória

- 404 pa pa'mĩ
- 130 405 TF['fika'i fi'ka'i præoku'padu sĩ, 'nũka iSke'si.]
- 406 P Nunca aconteceu uma histõria que vocẽ nunca esqueceu,
- 407 que achou muito bonita ou engraçada?
- 408 R Issu aí num sê dizê.
- 131 409 TF[sa'i nũ 'se di'ze.]
- 410 P Não lembra de nenhuma histõria, aí?
- 411 R Não.
- 134 412 TF['nãw.]
- 413 P Conta qualquer coisinha para gente.
- 414 R Possu dizê, possu dizê duma ilha intãõ?
- 135 415 TF['põs'dze, 'põs'dze dũma'eĩ i'tãw?]
- 416 P Pode dizer o que vocẽ quiser contar.
- 417 R A histõria eu fiquê...ache legau memu, quiria i bastanti
- 418 vez lâ nê, na ilha da Anhatomirim lâ.
- 137 419 TF[aS'tõrofi'ke...a'Se le'gaw'mēmũ, ki'ria'i baS'tāt 'vez
- 420 'la'nê, na'ifadañtomi'rĩ'la.]
- 421 R Ondi tem bastanti cobra assim cuelho...é...cuelho assim,
- 422 galinha, porcu.
- 139 423 TF['õd 'tēñ baS'tāti'kõbra'sĩ'kweĩu...'é...'kweĩa'sĩ,
- 424 ga'liña, 'poRku.]
- 425 R Ainda si tivê, qui tem bucadu di coiza ali dentru nê, u
- 426 restoranti... teim um cara teim um forti lâ nê, lâ im cima i...
- 141 427 TF[a'ida sti'vê, ki'tēñ bu'kadi'kojza a'li'dtru'nê, uStau'rāti...
- 428 'tēĩnũ'kara 'tējñũ'fõRti'la'nê, 'laĩ'sima i...]
- 429 P Como chama a praia?
- 430 R Não. Lã nu forti...aí eu fui lâ nê, aí achei legau
- 431 bastanti lâ. Aí queria i sempi lâ nê.
- 143 432 TF[...nãã. 'la nu'fõRti...'fuj'la'nê, a'i a'Sejle'gaw

- 433 bS'tāti'la, a'iki'ria i'sēpi'la'né.]
- 434 P E por que você não volta lá?
- 435 R Han? Puque não tem tempu, eu pescu...num tem tempu...
- 436 a vez eu voutu...
- 147 437 TF['ā? p'ke nā'tēj'tēpu, o'pēsku...nūtēj'tēpu...a'vez o'vōwtu...]
- 438 R A vez ainda quando vô é duminqu assim. Ainda vô pescá,
- 439 num tem?
- 149 440 TF[a'veza'ida 'kōdo'vo'ēdu'migu a'sī. a'ida'vo peS'ka, nā'tēj?]
- 441 P Ah, é? Sábado e domingo você pesca?
- 442 R Todu dia.
- 150 443 TF['tod'dia.]
- 444 P Você sai à tardinha e volta a que horas?
- 445 R Saiu uma hora, voutu sō oitu hora, novi hora, as veiz
- 446 chega mais tardi.
- 151 447 TF['saju'ūa'ōra, 'vōwtu'sō'oigtu'ōra, 'nōvi'ōra, az'vejz
- 448 'Sega 'majS'tardi.]
- 449 P Você não tem medo?
- 450 R Não.
- 153 451 TF['nāw.]
- 452 P Nunca aconteceu nada de estranho no mar?
- 453 R Sō, já acontecia quando peguê uma truvuada, cum eu i
- 454 um cara num tem,
- 153 455 TF['sō, 'Za akōte'sia 'kōdu pe'ge 'wā truvwa'da, kū'ew i
- 456 ū'kara ū'tēj,]
- 457 R chuva sim, ventu, aí eli bateu assim cum motô a popa
- 458 num tem, motô di popa,
- 155 459 TF['Suva sī, 'vētu, a'i'eliba'tewā'sikūmo'to a'popaū'tēj,
- 460 m'todi'popa,]
- 461 R aí nōs veimu lá da bataçu di cera, batelão assim cheiu

- 462 di ferru, di redi não tem,
- 156 463 TF[a'i 'nōZ'vjemu'la da ba'tasudi'sera, bate'lāw'sidi
464 'Redi 'nāw'tējñ,]
465 R aí nos butemu lâ deu deu um, caiu um ventão... daí eu
466 não vi mai nada, só, só onda i u mar né,
- 158 467 TF[a'i 'nōZbu'tem'la deu deū, ka'iw vē'tāw...da'i 'ew
468 'nāw'vi 'maj'nada, 'só, 'só'ōda i u maR 'né,]
469 R puque não dá pa vê terra nem u mar, nem, dá nem pa vê
470 terra, só mar.
- 159 471 TF[pu'ke'nāw'da pa've 'téRa 'nējū'maR, nējū, 'da'nējū
472 pa've 'téRa. 'só'maR.]
473 R Muta onda, a genti ia só pu baxu da onda, pecizu virã
474 né, daí lá...
- 160 475 TF['mūta'ōda, a'Zēti'ia'sōpu'baSu da'ōda, pi'sizu vi'ra
476 'né, da'i'la...]
477 R ali muitas vez é possivi qui... mi iscapê di morrê
478 aquela vez ali.
- 162 479 TF[a'li, mtaZve 'é po'siv k...mSka'pe dimo'Re a'kéla
veza'li.]
480 P29 Você conhece muita história de pescador?
481 R Não, di pescadô não...pocu.
- 162 482 TF['nāw, di pSka'do 'nāw...'poku.]
483 P Na vez que você disse que quase morreu, o que você sentiu?
484 R Fiquê sim cum medu né, aí... eu pensê né, si ela virã
485 eu vô quentá bem pa...
- 163 486 TF[fi'ke 'sīkū'medu'né, a'i...opē'se'né, 'sj'élavi'ra'ew
487 'vo gwē'ta'bējñ pa...]
488 R nela aí né gudadu na na lancha pa num, si não u mar
489 leva.... si u cara não nadã,

- 164 490 TF ['néla'i'négunānana'lāSa pa'nū, si'nāw u'maR'léva...
 491 sjw'kara 'nāwna'da,]
- 492 R aí qui segurá né, o ficá lá im cima li, té si vi otu
 493 cara li pa ajudá nōs.
- 167 494 TF[a'i ki sigu'ra'né, o fi'ka lí'sima'li, té'si'vi'otu
 495 'kara'li paZu'da'nōS.]
- 496 R Pensê assim, si eu pensu né, ocê cum uma um barcu virá,
 497 ocê pega um paneru,
- 168 498 TF[pē'sea'sī, si'ew'pēsu'né, o'se kuā'aūaūbaRkvi'ra o'se
 499 'pegū ũ pa'neru.]
- 500 R um paneru дума лā, дума redi uma tauba eu mi aguentu
 501 ali né ô, pa não morrê afogaðu né,
- 169 502 TF[ūpa'neru'dūalā, dūa'Redūa'tawba o mja'gwēta'li'né ô,
 503 pa'nāw mo'Re afo'gaðu'né,]
- 504 R ali u cara tá sauvu, tá segurandu, tá si mexendu ali,
 505 respirandu né.
- 171 506 TF[a'li u'kar'ta'sawvu, 'ta sigu'rād, 'ta si me'Sēda'li,
 507 RSpirādu.]
- 508 P30 Você gostaria de contar mais alguma coisa prá gente?
 509 R Eu sō tenhu pa contá é issu aí sō né i tá difici daí.
- 173 510 TF['ew'só'teñu pa kō'ta 'é'isa'i'só'né i 'tā di'fis da'i.]
- 511 R Nunca dei assim...
- 174 512 TF['nūka'dej a'sī...]
- 513 P Nunca conversou assim?
- 514 R É. Foi primera vez.
- 174 515 TF['é. fo pri'mera'veS.]

Local: Barra da Lagoa

Fita nº 5

Informante: 09 - T - 27 anos

Lado 2

- 001 P1 Como é o seu nome?
- 002 R Tereza
- 001 003 TF [te'rez]
- 004 P2 Há quanto tempo você mora aqui?
- 005 R Já moru um quarenta anos.
- 003 006 TF ['Za'móruũ kwa'rêta'ãnuS]
- 007 P3 Quarenta anos aqui?
- 008 R É.
- 004 009 TF ['é.]
- 010 P4 Como assim? Você não tem vinte e sete?
- 011 R Tenhu mais aí... ai já moru não moru aqui ca minha irmão.
- 005 012 TF ['teñumajza'i... aj'Za'móru'nãw'móru 'móra'kika'mĩnaiR'mãw,]
- 013 R então eu tenhu uma casinha nu otu ladu riu, mai lá já
- 014 moru quarenta anu lá,
- 006 015 TF [ẽ'tãwew'têñũaka'ziñanu'otu'ladu'Riu, maj'la 'Za'móru
- 016 kwa'rêta'ãnu'lã,]
- 018 R aí eu vim prá cá.
- 008 019 TF [a'iewvĩ'pra'ka.]
- 020 R Aí tô moranu cum minha vô, que meu pai tamém faleceu,
- 021 minha mãe,
- 009 022 TF [a'i'tomo'rãnuka'mĩña'vo, kemew'pajtã'mêfa'lesew, 'mĩa
- 023 'mãj,]
- 024 R tão são treis irmão, então nós viemu morá cum ela por-
- 025 qui eu tamém num tem marido num...
- 011 026 TF ['tãw'sãw'trejz'iR'mãw, i'tãw'nój vi'ẽmu mo'ra'kwêla
- 027 'pkjewta 'mênũ'têjma'ridu 'nũ...]
- 028 R faleci nós viemu morá cum ela.

- 013 029 TF [fale'si'nojvi'ēmu mo'ra 'kŵéla]
- 030 P3 Você disse que morou aonde antes?
- 031 R Lá nu otru ladu du riu. (Nesta resposta houve superpo-
032 sição de fala. A avô respondeu junto com a informante em questão)
- 014 033 TF ['lanuo'tru'ladu du'Riu.]
- 034 P Do outro lado do rio?
- 035 R É.
- 016 036 TF ['é.]
- 037 P4 Você gostaria de morar em outro lugar?
- 038 R Não. Prifiri morá aqui.
- 018 039 TF ['nāw. prifi'ri mo'ra'ki.]
- 040 P Por quê?
- 041 R Que prá mim é mais legau, mais, lugá mais mais tranqilu.
- 019 042 TF [ke'pramĩ'émajSle'gaw, majS, lu'gamajS majS trā'kwilu.]
- 043 P5 O que você faz durante o dia geralmente?
- 044 R Duranti u dia eu façu redi, limpu a caza, façu aumorçu,
045 lavu ropa, faiz bastanti coiza.
- 023 046 TF [du'rātju'diaew'faSu 'Redi, 'lípwa 'kaza, 'fasuaw'morsu,
047 'lavu'Ropa, fajbas'tāti'kojza.]
- 048 P6 Quando você não está trabalhando você faz o quê?
- 049 R Quandu num tō trabalhanu vō discansá.
- 029 050 TF ['kwānūtotraba'Īā 'vodiSkā'sa.]
- 051 P Como é que você discansa?
- 052 R Discansá eu vō dormi eu...
- 031 053 TF [diSkā'sa o'vo doR'mi o...]
- 054 P7 Sai para passear?
- 055 R A veiz sai pā passiā, não todas veiz nē, a veiz nē cum...
- 033 056 TF [a'vejS saj'pa pasi'a, 'nāw'todaz'vejz'nē, a'veiz'nē kū...]
- 057 P8 Você pratica algum esporte?
- 058 R Não.

- 036 059 TF ['nãw.]
060 P Nunca praticou?
061 R Emite um som mostrando que não.
062 P9 Você costuma ir a praia?
063 R A vezi vô quando dá assim...
- 038 064 TF [ajve'zi 'vo 'kwõdu'da'sí...]
065 P10 Em que praia você costuma ir?
066 R Da barra.
- 039 067 TF [da'baRa.]
068 P11 Sô na Barra que você vai assim?
069 R Sô.
070 TF ['sô.]
071 P12 Por que você sô vai a Barra?
072 R É puque a genti num tem assim...
- 042 073 TF ['épu'ke a'Zétinũ'tēja'sí...]
074 R a genti tamém num vai saí pur aí sozinha né, purque
- 043 075 TF [a'Zétita'mênũ'vajsa'i pura'i sô'ziña, 'né, pu'ke]
076 R as coiza agora é multi diferente, saí pur aqui sozinha,
077 as veiz...
- 044 078 TF [aS'kojza'góra 'é mũjtudife'rēti sa'ipura'kisô'ziña,
079 a'vej s...]
080 R ah, então prifiru ficã qui qui tá nu meu lugã todú
081 inundo mi conheci.
- 045 082 TF [aí'tãw pri'firufi'ka'ki'ki'tanumewlu'ga 'todu'mũdu
083 mi ko'nési.]
084 P13 Você costuma ir a festas?
085 R Custumu. Eu vô à festa.
- 048 086 TF [kuS'tumu. ew'voa'fēSta.]
087 P14 Que tipo de festa?
088 R São Sebastião, São Pedru aqui da Barra.

- 049 089 TF ['sãwsebaSti'ãw, sãw'pedru a'kida'baRa.]
 090 R VÔ à tamém à missa toda noiti, todú domingu à noiti
 091 tamém vô à missa.
- 050 092 TF ['voa ta'mêa'misa 'toda'nojti, 'todudu'mígu a'nojti
 093 ta'mê 'voa'misa.]
 094 P15 O dinheiro que você ganha dá para viver bem?
 095 R Mais ou menos. Dá pra nada né, micharia.
- 053 096 TF [majzo'menus. 'da'pa'nada'né, miSa'ria.]
 097 P16 Você está satisfeita com a vida que você está levando?
 098 R É já tevi...tô saxisfeita puque a genti podi fazê mais,
 099 né, dê,
- 056 100 TF ['é'Zate'vi...'tosaSiS'fejtapu'kea'Zêti'pódifa'zemaJS,
 101 'né'de,]
 102 R tinha que confoumá cum issu aí qui a genti ganha né.
- 058 103 TF ['tĩnakikōfow'makūisa'ikja'Zêti'gãña'né.]
 104 17P Você é casada?
 105 R Soutera.
- 060 106 TF [sow'tera.]
 107 P18 O que você acha do casamento?
 108 R É achu cazamentu prá quem vévi bem é bom mas prá quem
 109 não vévi bem já num...
- 061 110 TF ['é 'aSukaza'mêtu'pra'kêj'vévi'bêj 'é'bōwmas'pra'kêj
 111 'nãw 'vévi'bêj'Za'nũ...]
 112 P19 Você disse que vai a igreja, né? Quando?
 113 R É todú domingu à noiti tem tem a missa, intão eu num
 114 eu vô.
- 065 115 TF ['é 'todo'míga'nojti'têj 'têja'misa, i'tãwewnũ ew'vo.]
 116 R Eu gostu di ouvi a palavra di Deus.
- 067 117 TF [ew'gōStu djow'viapa'lavradi'dewS.]
 118 p20 Você já frequentou escola?

- 119 R Já, já frequente né foi u primeru anu qui eu sa... eu
120 saí nu primeru anu.
- 069 121 TF ['Za, 'Zafrekē'te'né 'fojupri'merānu'kjewsa...ewsa'inu
122 pri'meru'ānu.]
- 123 P21 Por que você parou?
- 124 R Parô porque não tinha professora naquela tempu assim
125 qui eu istudê.
- 072 126 TF [pa'ropuR'ke'nāw'tiñaprofe'sorana'keli'tēpa'sikjewiStu'de.
127 R num tinha essas coiza comu tem agora.
- 074 128 TF [nū'ti'ñésaS'kojza'kōmu'tēja'góra.]
- 129 P22 Você gostaria de começar de novo?
- 130 R Ah, si eu tivessi uma oportunidade di eu... eu ia is-
131 tudá di novu né.
- 074 132 TF ['a, si ewti'vési ũaopoRtuni'da'djew...euiaiStu'dadi
133 'novu 'né,]
- 134 R Sim cum as minha condição não dá prá...
- 076 135 TF ['sĩ'kūaS 'miñakōdi'sāw'nāw'da'pra...]
- 136 P Mas está animada a voltar, né, se tiver condição?
- 137 R Tô. Tem.
- 078 138 TF ['to. 'tēj.]
- 139 P23 Como é que você se relaciona com os seus vizinhos?
- 140 R I eu, bem.
- 081 141 TF ['iew, 'bēj.]
- 142 P Tem amizade com todos?
- 143 R Todos.
- 082 144 TF ['toduS.]
- 145 P Sai muita briga entre eles?
- 146 R Não.
- 083 147 TF ['nāw.]
- 148 P Nunca?

- 149 R Nunca.
- 084 150 TF ['nūka.]
- 151 P Ninguém puxa briga?
- 152 R Não.
- 085 153 TF ['nāw̃.]
- 154 P Não?
- 155 R Não.
- 085 156 TF ['nāw̃.]
- 157 P É povo bom, heim!
- 158 P24 Queria que você me contasse alguma coisa daqui da Barra
 159 ra que você ache interessante. Pode ser das pessoas, do
 160 modo de vida que levam aqui, da natureza. Alguma coisa
 161 que você goste, ache interessante ou não.
- 162 R Ah, eu, prá mim aqui achu qui é tudu interessanti.
- 092 163 TF [a, ew, 'pra'miã'ki'aSuki 'é'tudu itere'sāti.]
- 164 P Então conte alguma coisa que você ache interessante daqui
- 165 R Achu aqui na Barra são assim ó são us pessuau bom prá
 166 genti, num tem,
- 096 167 TF ['aSua'kina'baRa'sāw̃ a'siō 'sō'uSpesu'aw 'bōw̃'pra'Zēti,
 168 nū'tēj,]
- 169 R Cum a genti num lugá bom di morá, di uma pessoa sim
 170 cu são tudu legau.
- 098 171 TF [k̃w̃a'Zētínūlu'ga'bōwdimo'ra di ũape'soa'síku 'sāw̃'tudu
 172 le'gaw̃.]
- 173 P Com relação a praia, o que você acha da praia?
- 174 R Achu qui a praia aqui prá mim achu ela legau né.
- 104 175 TF [a'Sukja'praja'ki 'pramiã'Séla le'gaw̃'nē.]
- 176 P Você a acha bonita?
- 177 R Bunita, sim prá mim qui moru aqui prá mim é a praia mais
 178 bunita qui tem.

- 107 179 TF [bu'nita, sí'pramiki'móra'ki 'pramĩ'éa'prajamajbu'nita
180 ki'těj.]
181 P Você conhece outras?
182 R Só praia Moli, Juaquina, issu aí eu cunheçu, agora as
183 ota não, num cunheçu.
- 109 184 TF ['sô'praja 'móli, Zua'kina, isa'iewkũ'ñesu, a'góra'zota
185 'ña, nũkũ'ñesu.]
186 P25 Eu queria que você contasse uma história que pode ter
187 acontecido com você ou com algum conhecido e que gos-
188 tou muito ou que não gostou.
189 R Ah, eu num sê. Negóciu di istora sim eu... num sê con-
190 tá negóciu de istora.
- 112 191 TF ['a,ewnũ'seZ, ne'gôsudiS'tora'siõ...nũsekõtane'gõsu
192 iS'tóra.]
193 P26 Você já correu perigo de vida?
194 R Eu já.
- 120 195 TF ['ew'Za.]
196 P Conta como é que foi.
197 R Poblema di...qui eu tivi nu hospitau, tivi um mês i pocu,
121 198 TF [po'blēmadi...'kjew'tivinwoSpi'taw, 'tivũ'mezi'poku,]
199 R poblema qui eu tirê u rim. Tivi riscu di vida né?
122 200 TF [po'blēmakjew ti'rew'Rĩ. 'tivi'RiSkudi'vida'né?]
201 R Qui eu caí sim numa pedra i... i bati cum issu aqui as-
202 sim na pedra i...
- 123 203 TF [kjewka'i'sĩnwa'pédrai... iba'ti kũwisa'kia'sĩna'pédra
204 i...]
205 R tivi até na UTI pá morrê, mas mas tivi vida.
- 125 206 TF ['tiva'ténaute'i'pa mo'Re 'maS 'maS'tivi'vida.]
207 P Mas se salvou, né?
208 R Sauvô.

- 127 209 TF [saw'vo.]
- 210 P Mas ficou bem depois?
- 211 R Sinal positivo com a cabeça.
- 212 P27 Você já viajou. Tereza?
- 213 R Já prá assim prá lugá longi não. Só i pá i nu centru
- 214 assim já,
- 129 215 TF ['Za'pra'sí'pralu'ga'lōZi'nāw. 'só'i'pa'inu'sētra'sí'Za,]
- 216 R Mas prá longi assim nunca fui.
- 217 TF [maS'pra'loZja'sí'nūka'fuj.]
- 218 P28 Você costuma ir muito ao centro?
- 219 R Não, a veiz passu cincú, sei dia qui não vô, hoji eu
- 220 já vô,
- 131 221 TF ['nāw, a'vejs pa'su 'síku, sej'diaki'nāw'vo, 'oZi ew
- 222 'Za'vo,]
- 223 R aí depois passu cincú, sei dia qui eu não vô, assim qui
- 224 eu tenho.
- 225 TF [a'i de'pojs pa'su'síku, sej'diako'nāw'vo, a'sí 'kjew
- 226 'tēñu.]
- 227 P29 Quando você vai prá lá, costuma fazer o que?
- 228 R Ué a genti vai fazê... vai nu médicu, vai...
- 134 229 TF [u'é a 'Zētivajfa'ze... vajnu'médiku, vaj...]
- 230 R hoji já tem qui lá fazê, arrumá um negóciu um poblema
- 231 qui deu na minha lugi aí, ligação,
- 136 232 TF ['oZi'Za'tējki'lafa'zeaRu'maũne'gōsuũpo'blemaki'dew
- 233 na'miña'luZia'i, liga'sāw,]
- 234 R tem qui i, lá na CELESC arrumá issu aí, hoji.
- 137 235 TF ['tējkji'lanase'lēskjaRu'maisa'i, 'oZi.]
- 236 R Fazê compra, essas coiza né qui a genti vai nu centru
- 237 só prá issu.
- 138 238 TF [fa'ze'kōpra, 'ésas'kojza'né kja'Zētivajnu'sētru'só

- 239 'pra'isu.]
- 240 P30 E não tem nada de interessante daqui que você queira
241 contar prá gente ou que tenha acontecido com você?
- 242 R Não, cumigu num acontece nada assim.
- 143 TF ['nãw, ku'migu nũ akõtê'se'nada'sĩ.]
- 244 P31 Você lembra de alguma arte interessante que você fez
245 quando era criança?
- 246 R Não, issu eu não mi lembro.
- 146 247 TF ['nãw, i'suew'nãwmi'lêbru.]
- 248 P Não era arteira, não?
- 249 R Não. Num sê, num mi lembro né, era piquena, a genti...
- 147 250 TF ['nãw. nũ'se, nũmi'lêbru'nê, 'érap'i'kena, a'Zêti...]
- 251 R si eu fazia, si eu fazia, mas num mi lembro.
- 149 252 TF ['sjewfa'zia, 'sjewfa'zia, manũmi'lêbru.]
- 253 P32 E quando era moçinha, saía muito, namorava?
- 254 R Ah, quandu era moçinha saía, namorava.
- 152 255 TF [a'kwã'dêra mo'sĩnsa'ia, namo'rava.]
- 256 P33 É? E o que mais você fazia?
- 257 R A genti saía assim, a veiz num falava nada pá minha
258 mãe, ia pu baili sim tudu cum as ota coleguinha, num
259 tem,
- 154 260 TF [a'Zêtisa'ia'sĩ, a'vejsnũ fa'lava 'nada'pa'miãna'mãj,
261 ja'iapu'bajli'sĩ'tudu kaS'ota kolé'gwiãna, nũ'têj,]
- 262 R devirti né, porque as otra tamém ia.
- 156 263 TF [deviR'ti'nê, pu'kea'zota ta'mêj'ia.]
- 264 P34 Baile você costuma ir muito?
- 265 R Baili ainda vô.
- 158 266 TF ['bajlia'ída'vo.]
- 267 P35 E você faz o que nos bailes?
- 268 R Vai dançá né.

159 269 TF ['vajdã'sa'né.]

270 P36 Você dança o quê?

280 R Genti aqui tá acostumadu dançã vanerão.

161 281 TF ['Zētia'ki'taakuStu'mad dã'sa vane'rãw.]

282 P Vanerão.É daqui este tipo de dança ou é do Rio Grande
283 do Sul?

284 R Ah, du Riu Grandi du Suu.

164 285 TF [a, du'Riu'grãdidu'suw.]

ANEXO 5

RELAÇÃO DOS INFORMANTES

N9	Nome	Sexo	Idade	Localidade
11	ACS	masculino	17	Sambaqui
2	ZMM	feminino	28	Sambaqui
3	LRF	masculino	25	Ribeirão da Ilha
4	IFA	feminino	20	Ribeirão da Ilha
5	AC	feminino	15	Canto da Lagoa
6	M	masculino	19	Canto da Lagoa
7	DG	masculino	18	Ratones
8	NOM	feminino	27	Ratones
9	T	feminino	27	Barra da Lagoa
10	D	masculino	18	Barra da Lagoa